

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGlin)

SAVANNA SOUZA DE CASTRO PEREIRA

**UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DAS VARIANTES NEGATIVAS *NÃO E*
NUM NO PORTUGUÊS FALADO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

VITÓRIA DA CONQUISTA, BA

2018

SAVANNA SOUZA DE CASTRO PEREIRA

**UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DAS VARIANTES NEGATIVAS *NÃO E*
NUM NO PORTUGUÊS FALADO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA, BA

2018

Pereira, Savanna Souza de Castro.

P495e Um estudo sociofuncionalista das variantes negativas *não* e *num* no português falado de Vitória da Conquista. / Savanna Souza de Castro Pereira, 2018.
130f.

Orientador (a): Dra. Valéria Viana Sousa.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin. Vitória da Conquista, 2018.
Inclui referência F. 118 – 122.

1. Sociolinguística – Variação e mudança linguística. 2. Negação – *Não/Num*. 3. Sociofuncionalismo. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin. T. III.

CDD: 410

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The sociofunctionalism study of variants negatives *não* and *num* of spoken portuguese in Vitória da Conquista

Palavras-chave em inglês: Negation. Sociolinguistic. Functionalism. Sociofunctionalism. Function

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB); Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva (UEPB)

Data da defesa: 06 de abril de 2018

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

SAVANNA SOUZA DE CASTRO PEREIRA

UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DAS VARIANTES NEGATIVAS NÃO E
NUM NO PORTUGUÊS FALADO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 06 de abril de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB

Ass.: Jorge Augusto Alves da Silva

Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva
Instituição: UFPB

Ass.: Camilo Rosa da Silva

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus, sou eternamente pela dádiva da vida, por me conceder a sabedoria e o discernimento no tempo certo para trilhar mais uma etapa.

À UESB e ao PPGLin, pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À CAPES, pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

À FAPESB, por financiar essa dissertação e me proporcionar dedicação exclusiva aos estudos.

À Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa que, durante toda a minha vida acadêmica, acreditou no meu potencial em alçar voos cada vez mais altos; pelas orientações cuidadosas e pelo carinho demonstrado em cada encontro.

Ao Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, por compartilhar seu conhecimento e pelas contribuições significativas na leitura do meu trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Cristiane Namiuti Temoni, pela disposição em participar da banca da qualificação com pontuações tão objetivas e relevantes.

Ao Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva pelas contribuições na banca de defesa.

Aos funcionários e à coordenação do PPGLin, pelo atendimento cordial.

À Luana Coelho e Gilsileide (Gil), por me incentivarem a tentar o processo seletivo do mestrado. Suas palavras foram motivadoras para iniciar e concluir essa etapa.

Aos meus colegas de mestrado, em especial Nay, Gil, Zane, Mara, Juli e Jane, por terem sido verdadeiros amigos ao compartilharmos as vitórias e as angústias e por tornar cada momento mais leve e descontraído.

Aos meus pais, José e Elinoildes (Li), por serem exatamente como são, incentivadores, apoiadores, e, acima de tudo, dadores de amor, de tempo e de carinho. A vocês, tenho eterna gratidão.

À minha querida irmã Ilana, que, com seu jeito especial de ser, fez e faz com que a minha vida tenha um sentido único.

Ao meu esposo, Sávio, que, durante o percurso acadêmico, foi meu porto seguro, demonstrando compreensão nas minhas ausências e acreditando no meu potencial.

Aos meus amigos, que vibraram pelas minhas vitórias e torceram para que essa etapa fosse repleta de êxito.

RESUMO

Nesta dissertação, investigamos a negação sentencial com o item negativo *não* e a variante fonológica *num* nas perspectivas morfosintáticas, fonológicas e semântico-discursivas, a fim de reafirmar as posições sintáticas do elemento negativo (*não /num*) e atestar as novas funções semânticas na oralidade. O aporte teórico que embasa essa pesquisa é da Sociolinguística Laboviana, que consiste em analisar os fatores linguísticos e sociais que atuam no processo da variação e da mudança linguística; da teoria Funcionalista, com princípio da gramaticalização desenvolvido por Hopper (1991) Hopper e Traugott (2003); e do Sociofuncionalismo, nos quais nos apoiamos para a análise dos dados. Do ponto de vista metodológico, foram adotados os pressupostos metodológicos labovianos. Os *corpora* utilizados são constituídos de 24 (vinte e quatro) entrevistas, sendo 12 (doze) extraídas do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e 12 (doze) extraídas do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*), ambas referentes ao vernáculo da cidade de Vitória da Conquista - Bahia. Os resultados quantitativos evidenciaram que: a) a negação com o item *não* e *num* está em variação linguística; b) as posições sintáticas pré-verbal e dupla negação favorecem a ocorrência do *num* e, em posições pré- e pós-constituente, o uso do *não* é categórico; c) as funções inovadoras de manobra discursiva e introdutor discursivo com o item linguístico *não* atestam o princípio da gramaticalização; d) os fatores sociais evidenciaram que o a maior produção da variante padrão ocorreu com informantes cultos, a maior frequência da negação do *não* foi realizada pelos informantes da faixa I e a maior realização da variante reduzida por informantes do sexo feminino. Com os nossos resultados, constatamos a variação estável das variantes *não* e *num* no vernáculo conquistense, em especial, o item linguístico *não* que tem adquirido novas funções semântica-pragmáticas de introdutor discursivo e manobra discursiva, atestando, assim, o princípio da gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE

Negação. Sociolinguística. Funcionalismo. Sociofuncionalismo. Função.

ABSTRACT

This work investigates the a sentential negation of the negative item and *não* the phonological variant *num* in the morphosyntactic, phonological and semantic-discursive perspectives, in order to reaffirm the syntactic positions of the negative element (*não* / *num*) and attest to the new semantic functions, in the orality. The theoretical contribution that underpins this research is from the Labovian Sociolinguistics, which consists of analyzing the linguistic and social factors that act in the process of variation and linguistic change, from the Functionalist theory, with the principle of grammaticalization developed by Hopper (1991) Hopper and Traugott (2003); and the Sociofunctionalism, in which we rely on data analysis. From the methodological point of view, the methodological assumptions of Sociolinguistics were adopted. The *corpora* used are constituted of 24 (twenty-four) interviews, of which 12 (twelve) are extracted from the Corpus of the Popular Portuguese of Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) and 12 (twelve) extracted from the Corpus of the Formal Portuguese of Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*), both referring to the vernacular of the city of Vitória da Conquista, Bahia. The quantitative results showed that: a) the negation with the item *não* and *num* is in linguistic variation; b) the pre-verbal syntactic positions and double negation favor the occurrence of the *num* and in pre- and in post-constituent positions the use of is *não* categorical; c) the innovative functions of discursive maneuver and discursive introducer with the linguistic item “*não*” attest the principle of grammaticalization; d) social factors evidenced that the highest production of the standard variant occurred with educated informants, the higher frequency of the negation of *não* by informants in zone I, and the greater realization of the reduced variant by female informants. Therefore, we note the stable variation of *não* and *num* in the vernacular of the people from Vitória da Conquista, in particular, the linguistic item “*não*” that has acquired new semantic-pragmatics functions of discursive introducer and discursive maneuver, thus attesting the principle of grammaticalization.

KEY WORDS

Negation. Sociolinguistic. Functionalism. Sociofunctionalism. Function.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Informantes do <i>Corpus</i> Português Culto de Vitória da Conquista	76
QUADRO 2: Informantes do <i>Corpus</i> Popular de Vitória da Conquista	77
QUADRO 3: Distribuição do quadro de variantes negativas	87
QUADRO 4: Estrutura da negação	89
QUADRO 5: Estrutura do verbo	91
QUADRO 6: Semântico-Pragmático	92
QUADRO 7: Escopo da negação	96
QUADRO 8: Complemento verbal	97
QUADRO 9: Nível de escolaridade	98
QUADRO 10: Faixa Etária	99
QUADRO 11: Sexo	100
QUADRO 12: Estrutura da negação e escopo da negação	102
QUADRO 13: Estrutura da negação e Elipse do complemento verbal	104
QUADRO 14: Faixa Etária e Nível de escolaridade	105
QUADRO 15: Faixa Etária e Sexo	107
QUADRO 16: Semântica Pragmática e Escopo da negação	108
QUADRO 17: Estrutura da negação e Semântica pragmática	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.1 Sociolinguística e seu objeto de estudo: variação e mudança linguística	15
1.2 Funcionalismo e seus pressupostos teóricos	19
1.2.1 Gramaticalização.....	23
1.3 Sociofuncionalismo	33
A análise do fenômeno da negação realizada nesse estudo é respaldado pelo duplo enfoque da articulação de pressupostos teóricos e conceituais da Sociolinguística e do Funcionalismo, que até a década de 80 eram desenvolvidas em âmbitos diferentes da linguística. Essa junção entre teorias, que tomam a variação do ponto de vista da função discursiva e a explica por meio dos princípios funcionais, resultou na teoria Sociofuncionalista. Sobre a união dessas duas correntes, Tavares (2003) comenta que essa não é uma tarefa simples já que o	33
casamento teórico entre o funcionalismo linguístico voltado ao estudo da gramaticalização e a sociolinguística variacionista laboviana ocorre como uma conversa na diferença, pelo ajuste dinâmico, contextual, e transitório entre conceito e pressupostos teórico-metodológicos advindo de cada modelo ‘mãe’. (TAVARES, 2003, p. 94).....	33
1.4 Uma visão geral da seção	35
2 DOS DICIONÁRIOS ÀS GRAMÁTICAS: AS DEFINIÇÕES DE NEGAÇÃO	36
2.1 A caminho dos dicionários	36
2.2 O percurso histórico: as gramáticas históricas.....	40
2.3 A estrada da tradição: gramatical e linguística	43
2.4 A via descritiva: gramáticas descritivas	45
2.5 Visão geral da seção.....	56
3 OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE A NEGAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE TEÓRICOS	57
3.1 Com a palavra: os estudiosos da negação e suas variantes.....	57
3.2 Com a palavra os estudiosos da variante: [V Não].....	61
3.3 Com a palavra os estudiosos da variante: [Não V Não]	64
3.4 Visão geral da seção.....	74
4 METODOLOGIA.....	76

4.1 Métodos e Procedimentos	76
4.2 Corpora	76
4.3 Entrevistas	77
4.4 Coleta de Dados	79
4.5 Análise Quantitativa.....	79
4.6 Variável Dependente	80
4.7 Variáveis Independentes	81
4.7.1 Grupo 1: Estrutura da negação	81
4.7.2 Grupo 2: Semântico-Pragmático	83
4.7.3 Grupo 3: Estrutura do Verbo	84
4.7.4 Grupo 4: Escopo da negação	84
4.7.5 Grupo 5: Elipse do sintagma verbal.....	85
4.8 Variáveis Extralinguísticas	86
4.8.1 Grupo 6: Escolaridade.....	86
4.8.2 Grupo 7: Sexo	87
4.8.3 Grupo 8: Faixa Etária.....	87
5 A NEGAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONQUISTENSE: ANÁLISE DE DADOS	89
5.1 Variáveis Dependentes Linguísticas.....	89
5.1.1 Valores totais das variantes.....	89
5.1.2 Grupo 1: Estrutura da negação	90
5.1.3 Grupo 2: Estrutura do verbo	93
5.1.4 Grupo 3: Semântico- Pragmática	94
5.1.5 Grupo 4: Escopo da Negação.....	98
5.1.6 Grupo 5: Elipse do sintagma verbal.....	99
5.2 Grupo de fatores sociais.....	100
5.2.1 Escolaridade.....	100
5.2.2 Faixa etária.....	101
5.2.3 Sexo	101
5.3 Uma análise cruzada de dados	103
5.3.1 Cruzamento 1: Estrutura da negação versus escopo da negação	103
5.3.2 Cruzamento 2: Semântico-Pragmática e Escopo da Negação.....	106
5.3.3 Cruzamento 3: Estrutura da Negação e Semântica Pragmática.....	107
5.3.2 Cruzamento 2: Estrutura da Negação e Elipse do Sintagma Verbal	108

5.3.4 Cruzamento 4: Faixa Etária e Nível de Escolaridade.....	108
5.3.5 Cruzamento 5: Faixa Etária e Sexo.....	110
5.3.6 Visão geral da seção	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	118
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

Negar é um mecanismo comum a todas às línguas. No entanto, em cada uma, os falantes encontram estratégias linguísticas diferentes para expressá-la, através de recursos fonológico, morfológico e sintático e, às vezes, pela combinação deles. No Português Brasileiro, não é diferente. Temos vários elementos na língua que expressam a negação, por exemplo, os advérbios negativos, *nunca*, *jámais*; os pronomes indefinidos, tal como, *ninguém*, e, no que tange à morfologia, utilizamos o prefixo *a-*, nos casos como, *anormal*, e, do ponto de vista fonético-fonológico, usamos a prosódia em elementos que, em princípio, não expressam a negação, como o item *agora*. Embora essas estratégias sejam recorrentes na língua e muito produtivas, apenas o elemento *não* é o categórico em modificar o valor de verdade dos enunciados com mobilidade sintática.

Interessados em estudar a negação sentencial com o item negativo *não* e a variante fonológica *num*, propomo-nos a realizar este estudo no qual abordamos o item linguístico *não/num* em perspectivas morfossintáticas, fonológicas e semântico-discursivas.

Conforme as gramáticas tradicionais e normativas (ROCHA LIMA (1915;1991;2003) SILVEIRA BUENO (1944); CUNHA E CINTRA (1985; 2001; 2003) e BECHARA (2004)), o *não* é classificado como advérbio negativo que se posiciona, *a priori*, à esquerda do verbo ou de outros elementos, tais como, advérbio e adjetivos. No entanto, ao observar as realizações da negação na língua em uso, verificamos que a partícula negativa tem desempenhado posições diferentes das postuladas pelas gramáticas tradicionais. Observamos, por exemplo, as posições sintáticas do *não* antes do verbo (pré-verbal: “*Não vou*”), dois elementos negativos intercalando um verbo ou uma oração, isto é, a dupla negação: “*Não/Num vou não*” e, ainda, o *não* após o verbo (pós-verbal: “*Vou não*”).

O desgaste fonológico é outra evidencia da alta produtividade do elemento na língua, comprovado por autores como Furtado da Cunha (1996), Cavalcante (2007) e Ferreira (2014), que constata que há, ao lado do *não*, diferentes formas fonológicas de realizá-lo, como, por exemplo, a variante reduzida *num*. Levando em consideração os estudos linguísticos, ao lado da forma *não*, a forma *num*, também, foi eleita como objeto de estudo desta dissertação.

A frequência de uso do *não* na oralidade fez com que duas novas funções semântico-discursivas fossem adquiridas pelo item em contextos específicos de ocorrências, como mostraremos detalhadamente no decorrer dessa dissertação. Diante dos dados encontrados, verificamos que o *não* exerce a função de correção pontual na oralidade, por isso, atribuímos

à classificação de *manobra discursiva*. Eis um excerto, retirado dos *corpora*, que nos levou a constatação:

(01)Eu senti que o agí de Deus foi diferente na minha vida, parecendo que... parece que eu botei minha fé em ação... parece *não* com certeza [pus] minha fé em ação e tudo mudô na minha vida... aí pra mim meu interesse totalmente é mais voltado pra evangélica neste momento (G.N.B. Fem. Faixa I PPVC).

Outra função percebida foi a de *introdutor discursivo*. Essa consiste na ocorrência do *não* no início do turno conversacional, pelo informante, para introduzir a fala, desempenhando; assim, o papel de conjunção. Observe:

(02)DOC: É, você não tem irmãos, você acha que na sua infância isso fez falta?
INF: NÃO, por que eu sempre fui ligada aos meus primos. (L.C.S. Fem. Faixa I PCVC)

O aporte teórico que embasa nossas discussões é da Sociolinguística, que consiste em analisar os fatores linguísticos e sociais que atuam no processo da variação e da mudança linguística; da teoria Funcionalista, com princípio da gramaticalização desenvolvido por Hopper (1991) Hopper e Traugott (2003); e do Sociofuncionalismo, nos quais nos apoiamos na análise dos dados. Em linhas gerais, a gramaticalização refere-se à mudança gradual de um termo na língua em que um item lexical passa a ser gramatical ou um item gramatical passa a ser mais gramatical (HEINE; CLAUDI; HÜNNERMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003, dentre outros).

As variações sintáticas, o desgaste fonológico e o desbotamento semântico têm contribuído para que o *não* torne-se um elemento mais autônomo, por isso o objetivo geral desta dissertação é o confirmar as posições sintáticas da negação e investigar novas funções que a partícula negativa *não* tem adquirido na oralidade dos falantes cultos e populares do vernáculo conquistense por meio de análises quantitativas e qualitativas. Além disso, esse estudo tem por finalidade verificar se a negação está em processo de gramaticalização.

A hipótese apresentada a respeito disso é a de que a negação no Português Brasileiro está no processo de gramaticalização e esse fato é atestado pelo desgaste fonológico da forma *não* para *num*, pelas ampliações das posições sintáticas e, principalmente, pelo desbotamento semântico da negação. Questões, essas, que serão aprofundadas no decorrer dessa dissertação. Levando em conta todo o arcabouço teórico, nesta dissertação possuímos os seguintes objetivos específicos:

- (i) comparar o comportamento da negação com outros estudos linguísticos;
- (ii) descrever como as gramáticas e dicionários conceituam a classe dos advérbios e, prioritariamente, o *não*;
- (iii) verificar quais fatores linguísticos e sociais influenciam a ocorrência das variantes *não* e *num*;
- (iv) verificar se o fenômeno da negação está em variação estável ou em mudança em progresso;
- (v) investigar a frequência da ocorrência das variantes nos informantes culto e popular de Vitória da Conquista;
- (vi) analisar as funções semânticas inovadoras do item *não*;
- (vii) descrever os estágios do princípio da gramaticalização do item *não*.

O desenvolvimento metodológico foi realizado de acordo com pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, portanto selecionamos 24 (vinte e quatro) entrevistas para compor nossos *corpora*, sendo 12 (doze) entrevistas extraídas do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*) e 12 (doze) retiradas do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*), ambas referentes ao vernáculo da cidade de Vitória da Conquista, Bahia.

Os informantes que compõem os *corpora* estão estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (de 15 a 25 anos; de 26 a 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (sem escolaridade ou até 5 anos; mais de 11 anos de escolaridade). Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa *GoldVarb X*.

O presente trabalho contém, além da *Introdução*, seis seções, assim organizadas.

Na primeira seção, a *Fundamentação Teórica*, descrevemos os principais conceitos da Sociolinguística, do Funcionalismo e, principalmente, da gramaticalização e, por fim, apresentamos o Sociofuncionalismo, com o intuito de embasar a análise de dados e averiguar a aplicabilidade da teoria ao objeto de estudo. Para tanto, recorreremos a Weinreich, Labov e Herzog, (2004 [1968]), Heine *et al.* (1991), Hopper & Traugott, (1993), Givón, (1995) e Braga (1987, 1991).

Na segunda seção, *Dos dicionários às gramáticas: as definições de negação*, apresentamos as primeiras descrições da negação pelos dicionários, pelas gramáticas prescritivas, bem como em gramáticas científicas, a fim de verificar os conceitos da classe dos advérbios e, por sua vez, da negação.

Na terceira seção, *Os estudos linguísticos sobre a negação: um diálogo entre teóricos*, descrevemos, brevemente, alguns trabalhos linguísticos, mais especificamente, aqueles que estudam a negação e suas variantes na língua em uso. E, a partir da seção 3, elencamos os fatores linguísticos e extralinguísticos para analisar a negação, com o intuito de compor a quarta seção, desta dissertação, a *Metodologia*.

Por fim, a quinta seção, *A negação do português brasileiro conquistense: análise de dados*, constitui-se como a culminância da aplicabilidade da teoria nos dados. E, sequencialmente, trazemos, para encerrar, as *Considerações Finais*.

A execução deste estudo poderá contribuir para ampliar os bancos de dissertações, teses e estudos acadêmicos sobre a negação, apresentando, sempre que possível, uma nova interpretação das ocorrências, pautadas nas teorias linguísticas. Desse modo, a análise criteriosa dos dados servirá como fonte para estudos posteriores sobre o fenômeno da negação e, em especial, sobre o vernáculo conquistense. Ademais, esforçamo-nos em tornar esse estudo um documento da língua falada, pois acreditamos que, na língua e pela língua, nossas identidades ficam marcadas.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, abordaremos os principais conceitos das correntes teóricas que nortearam esse trabalho. São apresentadas questões sobre a Sociolinguística, Funcionalismo Norte-Americano, tendo em vista a gramaticalização, bem como do Sociofuncionalismo. Tais apontamentos são imprescindíveis para compreender a variação dos itens negativos *não/num* e, então, responder a questão levantada anteriormente sobre a negação: *A negação está em processo de variação estável ou em mudança em progresso?*. Para esse diálogo, traremos, dentre outros, como principais autores Weinreich, Labov e Herzog, (2004 [1968]), Heine *et al.* (1991), Hopper & Traugott, (1993), Givón, (1995), Braga (1987, 1991).

1.1 Sociolinguística e seu objeto de estudo: variação e mudança linguística

O surgimento da Sociolinguística e o estudo sistemático da heterogeneidade linguística surgem na década de 60 com o trabalho publicado por Labov (2006 [1968]), em 1963, sobre as variações fonéticas da comunidade da Ilha de Martha's Vineyard que tinha como principal objetivo averiguar aspectos sociais como as realizações linguísticas, contrapondo as correntes estruturalista e gerativista, que exerciam grande influência na época.

Ao estudar a Ilha Norte-Americana, Labov [2006 (1968)] levou em consideração que a comunidade de fala era prioritariamente de pescadores e, que, por isso, havia, em parte da população, uma conservação dos ditongos /ay/ e /aw/ e uma rejeição das influências linguísticas dos turistas no período do verão. Outra parcela da comunidade, no entanto, agia linguisticamente de forma diferenciada por, entre outras questões, desejar não permanecer na Ilha. Durante as entrevistas, o linguista constatou que, quanto maior era a identificação do falante com a Ilha, mais acentuada era a pronúncia dos ditongos.

Outro estudo desenvolvido por Labov, também na década de 60, foi a investigação do /r/ em posição final e pré-consonantal na fala dos funcionários nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. Para compor o *corpus* do estudo, o linguista selecionou três lojas com classe sociais distintas, classe média, média baixa e baixa. Como resultado final, os funcionários que trabalhavam com as classes média e média baixa realizaram mais o /r/ do que os funcionários que atendiam o público de classe baixa. Portanto, Labov (2006 [1968]) conclui que

[...]não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2006 [1968],p.21)

À medida que a valorização da diversidade linguística começa a ser estudada pela linguística, a Sociolinguística Variacionista assume a postura de que a variação linguística não ocorre apenas de forma individual, mas, também, na comunidade. Mais do que isso, postula-se que a variação não é aleatória, mas, sim, governada por restrições sociais e linguísticas, portanto, define a variação linguística como seu objeto de estudo, e a concebe como inerente ao sistema linguístico, compatível como a noção de sistema dinâmico, fluído e heterogêneo.

A variação caracteriza-se pela ocorrência de duas ou mais variantes coexistindo no sistema linguístico. A título de exemplo, o nosso objeto de estudo, a negação sentencial no Português Brasileiro, apresenta uma diversidade de formas sintáticas e fonológicas. Nesta dissertação, estudaremos cinco posições sintáticas da negação, são elas, ¹pré-verbal, pré- e pós-constituente, dupla negação e isolado. No que tange à variação fonológica, estudos linguísticos (FRUTADO DA CUNHA, 2014; CALVALCANTE, 2007; FERREIRA, 2014) constatarem variantes reduzidas da forma *não*, no entanto utilizamos apenas a forma reduzida *num* nesse estudo. Apresentaremos detalhadamente as variantes dependentes e suas posições sintáticas na seção *Metodologia*.

Um dos principais objetivos da Sociolinguística é descobrir os padrões de distribuição das variantes, o que permite delinear as influências socioculturais, linguísticas e estilísticas. O modelo teórico-metodológico adotado por essa teoria tem por objetivo compreender *a origem* das variações e mudanças linguísticas, a *propagação*, ou seja, quando a variação é apropriada/assimilada pela comunidade de fala; e, por fim, *a realização completa*, isto é, a permanência da variação ou mudança no vernáculo. (HORA, 2004)

Assim sendo, a escolha de variação não ocorre de maneira aleatória. Conforme salienta Scherre (1996, p.40) “[...]os fenômenos linguísticos variáveis, aqueles, expressos em duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza linguística e não linguística.” Essa escolha sempre se dá condicionada por variáveis independentes, isto é, variáveis de ordem interna e externa à língua. (SCHERRE, 1996; MOLLICA, 2004).

¹ Ao referirmos as posições sintáticas da negação tomamos como parâmetro o verbo e os constituintes que posicionam à esquerda ou à direita do elemento negativo.

As variantes internas à língua são variantes independentes motivadas por fatores estruturais/internos, de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica; já as variantes externas são os fatores extralinguísticos, tais como sexo, escolaridade, faixa etária, entre outros, que são condicionantes para a ocorrência de novos usos. No que tange à variável sexo, Labov (2006 [1968]) afirma que as mulheres lideram o processo de variação e mudança linguística na comunidade de fala, no entanto, Lucchesi e Araújo (2004) ressaltam que esse parâmetro da Sociolinguística é relativo a cada comunidade específica. Ao analisar grandes metrópoles, como fez Labov, essa constatação é possível já que as mulheres estão ativas no mercado de trabalho, porém, ao estudar uma comunidade rural, talvez os homens tendam a liderar a variação e a mudança já que esses têm mais contato com centros urbanos. Por isso, é importante ater-se a esses fatores sociais que são determinantes, para que não haja uma aplicabilidade mecânica dos parâmetros teóricos à análise realizada.

Ainda sobre as variantes, essas podem ser analisadas sobre duas perspectivas metodológicas: a primeira, a dimensão histórica, o fenômeno linguístico é estudado a partir do tempo real (diacrônica) estabelecendo um tempo cronológico. A segunda perspectiva considera o tempo aparente, isto é, um recorte temporal (sincrônico) para observar a atuação das variantes. Neste estudo, optamos por realizar um recorte temporal dos *corpora*, embora tenhamos trazido, também, a descrição (prescrição) apresentada nas gramáticas históricas e dicionários de séculos anteriores com relação à negação.

Como vimos, a variação linguística é convivência simultânea de dois ou mais fenômenos linguísticos que apresentam tendências regulares e passíveis à descrição de fatores condicionantes. O duelo entre variantes podem culminar na mudança em progresso e, como consequência, na permanência de uma delas no sistema. Sobre a mudança Weinreich, Labov e Herzog (2004 [1968], p.186-187) afirmam que “[...] [a] mudança linguística acontece quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significado social; o progresso da mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro.”

Para compreender o processo de mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2000 [1968]) afirmam que é necessário entender os fatores que a condicionam. Para isso, descrevemos, em seguida, os cinco problemas, elaborados pelos autores, que norteiam o estudo da mudança e exemplificamos, quando possível, com o nosso objeto de estudo.

O primeiro problema é da *restrição*. Esse se refere ao conjunto de fatores que determinam as mudanças em determinado tipo de estrutura. Pensando na negativa, percebemos que a posição dupla negação apresenta restrições sintática e fonológica, haja vista

que, em posição pré-verbal, pode ocorrer tanto a variante átona *num* quanto a variante tônica *não*, enquanto que, na posição pós-verbal, ocorre categoricamente a variante tônica.

O segundo problema, a *transição*, consiste em observar a mudança linguística por estágios discretos ou pelo *continuum*. Por exemplo, Furtado da Cunha (1996) constatou que, na dupla negação, ocorre o enfraquecimento do primeiro *não* na posição pré-verbal, permanecendo, o *não* pós-verbal, resultando, assim, a queda do primeiro *não*. Dessa forma, conseqüentemente, a função de negar ficaria, na língua, a cargo do segundo *não* e a tendência da primeira negação em *não* seria a de ser transformada, na oralidade, em *num*.

Já o problema do *encaixamento* sugere que a mudança seja compreendida tanto do sistema linguístico quanto na estrutura social da comunidade de fala. *A priori*, observamos que as negativas inovadoras, *introdutor discursivo* e *manobra discursiva*, sobre as quais discutiremos na seção *Metodologia*, são mais frequentes em contextos de modalidade oral e em certos gêneros textuais², tais como, *Whatsapp*, *Facebook* e outras redes sociais, por serem gêneros que, embora pertençam à modalidade escrita, assemelham-se mais à modalidade oral.³

O quarto problema é da *avaliação*. Conforme Hora (2014), os falantes não aceitam passivamente como as mudanças na língua chegam até a eles, por isso, fazem julgamentos e estereótipos ligados a atributos sociais e privilegiam as formas conservadoras. No que se refere à negação, Ferreira (2014) já constatou que as formas reduzidas de negar não causam estranhamentos aos falantes, pois já atingiram níveis de inconsciência na sua realização. Por último, o problema da *implementação*, que está relacionado ao esforço em apontar a direção que a mudança linguística toma na estrutura social e a responder como e por que determinada mudança aconteceu em certa região e período e não em outro.

Embora, a negação tenha servido de ilustração para a maioria dos problemas de mudança, ainda é muito cedo para atestar que o item *não* está em processo de mudança. Apenas com a análise dos dados, é possível verificar se se trata de uma variação estável ou mudança em progresso. Por esse motivo, é importante salientar a premissa sociolinguística de que nem tudo que varia implica mudança linguística, porém toda mudança pressupõe uma variação.

²Adotamos a concepção de Bakhtin (1992) de que os gêneros textuais são gêneros do discurso, e são tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana. (p.279).

³Vale ressaltar que este estudo não se apropria desse apontamento para compor uma variável linguística ao analisar os dados, no entanto, é pertinente deixar registrado, já que essa foi observada durante a elaboração desta pesquisa.

O estudo da variação e mudança linguística adquiriram novas perspectivas depois que a teoria Funcionalista adotou concepções e a metodologia da Sociolinguística. Essa fusão de teorias resultou no que hoje conhecemos como Sociofuncionalismo. Antes de descrever o Sociofuncionalismo e seus principais conceitos, entendemos ser necessário apresentar o Funcionalismo. Diante dessa sequência por nós proposta, na próxima subseção, abordaremos a teoria Funcionalista Norte-Americana, base dessa discussão.

1.2 Funcionalismo e seus pressupostos teóricos

Em meio as influentes correntes teóricas do século XX, três noções básicas passam a identificar a Linguística Moderna: sistema, estrutura e função. Essa tendência foi caracterizada como Estruturalismo e respaldava-se na hipótese da descrição científica da linguagem como uma entidade autônoma de dependência interna. Sendo assim, a análise linguística estava restrita apenas às redes de dependência interna que estruturam os elementos da língua.

Em relação à definição de função, Martelotta e Kenedy (2015) apontam que essa é um pouco mais problemática por nem sempre haver um conceito unânime entre os teóricos. Alguns linguistas consideravam que o termo função é um termo polissêmico e não uma coleção de homônimos; outros, por sua vez, consideravam a função como o papel desempenhado por um elemento na atividade comunicativa. Embora essas duas concepções tenham sido adotadas pelos teóricos no Círculo Linguístico de Praga (1928), elas não foram adotadas pelos linguistas funcionalistas.

Para os funcionalistas, “[...]a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de ser utilizada para determinado fim” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015). Dessa forma, a língua é concebida como instrumento de interação que não pode ser analisado como elemento autônomo, mas como estrutura maleável, sujeita às pressões de diferentes situações comunicativas.

A partir de 1970, nos Estados Unidos, que o termo Funcionalismo ganhou força e passou embasar os trabalhos de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. O polo Funcionalista Norte-Americano parte do pressuposto de que gramática e discurso são indissociáveis, por isso, novas formas surgem pela necessidade expressiva do falante e, à medida que são repetidos e frequentemente utilizados, os novos elementos linguísticos cristalizam-se na gramática da língua.

No Brasil, a partir de 1980, alguns estudos linguísticos passaram a basear-se na teoria funcionalista norte-americana e visar à descrição da língua em uso, considerando fatores de natureza comunicativa e cognitiva. Um dos notórios trabalhos funcionalistas publicado foi o do pesquisador Rodolfo Ilari intitulado *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*, a partir desse, grupos de pesquisas ⁴ foram formados para investigar a língua falada.

Conforme Sousa (2008, p.70), a história do Funcionalismo foi norteadada a partir da relação da estrutura e função, porém, atualmente, os funcionalistas “[...] estão voltados não apenas para as funções da linguagem em um eixo comunicativo, mas para o item linguístico e sua multifuncionalidade na estrutura discursiva”. Esse é, portanto, nosso objetivo ao estudar a negação: observar a estrutura, a função e, principalmente, a multifuncionalidade dele no vernáculo.

Adentrando aos pressupostos do paradigma funcional, passaremos a descrever os principais princípios que constituem a linha norte-americana. Apresentamos, inicialmente, a definição de variação e mudança linguística; em seguida, a distinção entre sincronia e diacronia; e, por último, de forma bastante sucinta, atendendo apenas ao propósito de mencioná-las para a elas recorreremos em um momento futuro de discussão, às noções de informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo e gramaticalização, necessárias à análise dos nossos dados.

A teoria Funcionalista encarrega-se, portanto, de explicar os princípios e os parâmetros que duas ou mais funções assumem para uma mesma forma ou novas formas, a esse postulado dá-se o nome de *estratificação*, o que, para a Sociolinguística, denomina-se variação. Assim como a Sociolinguística, a *variação* e a *estratificação* são consideradas como reflexo da organização do processo cognitivo. (TAVARES, 2013)

A mudança linguística, por sua vez, ocorre de maneira gradual, obedecendo ao princípio da unidirecionalidade⁵, isto é, o percurso linear do discurso para a gramática, motivada por aspectos estruturais, comunicativos e cognitivos. Para Martelotta (2015), a mudança pode ocorrer nos diversos níveis da palavra, nível fonético-fonológico, no morfossintático e no semântico. Sendo assim, a mudança não ocorre de modo aleatório e

⁴ Os grupos atuantes no Brasil são o Projeto da Norma Culta (NURC), o Projeto de Estudo do Uso da Língua (PEUL) e o Grupo de Estudo Discurso & Gramática. No interior da Bahia, destacamos o Grupo de Pesquisa em linguística Histórica e em Sociofuncionalismo (Janus) que desenvolve pesquisa sobre o vernáculo da comunidade conquistense.

⁵ O princípio da unidirecionalidade é tido como uma característica básica do processo da mudança linguística, porém estudos mais recentes, com o viés cognitivo, desenvolvidos por Castilho (2004), indagam o caráter linear da unidirecionalidade. Castilho (2004) propõe, então, a teoria Multissistêmica que repensa a língua como um sistema complexo e dinâmico no qual os itens linguísticos estão integrados, cujas categorias estão envolta do discurso, da gramática, da semântica e do léxico.

atemporal, mas por meios de processos cognitivos. O referido autor, a esse respeito, afirma que

A mudança linguística deve ser entendida como um fenômeno tridimensional, ou seja, a trajetória de uma mudança de um elemento linguístico é um reflexo de, pelo menos, três aspectos diferentes: *tempo* e, sobretudo, *cognição* e *uso*. Se *tempo* é fator necessário para os processos de mudança se fazem sentir, *cognição* e *uso* são de fundamental importância para uma teoria que interpreta as línguas humanas como o reflexo do comportamento, no ato concreto da comunicação, das restrições cognitivas associadas à captação de dados de experiência, à sua compreensão e ao seu armazenamento na memória, assim como à capacidade de organização, acesso, utilização e transmissão adequada desses dados. (MARTELOTTA, 2015, p. 60)

A sincronia e a diacronia são outros dogmas estruturalistas revistos pelos funcionalistas. Anteriormente, no início do século XX, a sincronia e a diacronia eram reconhecidas como perspectivas de estudo, no entanto, havia a predominância da escolha por análises sincrônicas em detrimento das análises de cunho diacrônico. Para os funcionalistas, o processo de mudança decorre da combinação da análise diacrônica e sincrônica, isto é, por meio da pancronia. Sendo assim, na perspectiva histórica, a mudança é resultado de uma sequência de mudanças ocorridas no tempo, que só é percebida na perspectiva sincrônica. Dessa forma, os funcionalistas compreendem melhor a complexidade do objeto de estudo.

Como na língua nada é por acaso, os funcionalistas postulam a existência de uma relação natural e motivada entre a forma e a função, expressão e conteúdo do item linguístico, refletindo, de algum modo, a estrutura da experiência na estrutura da língua. Essa motivação natural é definida como o princípio da *iconicidade*. Em uma visão mais branda, Givón (1984) estabelece três subprincípios em que o princípio da *iconicidade* manifesta-se. Conforme descritos por Cunha, Costa e Cezário (2015), os subprincípios são:

- i. Subprincípio da quantidade: quanto menor for a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma, isto é, aquilo que é mais simples e esperado se expressa com mecanismos linguísticos menos complexos.
- ii. Subprincípio da integração: implica dizer que o conteúdo mais cognitivamente próximo será mais integrado no nível da codificação.
- iii. Subprincípio da ordenação linear: a ordem dos elementos no enunciado reflete a sua ordem de importância, logo, informações mais importantes e menos previsíveis tendem a ocupar o primeiro lugar na ordem sintática.

O princípio da *marcação*, por sua vez, refere-se ao grau de complexidade da forma linguística. Isso que dizer que formas linguísticas mais marcadas são menos frequentes e mais percebidas pelos informantes, por possuírem uma estrutura, por vezes, maior e que exija maior processamento cognitivo e, conseqüentemente, as menos marcadas requerem dos ouvintes menor esforço para sua compreensão, já que são frequentes e menos complexas.

Givón (1995) estabeleceu três critérios para distinguir as categorias marcadas:

- a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou menor) que a estrutura não marcada correspondente;
- b) Distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada correspondente;
- c) Complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento. (CUNHA, COSTA E CAZÁRIO, 2015, p. 26)

Os três critérios, estabelecidos por Givón (1995), tendem a correlacionarem-se e podem ser marcados em um contexto e não marcado em outros, isso porque as estruturas linguísticas são influenciadas pelas situações comunicativas e por fatores socioculturais, cognitivos ou biológicos. Além disso, esse princípio aplica-se também a categorias não-linguísticas, como é o caso, do discurso formal e a conversação espontânea.

A informatividade, por sua vez, está presente em todos os níveis da codificação linguística e refere-se ao compartilhamento de informações entre os interlocutores. Para aferir o grau da informatividade, Prince (1981) estabeleceu o modelo classificado como *tema*, informações velhas, que já foram mencionadas no discurso, e *rema*, as informações novas, mencionadas pela primeira vez, que podem, coincidir ou não, com sujeito e predicado respectivamente.

No que diz respeito à transitividade e ao plano discursivo, esses estão relacionados a uma função pragmática e referem-se às informações centrais e periféricas do discurso organizadas pelos interlocutores. Às informações centrais são apresentadas a partir do conceito de *figura* e as informações periféricas do conceito de *fundo*. A esse respeito, Cunha, Costa e Cezário definem (2015):

A *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, factuais, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde a descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos. (COSTA;CEZÁRIO, 2015,p.31)

Em sentido restrito, a gramaticalização refere-se a um processo de mudança universal a todas as línguas, em que itens lexicais passam a assumir funções gramaticais, e itens gramaticais tornam-se mais gramaticalizados. (HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993, entre outros.). Dado a importância desse mecanismo para os estudos Sociofuncionalistas, apresentaremos, na próxima subseção, os principais conceitos de gramaticalização, baseados em Hopper (1991) Lehmann (1995[1982]) e Bybee (2003); e, em seguida, nas próximas subseções, os “Princípios e mecanismo da gramaticalização”.

1.2.1 Gramaticalização

Os estudos pioneiros sobre a gramaticalização surgiram na China, no século X, e desenvolveram, no século XVIII, na França, com Condillac e com Rosseau, e na Inglaterra. No século XIX, a Alemanha e os Estados Unidos desenvolveram pesquisas na área, tendo como principais representantes Bopp, Schlegel, Humbolt, Gabelentz e Whitney, respectivamente. (NEVES 2001; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO; CARVALHO; 2007).

O termo gramaticalização foi introduzido primeiramente pelos estudos do linguista Antonie Meillet (1912), no século XX, e definido como “[...]a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”. (LIMA-HERNANDES, 2011, p. 26). Esse estudo inicial pautava-se na ideia de que a gramaticalização seria a ferramenta histórica para explicar a origem e as mudanças dos morfemas gramaticais. Essa perspectiva diacrônica não foi a única postulada por Meillet, a gramaticalização, também, foi por ele compreendida como um processo sincrônico. Como exemplo disso, o linguista estabeleceu três classes de palavras: as principais (nomes, verbos, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as acessórias e as gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares). Assim, palavras acessórias e palavras gramaticais podem conviver em um mesmo recorte temporal, isso é, no plano sincrônico; enquanto que, na diacronia, as palavras acessórias e gramaticais desenvolvem-se de palavras principais. (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO; CARVALHO; 2007)

Após a introdução do termo por Meillet, os estudos sobre gramaticalização tornaram-se esquecidos, devido a forte influência do Estruturalismo de investigar a língua na ótica da sincronia. Porém, foi, na década de 70, que os estudos sobre gramaticalização ganharam vigor e passaram a ser vistos como o principal fator da mudança linguística. Trabalhos de Givón, Hopper e Traugott foram referências nessa era de estudos.

Diferentemente da linha estruturalista, embora tenha sido fruto desse meio, a corrente funcionalista compreende o discurso como fornecedor da emergência de novos modelos gramaticais (NEVES, 2001; LIMA-HERNANDES, 2011). Em 1979, Givón propõe que o discurso é o maior parâmetro para entender a estrutura da língua, isso, porque o modo mais pragmático da comunicação possibilita um modo mais sintático, consolidando, assim, o slogan “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (GIVÓN, 1979, 208-209).

Ao passo que a teoria foi se consolidando, houve a necessidade de definir o conceito de gramaticalização, que, na maioria das vezes, não era unificado, como podemos ver nas definições a seguir:

Givón (1979) e outros pesquisadores, (CHARLES LI; THOMPSON; HAIMAN (1991), HERRING (1991); HOPPER (1991)) defendem que o processo da gramaticalização é cíclico partindo do discurso para a morfossintaxe: discurso> sintaxe> morfologia> morfofonêmica> zero; outros autores estão voltados para codificação gramatical, ou seja, organização da sincronia (THOMPSON; MULAC, 1991) e pancrônica (GIVÓN, 1979; DU BOIS, 1985; TRAUGOTT; HEINE, 1991) da estrutura gramatical.

Amparados pela combinação da sincronia e da diacronia, Traugott e Heine (1991) defendem que o termo gramaticalização remete ao estudo linguístico pancrônico. Em conformidade como essa posição, Hopper e Traugott (2003) acrescentam que, através da diacronia, é possível traçar a trajetória do item rumo à mudança, e, já na sincronia, o processo é visto como semântico-discursivo-pragmático.

Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho apresentam a definição de Votre (1999, p.24) sobre o processo de gramaticalização

o processo de gramaticalização de regularização que se verifica num fenômeno qualquer à medida que a generalização progressiva do uso vai fazendo com que ele passe do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da gramática, em que se regulariza, e em que diminui ou cessa a liberdade de variação. O conceito aplica-se também aos itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitimos que os itens da gramática não são entidades discretas, e sim polos de um contínuo, em que certas classes de itens estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições no *continuum* da gramática. Assim, advérbio é mais gramatical do que adjetivo. (VOTRE, 1999)

Ao passo que os estudos linguísticos desenvolvem o conceito das construções linguísticas advindas das gramáticas emergentes, surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções existentes, o conceito de gramaticalização adquire

uma definição mais ampla em relação àquelas pioneiras, como este proposto por Heine, Claudi e Hünnermeyer (1991a)

[...] onde uma unidade ou estrutura lexical assume função gramatical ou onde uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical ainda, tem-se o processo de gramaticalização, que se manifesta em todas as línguas conhecidas e pode envolver qualquer tipo de função. (HEINE; CLAUDI; HÜNNERMEYER, 1991a, p. 2)

Através dessa definição, os linguistas abarcam o processo gradual da movimentação do item linguístico, que, embora não mude de categoria, é possível que alguns traços semânticos sejam adquiridos pelos novos usos. Assim, as unidades alteram-se e tornam-se membros de outra classe, por meio da reanálise categorial, possibilitando que uma mesma forma ocupe várias categorias.

Então, para resgatar as abstratizações sofridas pelo item linguístico, o estudo pancrônico favorece a retomada do tempo, não muito distante, para explicar o fenômeno no tempo aparente. Sustentados por esse viés, Traugott e Heine (1991) concordam que a gramaticalização é um processo tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação. (LIMA-HERNANDES, 2011, p. 29)

Desde que o primeiro conceito de gramaticalização aparece com Meillet (1912), muitas inquietações surgem ao tentar defini-la de forma que abrangesse e descrevesse todo o processo. Alguns pesquisadores estavam preocupados em descrever a passagem de item linguístico lexical para a função gramatical, outros em mostrar o caráter cíclico e emergente dos fenômenos, e outros em compreender a gramaticalização como um estudo pancrônico. Por isso, com o intuito de caracterizar o processo de gramaticalização, Lehman (1995 [1982]) e Hopper (1991) estabelecem princípios metodológicos para aferir o grau de gramaticalização.

Passamos, então, a descrever, na próxima subseção, os apontamentos teóricos de Lehman (1995 [1982]) e Hopper (1991).

1.2.1.1 Gramaticalização e duas perspectivas de estudo: Lehmann e Hopper

Lehman (1995 [1982]) e Hopper (1991) têm visões diferentes sobre a gramaticalização. Pretendemos, nesta subseção, apresentar sucintamente a distinção teórico-metodológica de Lehman (1995 [1982]) que propõe critérios para aferir o grau da gramaticalização a fim de verificar a autonomia da forma em estágios avançados, e de Hopper (1991), que visa descrever os estágios iniciais do processo. Essa discussão é fundamental para,

posteriormente, descrevermos os princípios e mecanismos da gramaticalização, que nortearão a análise da negação. Por tanto, iniciaremos com Lehmann.

Lehmann (1995 [1982]) propõe seis parâmetros no eixo paradigmático: *integridade* – *peso*; *paradigmaticidade* – *coesão*; *variabilidade paradigmática*; e, no eixo sintagmático, tem-se: *escopo* – *peso*; *conexidade* – *coesão*; *variabilidade sintagmática*. Todos os parâmetros são para aferir o grau de autonomia e a gramaticalização do item, que, em sua maioria, são formais. Para o teórico, o item linguístico é considerado autônomo se houver equilíbrio entre o grau de peso, a coesão e a variabilidade tanto no eixo paradigmático quanto no eixo sintagmático.

Os fatores peso e o aspecto paradigmático condicionam o *parâmetro integridade*, isto é, o valor substancial do signo em relação a sua matriz fonológica e semântica. Já o peso sintagmático, Lehmann (1995 [1982]) atribui à propriedade que diferencia um item dos demais signos da mesma classe. O peso sintagmático pode ser atestado de duas formas: pela atribuição fonológica e pela dessemantização.

Outro cruzamento, por assim dizer, é a *coesão* versus *paradigmaticação* resultando em *paradigmaticidade*. A *paradigmaticidade* diz respeito ao grau de coesão de um elemento com outros em um paradigma. Mede-se, pois, pela quantidade de semelhança entre os signos integrantes e as regularidades nas diferenças entre elas. Lehmann (1995 [1982]) afirma ser problemático precisar o tamanho do paradigma, no entanto, aponta que paradigmas altamente gramaticalizados tendem a serem menores do que os menos gramaticalizados.

Para concluir os parâmetros paradigmáticos, Lehmann (1995 [1982]) descreve a *variabilidade paradigmática* como a possibilidade de usar outro item em lugar daquele gramaticalizado. Essa seleção é feita pelo usuário da língua ao escolher um signo dentre aqueles que pertencem ao mesmo paradigma ou por não escolher nenhum.

No eixo sintagmático, por sua vez, os *parâmetros sintagmáticos* descritos pelo estudioso referem-se às relações que o item mantém com outros constituintes nas diferentes construções em que participa, sua colocação e grau de mobilidade na construção.

Sobre o *peso sintagmático*, Lehmann (1995 [1982]) afirma que o escopo do item diminui à medida que aumenta o grau de gramaticalização. Para exemplificar, Gonçalves e Carvalho (2007, p.76) esclarecem “[...]na mudança, via ‘condensação’, de um estado da língua para outro, o item passa da relação com constituintes de complexidade arbitrária para a relação com palavra ou com radical”.

Por último, a *conexidade* é o resultado da coesão e da sintagmatização. Esse parâmetro diz respeito à coesão que um item estabelece com outros, o grau com que ele se relaciona com

outros signos ou o grau de dependência entre eles. Por último, a *variabilidade sintagmática* concerne à possibilidade de mobilidade do elemento na construção em que ele ocorre. Portanto, quanto maior for o aumento da gramaticalidade, mais propício será a posição fixa, isso ocorre, por exemplo, na morfologização.

Os parâmetros elaborados por Lehman (1995 [1982]) são vistos a partir do cruzamento dos fatores, para aferir o grau de gramaticalização do item em estágios avançados, conforme mencionamos anteriormente. Todavia, Hopper (1991) estabelece cinco parâmetros para compreender o estágio inicial da gramaticalização, são eles: a *estratificação*, a *divergência*, a *especialização*, a *persistência* e a *decatégorização*. Esses parâmetros não têm por objetivo verificar se o item linguístico pertence ou não a gramática, mas aferir o caráter gradual da gramaticalização, conferindo grau de “mais” ou “menos” gramaticalizado.

Por considerar a gramática da língua como emergente, Hopper (1991) acredita ser possível verificar os padrões fluídos da linguagem e abstrair os graus variados de gramaticalização que uma forma passa a exercer, por isso não dissocia a gramaticalização da mudança semântica. Passemos, a seguir, à descrição dos parâmetros.

A *estratificação* refere-se à coexistência de várias “camadas” linguísticas de um mesmo objeto. Melhor explicando: várias formas funcionais emergem na língua, porém não ocorre apagamento imediato de nenhuma delas ou pode nunca acontecer o apagamento, trazendo, assim, a coexistência de camadas novas com as antigas no mesmo domínio funcional. A negação do Português Brasileiro, por exemplo, que admite formas fonológicas, *num*, *nũ*, entre outras, e sintáticas diferentes, [Não+Verbo], [Não+Verbo+Não] e [V+Não], conforme verificou Ferreira (2014), Furtado da Cunha (1996) e Alkim (2002).

O item que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter suas características primárias, e, mesmo assim, estar sujeita a um novo processo de mudança inerente a sua classe, inclusive, passar por um novo processo de gramaticalização. A essa propriedade, Hopper (1991) denomina: *divergência*. Gonçalves e Carvalho (2007), explicando sobre a divergência, afirmam que é, por meio desse princípio, que diferentes graus de gramaticalização são distinguidos e que esse princípio pode ser aplicado, também, nos casos em que um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em contextos distintos, ou seja, formas etimologicamente iguais, com desempenhos funcionais totalmente diferentes.

À medida que o item linguístico, em processo de gramaticalização, passa a se especializar em determinado contexto de uso, pela repetição, maior será o grau de gramaticalização. A esse princípio Hopper (1991) denomina *especialização*. Considerando, o

comportamento das variantes negativas na estrutura sintática, averiguamos que apenas a variante tônica (*não*) ocorre em posição pós-verbal. Eis um exemplo de especialização.

Sequencialmente, o quarto princípio descrito por Hopper é a *persistência* que prevê preservação ou não dos traços semânticos da forma-fonte, o que corrobora para as restrições sintáticas da forma gramaticalizada. Será mostrado, mais adiante, que, embora, o item *não* carregue traços semânticos de negação, ele exerce as funções inovadoras de *introdutor discursivo* e *manobra discursiva*.

O último princípio é a *decategorização*, que concerne ao fato de que formas gramaticalizadas tendem a perder marcas morfológicas e sintáticas, resultando na passagem das formas plenas a categorias secundárias, por exemplo, de afixo, clíticos, até chegar a zero. Estudiosos da área têm descrito que o *não* apresenta propriedade de quase clítico pelas posições sintáticas que ocupa e pela facilidade em duplicar (MIOTO, 1992; VITAL, 1991; RAMOS, 2002; CAVALCANTE, 2007; CAMPOS, 2009).

Para Gonçalves e Carvalho (2007), as colocações de Hopper (1991) suplantam as afirmações de Lehmann (1995 [1982]) por apresentar os estágios iniciais da gramaticalização, servindo como um “guia empírico” para identificar tendências de gramaticalização na língua, que expande não só a mudança categorial, mas os limites entre os fenômenos lexicais e gramaticais.

Até o momento, a gramaticalização é concebida como o processo em que itens linguísticos modificam suas substanciais categoriais. Ampliando o entendimento, outros pesquisadores passaram a perceber que a gramaticalização, também, ocorre pela transferência do sentido literal para outro figurado, de um domínio de conceptualização para outro, deslizando o sentido mais concreto para o mais abstrato. Para essa alteração semântica, Bybee *et al.* (1994) elencam cinco desencadeadores de gramaticalização: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção.

A esse respeito, Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão, Carvalho (2007) descrevem que

A extensão metafórica caracteriza-se por meio de duas propriedades: (i) mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato; (ii) preservação de algum traço da estrutura relacional original. A *inferência* remete diretamente à implicatura, pois enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção. A *generalização* representa a perda de traços específicos de significado, com a consequente expansão de contextos apropriados para o uso. Para esse mecanismo a frequência de uso mostra-se bastante relevante. A *harmonia*, um mecanismo restrito a elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico, é aplicável a estágios mais avançados da

gramaticalização. Por fim, a *absorção* representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado [...] (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO, CARVALHO, 2007, p. 33,34)

Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão, Carvalho (2007) afirmam que outra forma de medir o estágio da gramaticalização é pela redução fonológica. Essa é consequência da frequência relativa de uso, pois quanto maior for a recorrência do uso do item no discurso mais previsível será o desgaste fonológico, em contextos discursivos previsíveis. (BYBEE, 2003; BYBEE & HOPPER, 2001). No entanto, é fundamental salientar que não é apenas a frequência de uso que determina a gramaticalização, mas essa contribui para identificar o processo. Tal fenômeno é recorrente no processo de gramaticalização quando formas lexicais passam a exercer funções gramaticais, como, por exemplo, pronomes, preposições, conjunções, clíticos, afixos e outros.

Segundo o que é exposto por Bybee (2003), o uso frequente de uma forma pode desempenhar papel importante na mudança, por enfraquecer o valor semântico, pelas mudanças fonológicas e novas construções gramaticalizadas. Além disso, a frequência leva a uma maior autonomia da palavra com perda semântica.

Concebemos que a negação sentencial no vernáculo conquistense encontra-se no processo inicial de gramaticalização e, por isso, adotaremos o aporte teórico da Hopper (1992), pois acreditamos que esse possa descrever com maior precisão o fenômeno em estudo, a negação sentencial.

Após essa descrição dos conceitos de gramaticalização, percebemos que o processo de gramaticalização pode se dar tanto no aspecto categorial, como vimos em Hopper (1991) e Lehman (1995), quanto na mudança semântica com Bybee (2003). No entanto, precisamos identificar quais os mecanismos que condicionam a gramaticalização e como esses são indispensáveis para o processo unidirecional da mudança. Na próxima subseção discorreremos sobre isso.

1.2.1.2 Princípios e mecanismos da gramaticalização

Entendemos princípios como regras imutáveis capazes de identificar um fenômeno. Com a gramaticalização, não é diferente. O princípio que mais caracteriza a gramaticalização é a unidirecionalidade, juntamente com os mecanismos que são partes constitutivas e motivadoras do processo. Devido à especificidade da abordagem que por ora realizamos,

optamos por abordar apenas os mecanismos atuantes no processo de gramaticalização que são: reanálise, analogia e as relações icônicas.

1.2.1.3 Em qual direção a gramaticalização caminha? O princípio da Unidirecionalidade

Estabelecer uma definição concisa e unânime entre os estudiosos da área sobre o princípio da gramaticalização é difícil, pois não há consenso entre eles, como foi mostrado, por exemplo, com Hopper (1992) e Lehmann (1995 [1982]), ainda mais quando refere-se ao princípio da unidirecionalidade. Por causa disso, limitamos nossa discussão em apenas duas linhas de pensamento: a primeira, a unidirecionalidade com um processo de caráter cíclico, e a segunda, a unidirecionalidade como um *continuum*.

O caráter cíclico é postulado por Givón (1976b) para demonstrar o processo diacrônico do item linguístico, que parte do ponto mais previsível até o estágio zero: discurso> sintaxe> morfologia> morfofonologia> zero. Através desse percurso gradual, itens lexicais passam a assumir funções gramaticais. Com uso frequente o item linguístico tende a sofrer desgaste formal e funcional, tornando-se mais previsível e mais regular em determinados contextos, adquirindo propriedades morfológicas especiais, podendo, futuramente, desenvolver como uma forma mais presa, como a de clítico e a de afixo, até chegar ao apagamento da forma. Começa-se, nesse momento, um novo ciclo.

Alguns teóricos funcionalistas postularam a direcionalidade da gramaticalização como a passagem do concreto para o abstrato. A esse princípio, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) atribuíram rótulo *continuum*. Título esse adotado por autores como Hopper; Traugott (1993), para explicarem o deslizamento semântico do valor causal a temporal, e por Braga e Paiva (2003), para explicarem o valor volitivo de futuridade.

Heine *et al*, por sua vez, postularam a seguinte escala para o processo de abstratização gradativa: Pessoa> objeto> processo> espaço> tempo> qualidade. Essa estrutura linear e hierárquica implica dizer, em consenso às teorias anteriores, que as mudanças ocorrem sempre da esquerda para a direita, estabelecendo como parâmetro a passagem do concreto para o mais abstrato, no entanto, evidenciam que as categorias cognitivas mais abstratas surgem das experiências humanas com o mundo concreto. (LIMA-HERNANDES, 2011; MARTELOTTA, 2015)

Uma evidência do processo da unidirecionalidade é a redução ou apagamento da estrutura fonética nos estágios mais avançados da gramaticalização. O desbotamento fonético/perda de massa fônica ocorre pela dependência mais acentuada do item à cadeia

sintagmática, podendo se torna um clítico. Percebemos a atuação desse princípio na negação do Português pelo estatuto do clítico e pela redução fonológica do *não* tônico para átono na posição pré-verbal (MIOTO, 1992; VITAL, 1991; RAMOS, 2002; CAVALCANTE, 2007).

Vale ressaltar que o processo de gramaticalização obedece ao princípio da unidirecionalidade e, conseqüentemente, pressupõe estágio de mudança linguística, porém nem toda mudança linguística pode ser identificada como gramaticalização. Defendemos, nesta dissertação, que a negação do Português Brasileiro está no processo de gramaticalização, na qual novas formas e novas funções estão surgindo na língua devido à necessidade expressiva do falante.

Por isso, elegemos, dentre os referidos teóricos, que a definição de unidirecionalidade na qual o nosso objeto se aplica é a de Givón (1979b), pois, assim como ele, acreditamos ser possível interpretar o objeto de estudo como um processo diacrônico e um contínuo sincrônico que atinge formas do léxico para a gramática, embora reconheçamos que há, na linguística, o reconhecimento da teoria multissistêmica.

Dito isso, abordaremos, na seguinte subseção, as motivações semânticas.

1.2.1.3 Motivações da mudança

A teoria funcionalista postula que as palavras são motivadas/icônicas e, em alguns casos, são relativamente arbitrárias. Segundo Wilson e Martelotta (2008), a motivação é a relação natural entre a forma e a função ou “[...]um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um *motivo* para assumirem uma forma em vez de outra.” (WILSON; MARTELOTTA, 2008, p. 75)

As palavras e as funções inovadoras aderidas ao sistema linguístico são frutos de motivações de várias naturezas: *sonora*; *morfológica* e *semântica*. As onomatopeias, por exemplo, são fortes evidências da motivação *fonológica*. A motivação *morfológica*, por sua vez, está vinculada ao processo da formação de palavras. A base dessa motivação é utilizar elementos que já existem na língua e criar outros, por exemplo, “porta-lápis”, “padeiro”. Por fim, a motivação *semântica* está associada ao processo analógico dos sentidos das palavras. É o que ocorre com o termo “cabeça” que, *a priori*, significa parte do corpo, mas, *a posteriori*, adquiriu, além desse significado prototípico, novos significados por analogia, “Ele é o cabeça”; referindo-se a líder, “João é cabeça-dura”, nesse contexto, antiquado, resistente.

A motivação *semântica* está relacionada aos mecanismos da *metáfora* e da *metonímia*. A primeira é caracterizada pela transferência de domínio por analogia, enquanto que a segunda

é a transferência de significado em que induz a uma reinterpretação através de implicaturas conversacionais (GORSKI; ROST; DALMAGO, 2004). Esses mecanismos são complementares e tão recorrentes que distingui-los requer um estudo formal da língua.

Para Tavares (2003), *metáfora* “[...]envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, isto é, uma transferência através de uma similaridade de percepções de sentido.” (TAVARES, 2003,p.66) Acerca da *metonímia*, a referida autora diz: “[...]a metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro e está presente no contexto, mesmo que na forma de inferência, isto é, representa uma transferência através da contiguidade.” (TAVARES, 2003,p.65) Esses mecanismos desempenham papel central na definição da nossa realidade já que refletem como pensamos ou experienciamos a vida diária, permitindo, assim, que nossos pensamentos transitem por conceitos abstratos⁶.

Por tanto, a elaboração de novas palavras é mais produtiva nas línguas por meio do processo de associação a fenômenos de motivação e/ou pelo empréstimo de outras línguas, do que pela invenção de uma nova palavra com estrutura sonora totalmente diferente. Em relação ao fenômeno da motivação, Wilson e Martelotta (2008) apontam que o falante desenvolve novas palavras a partir de outras ou dos sons já existentes, respeitando os limites da gramática. Essa estratégia requer menor esforço cognitivo entre os interlocutores, que utilizam apenas o que está disponível no sistema linguístico.

A necessidade dos falantes em tornarem-se mais expressivos faz com que busquemos meios de rotular novos conceitos, para isso utilizamos mecanismos que refletem a nossa inteligência e o meio social no qual estamos inseridos. Isso sugere que há muita motivação na língua.

As motivações icônicas são um dos condicionadores da mudança linguística, mas há ainda a *reanálise* e *analogia*. No que diz respeito à *reanálise*, essa ocorre quando formas gramaticais passam a ser reanalisadas em outra categoria diferente da original, próprio dos processos metafóricos. Diferente da reanálise, a *analogia*, por sua vez, própria dos processos metonímicos, refere-se à concatenação de formas já existentes na língua com outras construções preexistentes e envolve inovação no eixo paradigmático. Após essa definição, podemos inferir que ambas são mudanças de categoriais, que não definem a gramaticalização como tal, mas que colaboram na construção do processo.

⁶ Mais informações sobre metáfora e metonímia podem ser encontradas na dissertação da pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo Lorena Oliveira dos Santos, intitulada *A repetição na oralidade: uma análise funcional no Português Culto de Vitória da Conquista*.

Ciente de que as motivações não são aleatórias, mas que conduzem ao surgimento de novos usos, formas e funções, a Linguística Funcional, agregada aos princípios da Linguística Cognitiva, concebe a língua como elemento criador de significação nos diferentes contextos de uso, levando em conta os processos cognitivos dos indivíduos em tornarem-se mais significativos nos contextos reais do uso.

Notamos, portanto, que há similaridades entre a teoria Sociolinguística e a teoria Funcionalismo Norte-Americano, pois ambas compreendem o sistema linguístico como dinâmico, heterogêneo, adaptável às pressões sociais. Além disso, o principal interesse das duas correntes é descrever como as línguas mudam e variam a depender das necessidades comunicativas dos falantes, levando em conta fatores linguísticos e extralinguísticos. Essas semelhanças possibilitaram a união de duas teorias a tornarem-se uma, complementando as limitações uma da outra. Tal elo formou no que conhecemos na teoria Sociofuncionalismo, por isso, daremos atenção à próxima subseção que tratará sobre ela.

1.3 Sociofuncionalismo

A análise do fenômeno da negação realizada nesse estudo é respaldado pelo duplo enfoque da articulação de pressupostos teóricos e conceituais da Sociolinguística e do Funcionalismo, que até a década de 80 eram desenvolvidas em âmbitos diferentes da linguística. Essa junção entre teorias, que tomam a variação do ponto de vista da função discursiva e a explica por meio dos princípios funcionais, resultou na teoria Sociofuncionalista. Sobre a união dessas duas correntes, Tavares (2003) comenta que essa não é uma tarefa simples já que o

casamento teórico entre o funcionalismo linguístico voltado ao estudo da gramaticalização e a sociolinguística variacionista laboviana ocorre como uma conversa na diferença, pelo ajuste dinâmico, contextual, e transitório entre conceito e pressupostos teórico-metodológicos advindo de cada modelo ‘mãe’. (TAVARES, 2003, p. 94)

Tavares (2003) ressalta, ainda, que o “casamento teórico” das entre duas vertentes não são a soma dos pressupostos teóricos de cada teoria-fonte, como foram propostos inicialmente, mas, sim, do estabelecimento de pressupostos teóricos que resulta do diálogo entre elas.

No Brasil, essa corrente surgiu em 1980 com pesquisas realizadas pelos membros do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul/RJ). Os estudos pioneiros na área foram os trabalhos de Braga (1987, 1991), sobre construções de tópico e o deslocamento à esquerda no português no Brasil; de Paiva (1991), que diz a respeito da articulação de orações, com ênfase na expressão das relações causais no português; de Paredes da Silva (1988) sobre as expressões do sujeito em cartas pessoais, que marcaram o início da Teoria Sociofuncionalista no Brasil. Na década de 1980, os principais autores foram Anthony Naro e Sebastião Votre que se voltaram aos estudos da ordenação vocabular. (CEZARIO, MARQUES, ABRAÇADO, 2016)

A Teoria Variacionista e do Funcionalismo apresentam certos postulados teóricos compatíveis, sendo possível, até mesmo, explica-los e nomeá-los com o mesmo termo ou com sinônimos, por exemplo, variação e estratificação. Partindo desse ponto em comum, o Sociofuncionalismo prioriza o estudo da língua em uso, por reconhecer sua natureza heterogênea, onde as variações e as mudanças abrigam. Por não dissociar língua/uso, a teoria estuda as estruturas gramaticais inserida no contexto real de uso, em que as formas gramaticais são negociadas e adaptadas a cada ato de fala, a partir das experiências dos falantes com a situação comunicativa e da avaliação que eles fazem acerca do contexto.

Nessa perspectiva a gramática é tida como dinâmica, fluída e inerente ao sistema linguístico, conforme o postulado de Hopper (1987,1988), e as categorias gramaticais não são discretas, não há delimitação bem definida entre elas, no entanto, constitui-se como um contínuo entre elementos prototipicamente gramaticais e outros que desempenham papéis lexicais.

O fenômeno da mudança linguística por, sua vez, refere-se tanto ao surgimento quanto a propagação social, por isso é encarada como um processo gradual e contínuo, pelo Sociofuncionalismo, disseminada tanto pelo contexto linguístico como pelo contexto social. Caso seja uma mudança em progresso haverá diferenças entre informantes mais velhos e os mais jovens. É por isso, que a motivação para determinados usos da forma linguística é o principal interesse dessa teoria, por levar em consideração fatores extralinguístico, cognitivos e comunicativos que podem influenciar nas formas de se codificar as informações no plano sintático, semântico, morfológico e fonológicos.

A frequência de ocorrência dos itens linguísticos é primordial para manutenção e preservação da variação e/ou mudança na gramática da língua, podendo, assim, mensurar as etapas do processo da gramaticalização e quantificá-los em programas estáticos. Nesse estudo averiguaremos a frequência de ocorrências da negação com *não* e *num* no vernáculo

conquistense a fim de verificar o princípio da gramaticalização e quantifica-los considerando fatores linguísticos e extralinguísticos.

Além disso, nesse aporte teórico não se faz distinção entre estudos sincrônicos e diacrônicos, mas lança mão de métodos rigorosos para demonstrar como as línguas se estruturam e mudam na perspectiva panocrônica.

Tais concepções Sociofuncionalistas ganharam amplitude e têm dado contribuições imensas aos estudos linguísticos, principalmente, por incorporar o modelo da gramaticalização, a partir da segunda metade da década de 90. Tal modelo procura verificar como as línguas mudam, partindo do processo de como itens do léxico passam a exercer funções gramaticais ou elementos gramaticais passam a ser mais gramaticais.

Ancorados nessa conjuntura de teorias analisaremos a negação, com o item *não* e *num*, considerando a variação/estratificação das formas e dos sentidos, considerando se esse caracteriza-se como uma mudança linguística em progresso, a partir dos fatores internos e externos da língua em uso. Priorizaremos, então, a frequência de uso para atestar a bvariação/estratificação ou a mudança em pregresso.

1.4 Uma visão geral da seção

Nesta seção, discorreremos sobre a Sociolinguística Variacionista, o Funcionalismo Norte-Americano e seu postulado teórico a Gramaticalização e, por último, o Sociofuncionalismo, base para fundamentar a análise dos dados. Apresentamos uma discussão breve, porém específica, sobre a sincronia e diacronia, bem como o conceito de variação e mudança linguística, privilegiando sempre a língua em uso com suas nuances sociais. Na próxima seção, veremos como os dicionários, as gramáticas históricas, prescritivas e descritivas conceituam a negação, bem como apresentam a classe dos advérbios.

2 DOS DICIONÁRIOS ÀS GRAMÁTICAS: AS DEFINIÇÕES DE NEGAÇÃO

Não seria possível e não pretendemos, aqui, esgotar a bibliografia referente à negação, por isso, nesta seção, optamos por selecionar apenas alguns estudos significativos para análises que nos propomos a realizar sobre a negação. Em função disso, a seção está organizada com vistas a delinear um percurso histórico que descreverá a origem da negação através dos (i) dicionários, (ii) das gramáticas históricas, (iii) das gramáticas prescritivas e (iv) das gramáticas descritivas, tomando como parâmetro uma sequência temporal cronológica de publicações. Ressalvamos que, sempre que possível, utilizaremos excertos retirados dos *corpora* de nossa análise, a fim de exemplificar o aporte teórico, embora os nossos *corpora* estejam discutidos de forma mais verticalizada na seção *Metodologia*. Após essa primeira parte da seção, caminhamos mais um pouco e chegamos às teorias linguísticas que discutem a negação de diferentes pontos de vistas.

Esse percurso faz-se necessário para observarmos como a negação tem sido estudada e descrita pelos padrões gramaticais, a fim de compararmos com ocorrências na oralidade dos conquistenses.

2.1 A caminho dos dicionários

Pretendemos, nesta subseção, descrever as entradas dos dicionários sobre o item linguístico *não* e as atribuições semânticas por eles apresentadas e, para esse fim, utilizamos obras dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Nosso principal objetivo é verificar como a definição da negação foi descrita historicamente para, posteriormente, considerarmos as funções que a negação tem adquirido na oralidade atualmente. Começemos a caminhada.

A caminhada histórica é repleta de descobertas. Ao iniciar essa busca, observamos que, nos primeiros dicionários, datados do ano 1728 e 1789, a negação era abordada detalhadamente. No dicionário *Vocabulario Portuguez & Latino*, de Raphael Bluteau (1728), o item *não* é considerado uma partícula negativa, que pode ser usado no princípio, no meio da oração ou como resposta; exercendo, assim, a função de negar algo feito ou dito. Essa primeira referência ao *não* demonstra sua mobilidade sintática e pragmática no enunciado, bem como a origem latina do item *non*.

Ao chegar ao ano de 1832, no *Diccionario da Língua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto, deparamo-nos com a simples entrada do *não* como advérbio na posição pré-verbal.

Em 1966, no *Dicionário da Língua Portuguesa*, Antenor Nascentes atribui ao *não* a categoria do advérbio de negação, considerando o uso esporádico do item como expletivo. Em consonância a Nascentes (1966), José Pedro de Machado (1967), no *Dicionário Etimológico da Língua*, categoriza o *não*, também, como advérbio e acrescenta que esse vocábulo posiciona-se, na frase, geralmente, antes do verbo. Quanto à origem da negação, ambos atribuem ao latim *non*.

Sobre a origem da negação, Francisco da Silva Bueno (1968; 1972), no *Grande Dicionário Etimológico – Prosódico da Língua Portuguesa*, apresenta as formas latinas da negação, são elas: *Non* da antiga forma *ne oinos* (*unus*), *ne-oinom* com a forma arcaica *noenu* (*m*). O lexicógrafo acrescenta, ainda, que a negação estabelecida pelo *não* é antônima ao “sim” e que esse vocábulo é, por excelência, a palavra negativa.

Na entrada do *Dicionário Prático da Língua Nacional*, J. Mesquita de Carvalho (1968) define a negação como derivada do latim *non* com sentido de modo nenhum, nunca. Além disso, apresenta o sentido de recusa/repulsa, até então, não mencionado por Nascentes (1966); Machado (1967) e Bueno (1968).

Ampliando a visão de Machado (1967), Carvalho (1968) e Lisa (1970) acrescentam que a negação posiciona-se também antes de adjetivos, substantivos e verbos substantivados, por exemplo, “o não poder”. Sendo possível ocorrer como locuções, em casos como: “Não mais!”. Dessa forma, Carvalho (1968) e Lisa (1970) apresentam um entendimento mais amplo e, assim, a nosso ver, mais elaborado, da categoria advérbio e seu propósito em relação aos dicionaristas anteriormente citados.

Lisa (1970), no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, e Caldas Aulete (1964), no *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, enriquecem a definição dos outros autores anteriormente mencionados, por apresentarem a função de partícula negativa, também, como interjuncional ou interrogativa com o sentido de *porventura*, como em: “*não* vais?”, e como partícula de realce, em: “que dor não sentiu êle.” Além disso, Aulete (1964) acrescenta que o *não* pode ser seguido por um verbo no infinitivo, por exemplo, “Que fora eterno, a não morrer de fome” (p. 2734) e como uma locução preposicionada, como no caso, “*Não* obstante”. Esse registro evidencia as novas nuances semânticas adquiridas pelo item negativo, bem como a percepção dos pesquisadores ao demonstrar tais ocorrências.

A definição da negação como recusa e antônimo de “sim” foi unânime em todos os dicionários analisados referentes ao século XX e não foi diferente nas abordagens realizadas pelos lexicógrafos Mirador Internacional (1977), no *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*; e Antônio Geraldo da Cunha (1986), no *Dicionário etimológico Nova Fronteira*

da língua portuguesa e no *Lexilello - novo dicionário de língua portuguesa como um epítome de regras gramaticais e ortográficas*.

Caminhando mais um pouco, chegamos ao século XXI e temos, entre as principais referências, às obras de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, intituladas “*Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*” (2009) e *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2010). Segundo o dicionarista (2009), o item *não* tem origem no latim *non*, (NASCENTE (1966); MACHADO (1967); SILVA BUENO (1968:1972); CARVALHO (1968)) e curiosamente, o autor apresenta ocorrência do *não* na oralidade:

Ocorre na língua a partir do séc. XX, esp. a partir dos pós-guerra, com o valor geral de ‘negação’, ‘privado’, ‘destituição’, ‘ausência’ ou ‘inexistência (de algo)’, muitas vezes em formações com significado próprio em dada área do conhecimento: não agressão, não combate, *não eu*, não violência. (FERREIRA, 2009, p.349)

Vale ressaltar que o uso da negação apresentada por Ferreira (2009) refere-se à negação de constituinte, isto é, o *não* como prefixo, formando novos significados. Através do sentido de inexistência ou ausência da negação, outros valores foram adquiridos ao longo do tempo, como o próprio autor apresenta.

Embora Ferreira (2009; 2010) apresente o *não* apenas como advérbio, ele, também, afirma que o item pode funcionar como partícula de realce, como nos exemplos, “que dor *não* sentiu” (FERREIRA, 2009), como uma interjeição, “Pois *não*” (FERREIRA, 2009); e como recusa: “receber um *não*”. Como interjeição, o *não* “exprime incredulidade ou recusa; cortesia usada quando os pedem alguma coisa, e que significa que não podemos deixar de concedê-la.” Todavia, o valor interjeição/ locução já havia sido descrita no século XX por J. Mesquita de Carvalho (1968).

Assim como Ferreira (2009; 2010), Antônio Houaiss et al (2009) definem, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o *não* como advérbio de negação que pode ocorrer como uma recusa a uma pergunta ou a uma resposta. Percebendo as novas funções adquiridas pelo *não*, o Houaiss et al (2009, p. 1994) elencam oito funções semânticas do item. São elas:

- Como contestação < -Tua mulher te abandonou? – Não... morreu>
- Como negação adversativa < - Poderão ele ter paz? – Mas não, terão guerra
- Como interrogação, revelando afirmação ou dúvida < Eles querem passar, não?
- Como equivalente reduzido de uma oração integrante. < Ele disse que não (=ele disse que não faz ou que não quer etc.)
- Como membro de uma construção descontinua: 1.6.1 aditivo-adversativo: não só (apenas, unicamente) ... mas (se não que, mais ainda, mas também)... <era não só

forte, mas generoso> 1.6.2: explicativo-adversativa: não porque... mas porque... <era bom não porque quisesse, mas porque percebia-se nele outro modo de ser>
 1.6.3 aproximativa: não mais (menos) que < não mais que cinco dias passaram quando dali partíramos>

- Como enfático, em construções falsamente negativa (correntemente desnecessário no contexto) <Você não virá?>
- Nas interrogações negativas equivalentes a afirmações < - Não disse que ela vinha? (eu disse que ela vinha)>
- Negação enfática; recusa <sua resposta foi um sonoro não>
- Pode ser enfatizado pelo redobro ou adjunção de outra partícula: Queres? Não, não!

Ao propor oito funções a negação, Houaiss *et al* (2009) consideram que o contexto de uso altera o sentido da negação, isso fica evidente nos excertos utilizados para exemplificar as categorias. Encontramos, também, nos *corpora*, que compõem nosso trabalho, o valor enfático da negação, a negação como partícula reduzida de uma oração integrante e como partícula equivalente a uma afirmação. Apesar de termos encontramos tais ocorrências, essas não serão selecionadas como variantes linguísticas nesse estudo, apenas as funções de *introdutor discursivo* e *manobra discursiva* serão observadas, conforme mencionamos anteriormente, na seção *Metodologia* e na análise dos dados.

Em suma, utilizamos dicionários que descrevem a negação conforme as perspectivas da época em que foram compilados e, principalmente, constatamos qual a relevância que demonstraram da negação ao propor ora um conceito breve, ora um conceito rico em detalhes. Vimos, nos dicionários, características que identificam a negação como uma partícula que se posiciona antes do verbo a fim de modificá-lo e que, também, exerce a função de realce e interjeição. Perceber que os dicionários contemporâneos já demonstram outras funções da negação, que não seja apenas a de modificador do verbo, é fundamental para observarmos a língua como um documento histórico. Procuramos iniciar a nossa pesquisa pelos históricos a fim de verificar como a negação era observada, por isso optamos, além dos dicionários, para compor esse inventário, apresentar, na próxima subseção, o percurso cronológico que as gramáticas históricas fizeram da negação.

2.2 O percurso histórico: as gramáticas históricas

Trazemos, nessa subseção, para compreendermos o conceito de negação na perspectiva histórica, Arnauld e Lancelot (2001[1612]); Rocha Lima (1991[1915]), Souza Lima (1937), Silveira Bueno (1944), Padre Antônio Cruz (1948), Nunes (1975), Coutinho (1976); Said Ali (1964; 2001[1966]), Souza da Silveira (1983), Almeida (2005).

Na *Gramática de Port-Royal*, Arnauld e Lancelot (2001[1612]), no capítulo “Dos advérbios”, expõem que o aparecimento da classe morfológica advérbio surgiu a partir da necessidade de se abreviar vocábulos do discurso já que o advérbio tem, *a priori*, a função de significar em uma só palavra aquilo que seria expresso por uma preposição e um substantivo. Os gramáticos acrescentam ainda que “[...] essas partículas se juntam comumente ao verbo, para modificar e determinar a ação [...]” (1612/2001, p. 80). E essa é, segundo eles, a razão do nome advérbios.

Souza Lima (1937), na *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*, abre a discussão a respeito de advérbios, afirmando que “[...] os *advérbios essenciaes* relacionam-se as *palavras adverbiadas* e as *locuções adberbiaes*.” (1937, p. 175) Para esse gramático, as palavras adverbiadas são definidas como “[...] quaisquer vocábulos que assumem acidentalmente a função de advérbios [...]” (1937, p.175). Ainda nesse capítulo, o gramático aponta que o advérbio *não* é empregado sem valor negativo em frases exclamativas que tenham *que, qual, quanto, quão*. Como exemplo, cita “*Que prantos que não regaram/As faces de D. Martinho!*” (THOMAS RIBEIRO, Dom Jayme, p.13, *apud* LIMA, 1937).

Silveira Bueno, na *Gramática Normativa*, caracteriza o advérbio “[...]como a palavra que expressa uma circunstância do verbo ou a intensidade da qualidade dos adjetivos [...].” (1944, p.166). O autor salienta, no entanto, que, embora a função prototípica do advérbio seja a de modificar verbo, adjetivo e advérbio, esse item gramatical, por vezes, modifica também substantivos. Almeida (2005), ao falar de advérbio, nessa mesma linha de Silveira Bueno (1944), pontua os aspectos de circunstância, função e forma, assim como faz Rocha Lima (1915/1991) na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*.

Por sua vez, o Pe. Cruz (1948), no *Pontuário da Análise Gramatical e Lógica*, na década de 40, já atribui ao vocábulo *não* cinco funções, que são:

- 1.**Adv. de negação.** Ex.: *Não* quero que estudes demais.
- 2.**Adv. de dúvida.** Ex.: Eu *não* (= acaso) lhe disse?
- 3.**Expletivo.** Ex.: Que doce *não* era a vida! *Não* veio, não.
- 4.**Loc. Interjectiva:** Ex.:*Não* mais!
- 5.**Locução adverbial:** *Não* vê. (CRUZ,1948 p. 44

A classificação proposta por Pe. Cruz (1948) destaca-se, dentre os estudos históricos gramaticais, por estabelecer cinco novas funções ao advérbio *não* nas sentenças, inclusive, pela perda semântica em casos como de dúvida e expletivo. No entanto, a categoria negação expletiva já havia sido descrita por Nascente (1996) no século XIX, no *Dicionário da Língua Portuguesa*, logo essa já não seria um apontamento inovador sobre a negação, mas, sim, um reconhecimento dessa função, considerada como consolidada no sistema. Essas funções, apesar de serem prescritas anteriormente, algumas, ainda, são percebidas na oralidade, como objetivamos mostrar nesse trabalho.

Reconhecendo a importância de se recorrer ao latim para resgatar a história do processo da mudança que o elemento linguístico passou para adquirir nossas formas e até mesmo novos sentidos, realizamos uma consulta sobre a origem dos advérbios em Coutinho (1976). O gramático explica, no livro *Pontos de Gramática Histórica*, que os advérbios originaram-se do latim vulgar, que costumavam formar locuções com valores adverbiais. A título de exemplo, *ab+ante > avante*, *ad+trans > atrás*, *ad+sic > assi (arc.)*, *assim*. (COUTINHO, 1976). Com a negação não foi diferente, conforme Coutinho, no latim tinha-se *nom (arc.) < non*.

Falando especificamente sobre a negação, Said Ali (1966) diz que o *não* é utilizado para anunciar conceito negativo e sua principal função é modificar a “[...] ideia expressa por verbo, adjetivo ou outro advérbio” (p.196). O gramático percebe, ainda, que, na oralidade, os falantes utilizavam o redobro do *não* com outros elementos negativos⁷ com o intuito de enfatizar, porém, é válido registrar que havia estigma em relação ao redobro:

Quanto à presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos além da palavra *não*, é fácil de ver que não anda o raciocínio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o acúmulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrário que negar o negado equivale a afirmar; mas abre exceções – admitindo, pois, que se suspenda este raciocínio – desde que o novo termo negativo não anteceda o advérbio *não*. Segundo esta doutrina, aceita na linguagem literária do português moderno (SAID ALI, 1966, p.198-9.)

Na literatura, no entanto, Said Ali (1966) coletou ocorrências significativas da negação, por exemplo: “Na feitoria não avia nem hum só prego..., nem outra cousa nenhũa das que erão necessárias (FERNÃO MENDES PINTO 3, 203 apud Said Ali, 1966). Na

⁷ Reconhecemos, assim como Said Ali (1966) que há outros elementos negativos que exercem a função de redobro negativo, no Português Brasileiro, desde que utilizados simultaneamente, como por exemplo, os pronomes indefinidos e o item *não*. Porém, consideramos como redobro ou dupla negação apenas ocorrências simultâneas de dois itens *não* intercalando algum elemento linguístico.

literatura quinhentista, o gramático notou a ocorrência de dupla negação e até tríplice, com efeito de reforço: “*Não digas a nunhũu nẽhũa* coisa de teu feito (Santo Amaro 111 apud SAID ALI, 1966). Na obra Ordenações de D. Manuel (apud SAID ALI, 1966), o verbo *defender* seguido de negação é considerado linguagem usual por Said Ali (1966).

Em relação ao uso, Said Ali (1966) afirma que a expressão negativa *até não*, que significa “enquanto não”, está em desuso no falar culto. Exemplos dessa ocorrência foram encontrados em escritores quinhentistas e alguns nos Sermões de Vieira, como: “Não hão de desistir do que começaram até não levarem a obra ao cabo” (VIEIRA, Serm.7 124 apud SAID ALI, 1966). Em relação ao reforço negativo, recorrente no português antigo, o gramático afirma que *nunca jamais* é considerada boa, como em “Nunca jamais aqui venha outro semelhante” (ZURARA, GUINÉ 143 apud SAID ALI, 1966). Por outro lado, a inversão como *jamais não* e *já nunca* é menos conhecida, segundo comentários do autor.

No *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Nunes (1975) discute o conceito de advérbios na seção das palavras invariáveis. Segundo o gramático, os advérbios dividem-se em duas categorias: advérbios, que acoplam as preposições e as conjunções; e, as interjeições, com as partículas de sentimentos. De acordo com Nunes (1975), a função básica dos advérbios é mostrar as circunstâncias da ação ou estado que acompanha o verbo e esses podem ter origem pronominal e nominal. A negação não é abordada na classificação semântica dos advérbios nessa obra.

Almeida (2005) e Souza da Silveira (1983) reafirmam o que Sousa Lima (1937) postulou sobre a perda do valor negativo do advérbio *não* em frases que tenham as expressões com *quanto*, *que*. Como em: “Que bela coisa não é o ato de ler!” (ALMEIDA 2005, p.321) ou ainda “Quantos não fêz cadáveres/Num leito o sono brando!” (CASTILHO, Cântico da Noite apud SOUSA DA SILVEIRA, 1883/1967, p. 221)

Said Ali (1964; 1966) ratifica Souza Lima (1937) e acrescenta que a classe dos advérbios traz os conceitos de tempo, lugar, modo, grau, negação entre outras, que determina o verbo, adjetivo ou outro advérbio em frases expositivas. Além disso, o gramático aponta que as locuções adverbiais são a combinação de preposições com substantivos ou adjetivos que diferem de advérbio por ser uma “frase mais ou menos longa” (SAID ALI, 1966, p.98) ampliando, assim, a denominação geral de advérbio.

Em suma, temos que a origem da classe morfológica dos advérbios, segundo Arnould e Lancelot (1612/2001), surgiu a partir da necessidade de criar vocábulos que significam em uma única palavra o que seria expresso por mais de uma palavra ou de um substantivo. Sobre o aparecimento da negação, vimos que tem origem no latim vulgar, assim como a classe dos

advérbios. (COUTINHO, 2004). Curiosamente, Souza Lima (1937) explica que as palavras adverbiais podem ser qualquer palavra que assuma a função de advérbio. Notamos, então, que o principal fator para essa definição é a função que o elemento exerce na estrutura e entendemos, então, que outras palavras podem transitar na função de advérbio. Essa proposta foge dos conceitos cristalizados de advérbio que outras gramáticas postularam de que o advérbio é a palavra invariável, modificador do verbo ou intensificador dos adjetivos (SILVEIRA BUENO, 1994).

Em relação à negação, acreditamos que esse já era um item relevante no vernáculo, pois nuances foram registradas, tais como a perda do valor negativo do *não* em sentenças com *que*; a percepção de que a negação exerce novas funções, como descreveu o Pe. Cruz (1948), bem como a modalidade oral e o padrão social influenciaram na realização da variante dupla negação (SAID ALI, 1944).

Realizado esse percurso, passaremos a caminhar pela estrada que leva à tradição pela via das gramáticas tradicionais e linguísticas.

2.3 A estrada da tradição: gramatical e linguística

Partiremos para a estrada que conduz à tradição com o objetivo de discutir o conceito de advérbios na tradição gramatical e, em particular, o *não*. Nossa caminhada será auxiliada pelos teóricos Sacconi (1982), Rocha Lima (1915/1991/2003), Silveira Bueno (1944), Cunha e Cintra (1985, 2001, 2003) e Evanildo Bechara (2004). Para concluir essa etapa, utilizaremos as gramáticas descritivas de Brenner (1981), Neves (2000), Vilella e Koch (2001), Mira Matheus et. al (2003), Perini (2004; 2010) e Castilho (2010).

A função básica do advérbio é ser o modificador do verbo, conforme Cunha e Cintra (1985; 2001), mas, ao lado dessa função, os gramáticos apresentam outra qualidade dos advérbios a de funcionarem como intensificadores. Por exercerem a função privativa, os advérbios podem reforçar o sentido de um adjetivo ou de outro advérbio. Em relação à negação, os autores classificam o *não* como advérbio de negação ocupando a posição pré-verbal na sentença. Começa-se, então, a delimitar a posição fixa do advérbio nas gramáticas prescritivas.

Outra característica pertinente apresentada por Cunha e Cintra (1985, 2001) sobre a classe dos advérbios é a possibilidade da repeti-los para intensificar a sentença. Os estudiosos exemplificam com advérbio *logo*, conforme o modelo: “Vê-se **logo logo** a intenção!” (M. da Fonseca, SV, 30). Apesar de os gramáticos não serem específicos em relação a abrangência

dessa função a outros advérbios, temos observado que o uso da repetição, na oralidade, aplica-se também à negação para enfatizar.

Em conformidade com Cunha e Cintra (2003), Rocha Lima (2003), na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, descreve os advérbios como palavras modificadoras do verbo, alterando a significação verbal. Alguns advérbios, como de intensidade, podem adjungir a adjetivos e a outros advérbios (ROCHA LIMA, 2003; CUNHA E CINTRA, 2003). Segundo a classificação do autor, os advérbios são distribuídos seguindo espécies de: dúvida, intensidade, modo, lugar e tempo. Nessa gramática, o advérbio de negação não é abordado.

Não muito diferente do que os outros gramáticos trilharam sobre os advérbios, Bechara (2004), na *Moderna Gramática Portuguesa*, define a categoria como “[...]expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.” (BECHARA, 2004, p. 286). Assim, o advérbio que antecede o verbo, pode ser de natureza pronominal ou nominal, modificando um adjetivo e um advérbio, e exerce a função temporal, espacial, modificadora de substância e como predicativo. Desse modo, essas características demonstram a mobilidade semântica e funcional dos advérbios, segundo registra o gramático.

Na gramática *Nossa gramática: teoria e prática*, Sacconi (1982) amplia o conceito de advérbio e defini-o como “[...] a palavra que modifica essencialmente o verbo e, excepcionalmente, o adjetivo, outro advérbio e até uma oração inteira.” (SACCONI, 1982, p.175). Durante essa estrada, os gramáticos, até então, haviam normatizado o advérbio como modificador do verbo, de outro advérbio e de adjetivos; com a definição de Sacconi (1982), novas vias de interpretação sobre os advérbios passam a ser possíveis, como veremos posteriormente.

Sacconi (1982) compreende a classificação dos advérbios de acordo com seu significado, portanto, admite sete tipos: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo. Curiosamente, ele atribui *absolutamente* e *tampouco* à negação, juntamente como o *não*. Acreditamos que esses advérbios podem exprimir negação quando devidamente contextualizados, porém eles também apresentam marcas de tempo e de modo. (NAMIUTI; MIOTO, 2014). O fato de o *não* ser considerado com a negação prototípica do Português Brasileiro é uma das principais razões de termos adotamos, nesta pesquisa, apenas o *não* como objeto de estudo.

Seguindo os passos de Souza Lima (1937), Sacconi (1982) observou na língua que a expressão “*Pois não*” possui valor afirmativo e, que o *não* pode aparecer como palavra denotativa de realce, como no exemplo: “Quanta coisa desconhecida *não* deve haver no fundo

do mar!” (p. 175). Esses valores semânticos descritos pelo gramático são relevantes para o tratamento dos nossos dados, já que encontramos ocorrências como esses valores.

Resgatando o percurso feito através das gramáticas tradicionais, notamos que a definição de advérbio como elemento modificador do verbo é unanime (SILVEIRA BUENO, 1944; ROCHA LIMA, 2003; CUNHA E CINTRA, 2003; BECHARA 2004). Porém, no que se refere à perda semântica da negação, Rocha Lima (1937) e Sacconi (1982) são inovadores ao prescrevem que o valor semântico da negação pode ser alterado por expressões, tais como *quanto* e *que*, e *que* pode funcionar, também, como partícula de realce, como nesse caso: “Quando pensa que não, algo acontece⁸”. Além disso, a mobilidade semântica do advérbio é prevista pelo gramático Bechara (2004) e a duplicação é postulada por Cunha e Cintra (2001).

Os arcabouços históricos e tradicionais apresentados até aqui nos levarão as vias das Gramáticas Descritivas para verificarmos como a negação tem sido observada na dinamicidade da língua.

Continuemos a caminhada.

2.4 A via descritiva: gramáticas descritivas

Iniciaremos o percurso sobre a via descritiva e, para isso, contaremos com o suporte teórico de Neves (2000), Vilela e Koch (2001), Mira Matheus et al. (2003), Perini (2004, 2010), Castilho (2008; 2010) a fim de chegarmos à descrição da negação, tendo em vista a língua em uso.

Na *Gramática de Usos do Português*, de Neves (2000), encontramos uma longa descrição da estrutura negativa do Português e, devido a importância dessa para os estudos linguísticos, pormenorizamos, nesta seção, as contribuições da autora em relação à negação. Partimos, inicialmente, da definição mais ampla de Neves (2000) sobre a negação

[...]uma operação atuante no nível **sintático-semântico** (no interior do enunciado), bem como no nível **pragmático**. É um processo formador de sentido, agindo como instrumento de **interação** dotado de intencionalidade. A negação é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo). (NEVES, 2000 p. 285, grifos da autora)

No que concerne à negação sentencial com o item linguístico *não*, percebemos que, no vernáculo conquistense, o *não* abrange todos os níveis linguísticos, é constituído por implicaturas semânticas, pragmático-discursivas que, na maioria dos casos, sofre desgaste

⁸ Exemplo elaborado pela pesquisadora.

fonológico devido à frequência de uso. Além disso, exerce outras funções não prototípicas, como veremos no tratamento dos dados, caracterizando, assim, como um fenômeno rico para análise Sociofuncionalista.

Segundo Neves (2000), a negação é um elemento modificador que tem como escopo (o segmento em que a negação exerce seu efeito) toda a oração ou um constituinte.

Outra contribuição sobre a natureza da negação que trazemos aqui, embora a dissertação seja de natureza (sócio)funcionalista, deve-se aos estudos gerativistas de Namiuti e Miotto (2014)⁹. Segundo os pesquisadores, o advérbio *não* se diferencia dos demais advérbios de negação, tais como *nunca*, *jamais*, por dois motivos:

O primeiro é o caráter peculiar do **não**, compreendido como uma espécie de clítico desde o nascimento do português. O segundo são as propriedades das estruturas que subjazem às gramáticas das fases históricas da língua. Como as propriedades que se referem ao estatuto do sujeito pré-verbal e ao núcleo funcional que verbo e clítico, ao se moverem, podem alcançar em cada período da história da língua. (NAMIUTI; MIOTTO; 2014, p. 101, grifo da autora)

Dentro do sistema do Português Brasileiro, o item *não* é único responsável pelo processo de negação plena. Embora outros advérbios como *jamais* e *nunca* apresentem, também, traços negativos, eles são agregados de valores aspectual e temporal ao valor negativo. Sendo assim, o *não* é, por excelência, o único elemento utilizado para negar e o capaz de inverter o valor de verdade (MIOTTO, 1992; CAVALCANTE, 2007).

Retomando a trajetória da gramática de Neves (2000), um contexto recorrente da negação é o de perguntas interrogativas cujas respostas só requerem sim/não. A negação é um elemento que pode aparecer isolado com o estatuto de enunciado negativo, embora, haja casos em que o item venha precedido de um novo enunciado. Acreditamos que essa seja uma estratégia comunicativa do falante para modalizar seu discurso e, então, justificar a resposta. Observemos como isso ocorre:

(03)INF: Cê se lembra de alguma coisa interessante que aconteceu lá no seu trabalho?¹⁰

I: *Não*. (L B.R. Masc. Faixa I PPVC)

(04)DOC: Costuma viajar nas férias?

⁹ Os apontamentos de Namiuti e Miotto (2014) são fundamentais nessa seção para delimitar e justificar a escolha do objeto de estudo, pois, dentre a classe dos advérbios negativos, o *não* é prototípico na língua e o único que não apresenta traços, tais como tempo, conforme os autores apontaram.

¹⁰ Os excertos apresentados foram retirados dos *corpora* (*Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista e *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista) que constituem esta dissertação.

INF: *Não...* só viajei uma única vez na vida... *num* viajo *não*. (L B.R. Masc. Faixa I PPVC)

No excerto (03), observamos a ocorrência do *não* como resposta isolada, como descreve Neves (2000); no segundo aparecimento da negação, a presença do *não* cumpre sua função de resposta a uma pergunta, mas é acrescentado por mais conteúdo informacional que contém mais carga semântica. Demonstrando, assim, que apenas o item negativo já não é tão expressivo como se esperava.

Outra observação que Neves (2000) faz em relação à oração negativa é a função elíptica de recuperar nos contextos todo o enunciado ou parte dele. Verificamos essa ocorrência no *corpus* “INF: Ela sempre foi muito determinada e eu não.” (D.F.P. Fem. Faixa II PPVC). Esse recurso do Português de omitir elementos que são facilmente resgatados por meio da negação proporciona que a informatividade do texto seja equilibrada, evitando, dessa maneira, a prolixidade e o que venha a ser desnecessário em uma interação.

Considerando o exposto sobre a definição de negação, Neves (2000) descreve, também, que a negação opera em diversos níveis na oração, seja sobre o sujeito, ou na relação entre sujeito e predicado ou age sobre o próprio evento (predicado). O que determina esses níveis é a entonação dada sobre o componente a ser negada, “[...]e não simplesmente sobre a relação predicativa oracional” (NEVES, 2000,p.293). O apontamento da autora sobre o acento colabora com a concepção de que o falante enfatiza intencionalmente a negação no discurso, ou seja, é o único elemento que instancia a negação sentencial. No entanto, no nosso estudo, optamos por não analisar esse fator devido o curto período para execução da pesquisa, pois, para realizá-lo com eficácia necessitaríamos recorrer à análise acústica.

No nível sintático-semântico, a negação predicativa, conforme Neves (2000), é quando a negação se estabelece nas relações sintáticas e semânticas no interior do enunciado. Essa pode ser caracterizada como negativa predicativa oracional, que ocorre em contexto típico de negação, atuando sobre a própria oração e, por isso, é sintaticamente negativa. A negação predicativa oracional pode ser de dois tipos segundo Neves (2000). Vejamos:

a)Nega-se o vínculo existente entre **sujeito** e **predicado**, afirmando-se que não é legítima a atribuição de um determinado predicado a um determinado **sujeito**
Eles NÃO terão o gosto. Donana NÃO vai sair de degedro (ED)

b)Nas **orações** em que o **predicado** não é atribuído a nenhum **sujeito** (seja porque a **oração** não tem **sujeito**, seja porque o **sujeito** é **indeterminado**) apresenta-se como não-existente o estado de coisas designado pela predicação
NÃO havia pavor em sua vez (FP)

(NEVES, 2000, p. 295, grifos da autora)

No nível semântico, os verbos são imprescindíveis para a ocorrência do *não* na posição anteposta ao verbo. Explicando a negativa predicativa oracional, Neves (2000) afirma que essa equivale a uma oração que tenha verbos da classe dos implicativos negativos, por exemplo, “Há interesse em **EVITAR** um incidente público”, percebemos que a oração é negativa, embora não apresente a partícula negativa.

Por outro lado, a negação oracional implicada apresenta o elemento negativo: “Há interesse em **NÃO deixar acontecer** um incidente público”. Sendo assim, a negação oracional implicada difere-se da negação predicativa oracional por não ser possível ocorrer indefinidos negativos com verbos implicativos negativos, eis o exemplo, “* Há interesse em **EVITAR nenhum** incidente público”, enquanto que, com negativa oracional, os indefinidos negativos ocorrem perfeitamente: “Há interesse em **NÃO deixar acontecer nenhum** incidente público”. Essa diferença traçada por Neves (2000) ajuda-nos a delimitar quais as ocorrências que constituíram nosso banco de dados.

É preciso fazer uma ressalva, afinal temos, no Português Brasileiro, sentenças do tipo “Deixa eu ver se **NÃO esqueci NENHUM** detalhe”. Considerando a classificação verbal proposta por Neves (2000), o verbo *esquecer* caracteriza por ser implicativo negativo antecedido por uma negação e seguido por um indefinido negativo. Nesse caso, a pesquisadora explica “[...] uma oração com verbo implicativo negativo negado comporta-se, entretanto, como uma oração de negação predicativa oracional, admitindo indefinidos negativos” (NEVES, 2000,p.296). Encontramos esse excerto no *corpus*:

(05)INF: que eu *não* esqueço até hoje (E.P.S. Masc. Faixa I PPVC)

Para Neves (2000), a negação, também, pode ocorrer com a estrutura negativa “Não (é) que + sujeito + predicado” e acoplar estruturas encaixadas formadas por sujeito e o predicado. Essa oração seria, então, denominada negação predicativa oracional; todavia, como restrição: não pode ocorrer no sujeito quantificadores do tipo *ninguém, muito, todos* etc.... Quando ocorrer quantificadores na posição de sujeito, a negação recai sobre o quantificador e não sobre a relação sujeito e predicado. Vejamos os exemplos

NÃO QUE ALGUÉM precisasse ficar sabendo.” – O quantificador é negado;
NÃO seria preciso que **alguém** ficasse sabendo” – A relação entre sujeito e predicado é negada. (NEVES, 2000, p.300)

Segundo Neves (2000), a estrutura “Não (é) que + sujeito + predicado” apresenta dois tipos de construções: um tipo argumentativo mais marcado, representado por NÃO QUE seguido de oração encaixada com verbo no subjuntivo (“**Não que** a insistência fosse maior do que em outras ocasiões”); e outro tipo mais informativo, mais neutro, ou seja, pode ter valor apenas informativo, representado por NÃO É QUE seguida por orações encaixadas e com verbos no indicativo ou no subjuntivo (“NÃO É QUE queiramos insistir num modo de pensar esquemático e teleológico” – MOR). Com essa última observação, encerramos os apontamentos selecionados por nós da gramática de Neves (2000) em relação aos fatores pragmático-semânticos da negação.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* (2001), Vilela e Koch, por sua vez, descrevem a classe dos advérbios como modificador de adjetivos, de outros advérbios, substantivos e frases totais, como prescreveu Sacconi (1982) anteriormente. Acrescentam, ainda, que os advérbios são dependentes semanticamente¹¹, intransitivos e admitem graduação e mobilidade derivacional, ampliando, assim, a concepção de Nunes (1975), de que os advérbios são palavras invariáveis.

Vilela e Koch (2001) classificam os advérbios entre categoria gramatical e categoria funcional. Na categoria funcional, a função que determinada expressão desempenha na frase ou no enunciado pode ser de natureza pronominal, nominal e, também, há a possibilidade de operadores, tais como, *não*, *ainda* e *mesmo*. Na categoria gramatical, a classificação dos advérbios obedece aos critérios exclusivamente semânticos. Na categoria da negação, classificada como categoria gramatical, o elemento *não* é o prototípico, porém os autores acrescentam à categoria o *nunca*.

Diferentemente da classificação de Cunha e Cintra (2003) e Rocha Lima (2003), Vilela e Koch (2001) propõe uma classificação a partir de parâmetros linguísticos baseada no uso dos elementos na língua.

Sobre a categoria funcional e gramatical, Vilela e Koch (2001) propõem uma subclassificação dos advérbios, levando em consideração os dados semânticos, a função e as características sintáticas do núcleo adverbial. Segundo eles, os advérbios podem ser reorganizados em advérbios do núcleo actancial (os que dependem dos verbos dos seus argumentos); advérbios intrafrásicos (os que dependem da frase no seu todo) ou advérbios extrafrásicos e os que estão ancorados no próprio texto ou advérbios de enunciação.

¹¹ Vilela e Koch (2001) explicam que os advérbios são dependentes porque “[...]estão sujeitos à compatibilidade semântica de outro elemento, verbo, adjetivo, grupo nominal, sempre em dependência dos elementos que modificam.” (VILELA; KOCK, 2001, p.246)

(VILELA; KOCH, 2001). Apesar de essa abordagem ser utilizada apenas para discutir os advérbios de modo, terminados com o sufixo *–mente*, apresentamos essa gramática para evidenciar que a classe dos advérbios tem ganhado amplitude nos estudos linguísticos e que as categorias estão sendo repensadas a partir de aspectos linguísticos e não mais convencionais.

A análise dos advérbios na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mira Mateus et al. (2003) é parada obrigatória pela relevância da obra nos estudos linguísticos, por reconhecermos a importância do que é apresentado nessa obra, embora o nosso caminho seja marcado, prioritariamente, pela via funcionalista.

Mira Mateus et al (2003) defendem a heterogeneidade e a complexidade da classe dos advérbios e que esses não modificam apenas os verbos, mas outros constituintes. O advérbio, segundo os autores, ocupa o núcleo do sintagma adverbial, mesmo sendo formado por apenas uma palavra ou por uma locução, com o caráter invariável e sem marca de concordância, podendo ocupar posições argumentais e não argumentais.

Do ponto de vista de Mira Matheus et al. (2003), a classificação tradicional dos advérbios é problemática, porque os critérios são nocionais e a classificação é ambígua, já que os advérbios de modo como *nunca* e *jamaís* são advérbios de negação e simultaneamente de tempo. Observamos que esse critério aplica-se, também, a classificação realizada por Sacconi (1982). Além disso, os autores acrescentam “[...] a classificação tradicional não leva em conta o comportamento sintático dos advérbios e as diferentes dependências que podem existir entre os advérbios e outras categorias” (MIRA MATHEUS ET AL, 2003, p. 419). Para solucionar o problema, eles estabelecem, então, critérios adicionais, tais como polaridade afirmativa e polaridade negativa, graduação/ não graduáveis, transitividade/ não transitividade, entre outros.

Sobre o critério polaridade afirmativa e polaridade negativa, Mira Matheus et al. (2003) dizem ser imprescindível a presença do *não* para marcar a polaridade negativa, enquanto que a polaridade afirmativa não precisa do marcador positivo. Porém, em frases que constituem respostas a pergunta, a atuação é diferente. Em resposta, tanto *sim* quanto *não* podem surgir isolados ou acompanhados por verbos e/ou outros elementos. Essa posição das pesquisadoras sobre a polaridade contribui para respaldarmos o princípio da marcação, proposto pela teoria funcionalista.

Dedicando um capítulo para negação, *Os aspectos sintáticos da negação*, Mira Matheus et al. (2003) descrevem que o *não* é o marcador negativo prototípico da negação e que tem escopo sobre a frase, os sintagmas ou itens lexicais. Na posição frásica, o *não* ocupa

a posição pré-verbal, isto é, no início do constituinte que exprime o predicado. A combinação entre o *não* e o verbo resulta em uma unidade sintática que não pode ser fragmentada, a não ser, por pronomes clíticos. (NAMIUTI; MIOTO, 2014). Em relação à negação lexical e sintagmática, os autores afirmam que a negação não altera a natureza categorial dos itens negados.

Mira Matheus et al. (2003) apresentam, ainda, a questão do redobro da negação frásica em frases como em: “O Antônio não diria isso à Maria, não!” (MIRA MATHEUS et al, 2003,p.776), porém não descrevem os fatores pragmáticos que condicionam a realização. Igualmente acontece quando o advérbio *não* antecede a resposta a uma pergunta, por exemplo, “Já decidira, como vão resolver essa situação? –*Não*, não queremos pensar mais nisso!” (p.777) No entanto, para o fenômeno linguístico de redobro da negação, nós adotaremos nesta dissertação a nomenclatura dupla negação¹².

Além do redobro da negação, a negação pode ocorrer isoladamente, em contexto de resposta, recuperando o conteúdo elíptico da frase negativa, conforme explicam Mira Matheus et. al (2003, p.781): “Os jornais noticiaram o desastre? – Não”. Essa característica é relevante ao nosso estudo, pois verificamos que o *não* tem adquirido essa função na oralidade e, por isso, é pertinente sabermos se há permanência –ou não- dessa propriedade em outros contextos, exercendo novas funções.

Expressões como “*Pois não*”, embora tenha o marcador negativo, exprime polaridade afirmativa, como avaliou Sacconi (1982), e reafirmaram Mira Matheus et al. (2003). Os gramáticos as consideram como equivalentes a “expressões [...] que abreviadamente interrogam sobre o estatuto de verdade da proposição enunciada, [...] classificando-as em interrogativas-tag¹³” (p.782). Não obstante, é recorrente, no Português, e, em particular, em nossos *corpora*, essas expressões, porém em contextos específicos.

Ao falar sobre concordância da negativa, Mira Matheus et al (2003) afirmam haver a ocorrência de mais de um elemento negativo no constituinte sintático sem que por isso a sentença fique malformada ou que um elemento anule o outro, por exemplo, “Ninguém diz nada nunca” ou “Ele não cumprimentou ninguém” (MIRA MATHEUS et al, 2003,p. 789). Explicando essas ocorrências, os gramáticos afirmam que os casos de concordância negativa no Português “[...] caracterizam-se por envolverem em um mesmo domínio negativo, um ou mais sintagmas quantificadores negativos sob o escopo de um marcador de negação.” (MIRA

¹² Entendemos a dupla negação como a ocorrência simultânea do *não*, entre os sintagmas verbais, nominais e adjetivais.

¹³ Do inglês tag-question: You aren’t Brazilian, are you?

MATHEUS et al, 2003,p.790). Nesta pesquisa, todavia, não consideraremos a dupla negação por meio de pronomes quantificadores negativos, isto é, utilizaremos apenas a duplicação da negação (Não/Num+Verbo+Não). Conforme o exemplo que segue:

(06)INF: É, Moro junto cum meu padrasto. Só que *num* gosto do meu padrasto *não*.
(L.B.R. Masc. Faixa I PPVC)

A concordância negativa ocorre com o fenômeno denominado, por Mira Matheus et al (2003), como dupla negação. Isso porque, em sentenças como “A Paula não sai sem a filha” são interpretadas com a polaridade positiva (“A Paula só sai com a filha”). Sendo assim, “o cancelamento da negação ocorre quando um constituinte tem escopo sobre um marcador de negação que define um domínio negativo autônomo” (MIRA MATHEUS, p. 791, 2003). Em consonância com os autores, Brenner (1981) amplia o entendimento da dupla negação como a combinação do advérbio *não* e outro constituinte de valor negativo, tais como, quantificadores, pronomes e advérbios.

Sobre a dupla negação com pronomes no Português Brasileiro, Brenner (1981) verificou que, se a negação ocupa, sintaticamente, a posição de pronome sujeito, não é possível acontecer à negação diante do verbo, por outro lado, se a negação permanecer como auxiliar e o pronome sujeito for posposto ao verbo está propício à dupla negação. O segundo elemento seria, então, reforço do primeiro. Por exemplo, “Não saiu ninguém”. (BRENNER, p. 67. 1981)

Outra via descritiva sobre a negação foi realizada por Perini (2004), na *Gramática Descritiva do Português*, na qual o autor afirma, inicialmente, haver uma lista ampla e extensa de sintagmas, que poderiam ocupar a posição de sujeito, objeto direto, predicativo do sujeito, que “[...] incluiria não apenas palavras individuais, mas um número ilimitado de sintagmas maiores.” (PERINI, 2004,p.85). Contudo, existem funções sintáticas que são limitadas a ocupar essa posição, tal como, a negação verbal.

A negação, segundo o Perini (2004), apresenta traços [-CV, -Ant, -Q], tem uma posição fixa dentro da sentença, isto é, antes de NdP, sem possibilidade de inserir nenhum elemento entre os dois. Conforme, os estudos do gramático “[...]entre a negação verbal e o NdP não podem ocorrer nem mesmo elementos parentéticos separados por vírgula, como os dos exemplos: ‘O ministro, dizem, não aprecia jiló.’ ‘O ministro não aprecia, dizem, jiló.’ (PERINI, 2004,p. 85)

Posteriormente, Perini (2010) acrescenta, na *Gramática do Português Brasileiro*, que a negação é um termo fundamental para a semântica das orações, porém não recebe papel temático. Sendo assim, a negação indica que o evento do verbo não é verdadeiro e posiciona-se antes do verbo e em determinados contextos pode haver uma negação no final da frase, por exemplo, “*Não tive não.*” (A.F.S.F. Masc. Faixa I PCVC) ou pode ocorrer a omissão do primeiro *não*, como neste caso: “*Tem não*” (C.D.D. Fem. Faixa II PPVC). As variantes fonológicas da negação apresentam “[...] a primeira negação [...] átona, e, em geral, se pronuncia [nũ], às vezes escrito *num*; a segunda é tônica e se pronuncia sempre [nãw̃].” (PERINI, 2010 p.94).

Apresentar as variantes sintáticas e fonológicas da negação nas gramáticas demonstra, a nosso ver, o caráter emergente e recorrente das variantes no vernáculo, ora pelo uso frequente, ora pela necessidade comunicativa dos informantes de serem mais enfáticos e, por isso, tendem a se consolidar no sistema linguístico. Além disso, no registro da língua em uso, temos evidências de que são os fatores pragmático-discursivos que fazem com que as línguas mudem e/ou variem.

Sobre a posição do *não* em relação ao verbo, Perini (2010), assim como Mira Matheus *et al* (2003) e Namiuti; Miotto (2014), afirma que apenas o pronome clítico pode intercalar o *não* e o verbo em posição pré-verbal. Por outro lado, outras palavras negativas podem se distanciar do verbo por diversos elementos. Assim sendo, a quantidade de constituintes negativos não compromete a interpretação da frase. Eis um exemplo: “Eu nunca pedi a ninguém que me ajudasse em nada.” (PERINI, 2010, p. 128).

Três regras linguísticas as quais condicionam o aparecimento do segundo *não* foram percebidas por Perini (2010). São elas:

1. O segundo *não* aparece apenas no final da frase;
2. O segundo *não* nega as orações principais, orações com função de objeto, que podem ser negadas independentes se estiverem na posição final, e não nega orações subordinadas;
3. Em períodos compostos por coordenação com *e* e o mesmo sujeito para as duas orações, o segundo *não* ocorre no final da estrutura completa ou no final da primeira oração e nega tudo o que o procede no período. (PERINI, 2010, p.128)

Para Perini (2010), o segundo *não* ocupa a posição final na oração mesmo quando for um período longo. Ao passo que orações objeto podem ser negadas (“*Eu desconfio que ela*

não goste de você não”), as orações subordinadas não estão sobre o escopo da negação (**“O Ferreira sai de casa quando não está chovendo não*”). Sobre a terceira regra, ele comenta que o *não* nega apenas se aparecer no final de toda a frase e tiver o mesmo sujeito, como em *“Você não vai pegar o carro e devolver amanhã não*”.

A negação nominal e adverbial tem algumas restrições. Quando utilizada com um nominal, o *não* precede o verbo, porém quando utilizado com um adverbial pode ocorrer tanto antes do verbo quanto depois (Hoje não/ Não Hoje), mesmo assim, há as exceções. Em alguns casos, a negação vem após o advérbio (Talvez não/ *Não talvez), isso indica, então, que o advérbio modifica o *não*, e não ocorre o oposto. (PERINI, 2010).

Na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, Castilho (2010) descreve os advérbios com a função de adjetivar o verbo e de substituir o sintagma proposicional. Em razão disso, considera duas dimensões para classificar os advérbios, segmento sintático a que se aplica o advérbio e a função que ele desempenha, elencando, portanto, quatorze espécies de advérbios, são eles: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação, tempo, ordem, inclusão, designação, realce, retificação, situação, advérbios interrogativos. Em relação à categoria negação, o gramático inclui além do *não*, *nunca*, *jamais* e *sequer*.

Ao fazer uma análise linguística do advérbio, Castilho (2010) postula que são palavras, morfologicamente, invariáveis com escopo sintático sobre o verbo, adjetivo e outro advérbio e, quanto à dimensão semântica, ele identifica três grandes classes: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. Quanto à negação, o autor mostra que o *não* pertence à classe dos dêiticos por negar tanto o conteúdo quanto o constituinte. Além dessa propriedade, o gramático apresenta o redobro da negação.

O redobro, segundo o gramático, se dá de duas maneiras: primeiro ocorre por meio da repetição da palavra, por exemplo, Não + verbo+ Não, nesse caso “[...]o primeiro advérbio pode cliticizar-se ao verbo, sofrer desgaste fonológico, perdendo, inicialmente, o ditongo nasal, substituindo por uma vogal nasal [...] reduzindo-se depois a uma consoante pré-nasalizada [...] até atingir o estágio zero” (CASTILHO, 2010,p. 576). O segundo tipo de redobro ocorre quando o segundo termo é substituído por vocábulos, pronomes quantificadores indefinidos ou por substantivos, tal como, “*Não* te empresto dinheiro *coisa alguma*” (CASTILHO, 2010, p. 577). Consideraremos, para este estudo, ora dissertação, apenas o redobro da negação pela repetição da palavra.

Em sentenças com redobro, o *não* pode ocupar quatro colocações: (i) junto ao elemento negado; (ii) pós-verbal, quando há o pagamento do primeiro termo; (iii) no final da sentença funcionando como pergunta eco; (iv) prefixo. Castilho (2010) acrescenta, ainda, que,

quando o *não* nega uma expressão não verbalizada, como é o caso em “Loc.1: que te aconteceu ontem à noite? Loc. 2: bem... **não**... um ladrão me ameaçou com um revólver...” (CASTILHO, 2010 p. 578), denomina-se negação psicopragmática.

Diferentemente da nomenclatura atribuída ao *não* por Castilho (2010), utilizaremos para essa função da negação o termo *introdutor discursivo*, já que essa função assumida pelo item tem por finalidade apenas de iniciar um turno sem o intuito de negar nenhum constituinte, funcionando, apenas, como uma conjunção. Temos como exemplo o excerto, extraído do *Corpus Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)*

(07)DOC: ... Fugiu por quê?

INF: *Não*, eu fugi porque eu quis, sabe? (E.S.B. Fem. Faixa II PPVC)

No excerto (07) , curiosamente, a informante inicia o turno com o *não*, elemento que, segundo as gramáticas, desempenha a função de advérbio, mas que, nesse exemplo, exerce a função de introdutor, tendo em vista que relaciona/conecta sentenças. Na seção da *Metodologia*, descreveremos com mais detalhes a negação como *introdutor discursivo* e, na seção da *Análise dos Dados*, a produtividade dessa categoria através da frequência numérica das ocorrências nos *corpora* analisados.

Em relação às gramáticas descritivas percorridas, percebemos que o principal objetivo delas é apresentar como o fenômeno da negação está atuando na língua, com suas variantes, e quais os contextos linguísticos que favorecem a ocorrência desse fenômeno no sintagma verbal. Obviamente, esse é um tema complexo que requer uma melhor descrição, por isso, na próxima seção, *Os estudos linguísticos sobre a negação: um diálogo entre teóricos*, apresentaremos a negação do ponto de vista dos estudos linguísticos contemporâneos.

2.5 Visão geral da seção

Durante essa caminhada, encontramos diversos apontamentos ora diferentes, ora similares sobre a classe dos advérbios e da negação. Desde os dicionários, vimos que a partícula negativa acopla-se ao lado do verbo, além disso, que pode atuar como um prefixo e, também, como elementos de interjeição. Já nas gramáticas históricas e prescritivas partimos, inicialmente, da definição de advérbio, haja vista, que a negação está classificada como advérbio e, em seguida, apresentamos o conceito da negação.

Notamos que, na maioria das vezes, o advérbio é descrito como um modificador do verbo ou do adjetivo. Com a negação, não foi diferente, tanto as gramáticas históricas como gramáticas prescritivas apresentam a negação como oposto de “sim”, ocupando a posição à esquerda do verbo, isto é, a posição canônica. De modo geral, da forma como foi feita a prescrição, a tradição gramatical apresentou conceitos similares às definições presentes nos dicionários. Por fim, com as gramáticas descritivas, vimos a reflexão sobre o prescrito e a ampliação do conceito da classe dos advérbios ao proporem novos elementos à classificação ou novas estratégias de classificar de advérbios. Portanto, podemos afirmar que os autores das gramáticas descritivas preocuparam-se em apresentar os valores sintático, semântico e pragmático da negação e das suas variantes.

3 OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE A NEGAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE TEÓRICOS

Nos estudos linguísticos, a negação tem cláusula diferente da afirmação, seja pela constituição sintática, seja pelo efeito de sentido. Afirmar é algo cognitivamente mais simples, menos complexo e, por isso, menos marcado. Por outro lado, negar é uma atividade complexa em termos cognitivos, mais marcada, menos esperada pelo interlocutor e estruturalmente maior, tendo em vista que um item é acrescentado ao material linguístico já existente. O ato de negar envolve reorientar e, por vezes, corrigir a pressuposição do falante.

Com isso posto e com a proposta de, dando continuidade a nossa discussão, realizar um diálogo sobre a negação com pesquisas linguísticas contemporâneas, a presente seção está organizada em três subseções. Cada subseção ficará a cargo de alguns mestres. Inicialmente, Nunes (2014), Reimann e Yacovenco (2014) e Braga e Silva (2011) apresentam uma visão geral das três variantes [Não V], [Não V Não] e [V Não]; na segunda subseção, os pesquisadores Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996) abordam a variante [V Não]; e, na última subseção, Alkim (2002), Furtado da Cunha (1996), Ramos (2002), Sousa e Lorenzo Vitral (2010) e Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012) descrevem as principais características da dupla negação, [Não V Não].

Passemos, então, a palavra aos teóricos. Antes disso, porém, é importante esclarecer que o objetivo de organizar a seção de tal modo se dá pelas posições sintáticas mais recorrentes da/na negação.

3.1 Com a palavra: os estudiosos da negação e suas variantes

O uso do *não* é categórico para inverter o valor de verdade. Prescrito pelas gramáticas da Tradição Gramatical como a principal partícula adverbial negativa, o uso frequente da negação tem resultado em novas variantes sintáticas e fonológicas, equivalentes semanticamente. Esse fenômeno é estudado sobre várias lentes, como veremos a seguir.

No texto “*A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus*”, Nunes (2014) observa o convívio sincrônico de três estratégias negativas: a pré- e pós-verbal e a dupla negação. Em consonância com Furtado da Cunha (2000), que prevê um

caminho¹⁴ motivado por fatores pragmáticos, fonológicos, cognitivo e sintático para a mudança da negação, Nunes (2014) afirma que a dupla negação surge a partir da necessidade comunicativa do informante em tornar a negação mais expressiva e propõe a hipótese de que a negação sentencial do Rio de Janeiro está passando por um processo de mudança.

Para atestar a hipótese, Nunes (2014), amparada pela metodologia da Sociolinguística Variacionista, estabelece os três tipos de negação como variante dependente ternária. Define, também, as variantes independentes em fatores linguísticos: Sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoa) e tempo verbal (presente, passado e futuro); e em fatores extralinguísticos, gênero/sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes a fim de obter valores quantitativos referentes à frequência de uso. Os dados coletados foram retirados de oito entrevistas selecionadas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), na qual os informantes estavam estratificados em sexo, faixa etária e nível de escolaridade, constituindo, assim, o *corpus* da pesquisa.

Ao contabilizar a ocorrência total os dados, Nunes (2014) percebeu que há predominância da realização canônica da negação (73,1%), a dupla negação foi intermediária (25,4%) e a negação pós-verbal foi incipiente (1,5%). Constatou, então, que as variantes inovadoras não têm força suficiente para sobrepor a variante canônica.

A princípio, Nunes (2014) hipotetizou para o fator linguístico tipo de sujeito o favorecimento das três estruturas negativas na primeira pessoa do singular, principalmente, a dupla negação, já que o falante tende a enfatizar quando fala de si mesmo. Ao propor a leitura dos dados, a pesquisadora verificou que a primeira hipótese foi confirmada, pois a primeira pessoa (69,2%) e a terceira pessoa (30,8%) favoreceram a presença da dupla negação, enquanto que não foi encontrada nenhuma ocorrência com a segunda pessoa. Em comparação com as outras variantes, a negação pré-verbal ocorreu com (56,6%) na primeira pessoa e (43,4%) na terceira pessoa, já a negação pós-verbal (61,5%) e (38,5%) com a primeira e terceira pessoa, respectivamente.

A segunda hipótese lançada por Nunes (2014) sobre a variável independente linguística foi que a dupla negação emerge no contexto de tempo verbal passado, já que o *corpus* utilizado constitui-se, basicamente, por narrações. No entanto, essa hipótese não foi

¹⁴ Furtado da Cunha (2000) propõe um caminho circular, motivado por fatores pragmáticos, fonológicos, cognitivo e sintático, para o processo de mudança linguística da negação: 1- reforço opcional da negação através do acréscimo do pós-verbal; 2- reanálise do não pós-verbal como elemento obrigatório via repetição de uso; 3- redução fonológica do não pré-verbal e 4- eliminação da redundância através da omissão do não pré-verbal.

totalmente confirmada, haja vista que o tempo presente (83,2%) foi predominante em relação ao passado, com (16,8%), enquanto que, no futuro, não encontrou nenhuma ocorrência.

A respeito das variantes independentes extralinguísticas, Nunes (2014) chegou à conclusão de que as mulheres são mais conservadoras, como previu Labov (2006 [1968]), e, por isso, realizaram mais negações canônicas. No que concerne à faixa etária, os jovens foram os que menos utilizaram a variante inovadora pós-verbal e, por fim, essas ocorreram com maior frequência nos informantes com menor nível de escolaridade. Curiosamente, Nunes (2014) notou que a negação canônica é recorrente entre usuários com menos tempo de escolaridade. No entanto, os resultados encontrados para a outra variante inovadora: a dupla negação evidenciaram que o sexo masculino e a faixa etária jovem o menor grau de escolaridade favorecem o uso da dupla negação.

Outro estudo relevante sobre a negação é “*A negação no Português falado em Vitória/ES: atuação de fatores discursivos e pragmático*”, desenvolvido por Reimann e Yacovenko (2014), que observaram como as três estratégias de negação são construídas no português falado em Vitória/ES, levando em consideração os aspectos linguísticos, discursivo-pragmáticos, sintáticos e sociais, como base na teoria e na metodologia da Sociolinguística Variacionista.

Para mapear o uso da negação na língua em uso, Reimann e Yacovenko (2014) utilizaram dezoito entrevistas retidas do banco de dados do Português Falado na Cidade de Vitória (Projeto PortVix) sob a orientação variacionista. As variantes negativas foram eleitas como variáveis dependentes e as variáveis independentes linguísticas foram os fatores linguísticos pragmáticos (o *status* informacional do discurso; tipo de sequência discursiva; ausência ou presença de reforço negativo) e fatores sintáticos (tipo de oração; presença ou ausência de marcadores conversacionais e o tipo de sujeito). Por fim, as variáveis independentes extralinguísticas sociais foram gênero/sexo, faixa etária e escolaridade. Para cada fator, eles estabeleceram uma hipótese que será respondida pelos dados, como veremos a seguir.

Segundo a análise de Reimann e Yacovenko (2014), no vernáculo de Vitória/ES, a estrutura dupla negação apresentou valor probabilístico de (21,1%) enquanto que a negação pós-verbal (1,5%). Foram analisados quatro fatores, a saber:

O primeiro fator linguístico foi a variável *status* de informação, com a hipótese inicial de que a negação pré-verbal ocorreria em contextos nos quais o *status* da informação era nova, enquanto que a dupla negação aparecia em contextos em que a informação negada era velha/dada no discurso (SCHWENTER, 2005). Diante de informações novas (evocadas), a

negação pré-verbal teve frequência de (73,8%), enquanto que a dupla negação teve (21%) ocorrências e a pós-verbal (2,4%). Os dados confirmaram a hipótese inicial dos pesquisadores.

A segunda variável observada foi o tipo de sequência discursiva. Reimann e Yacovenco (2014) perceberam que os diálogos favoreciam mais a ocorrência da dupla negação (.80) por causa da interação estabelecida entre o informante e o entrevistador. Porém a narração (.29) e a argumentação (.33) são sequências que, por serem mais longas e com pouca troca de turno, desfavoreceram a ocorrência da dupla negação.

O terceiro fator foi a presença ou ausência de marcadores conversacionais. Para os autores, os marcadores conversacionais servem como elos coesivos que mantêm a interação falante/ouvinte. Na presença dos marcadores conversacionais, as ocorrências do *não* pós-verbal foram bastante restritas. O mesmo ocorreu com a dupla negação que apresentou peso relativo de (0.19). (Ex: eu **não** tenho vontade de votar **sabe?**). Para Reimann e Yacovenco (2014), os marcadores desfavorecem a ocorrência da dupla negação e da negação pós-verbal.

O último aspecto codificado por Reimann e Yacovenco (2014) foi a ausência ou presença do reforço negativo (nenhum, nunca, nem nada, ninguém). Segundo os pesquisadores, o reforço negativo quando aparece na sentença simultaneamente com o *não* opera como dupla negação. Essa hipótese foi ratificada pelos dados. Na presença do reforço negativo, a dupla negação foi desfavorecida com peso relativo de (0.19) contra (0.52) quando não havia a presença dos marcadores.

Outra pesquisa que trata dos três mecanismos de negação é *Análise funcionalista das estratégias de negação do português oral culto de Fortaleza: um estudo de caso*, de Braga e Silva (2011). Nesse estudo, os linguistas hipotetizaram que os jovens realizam mais estratégias negativas, por fazerem mais uso do registro coloquial, e que a negação varia conforme a faixa etária, como comprovou Furtado da Cunha (2001).

Objetivo do estudo, segundo Braga e Silva (2011), foi o de analisar ocorrências das estratégias negativas no português oral culto da cidade de Fortaleza através de dois registros documentados no *corpus* Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT). Os autores ressaltam, ainda, que utilizaram informantes homens por acreditarem que a variável sexo não interferiria nas realizações da negação. Essa visão, no entanto, é oposta ao que Nunes (2014) fez referência e, consequentemente, considerou como variável independente linguístico, e, por fim, constatou no estudo da negação no Rio de Janeiro.

Após um breve aporte teórico funcionalista, Braga e Silva (2011) analisaram os dados e verificaram que o índice de realizações da estratégia negativa pré-verbal é alta tanto em

informantes homens da faixa I (75%) quanto nos informantes homens da faixa III (87,09%). No entanto, os pesquisadores atribuem a maior ocorrência da negação pré-verbal ao falante da faixa III por ser um uso mais clássico e mais antigo no sistema.

Em relação à dupla negação, Braga e Silva (2011) inicialmente esperavam que o jovem realizasse mais dupla negação do que informantes da faixa III, porém, ao interpretarem os dados, eles perceberam que, nos dois inquéritos, ambos realizaram a dupla negação. Os falantes mais velhos realizaram quatro ocorrências da dupla negação (12,90%) e os jovens realizaram quatro ocorrências (18,75%). Os dados refutaram a hipótese inicial. Caberia, então, na pesquisa empreendida, uma análise mais criteriosa e com mais informantes para verificar se esse não seria um caso de mudança em andamento como Nunes (2014) verificou.

A estratégia negativa, pós-verbal, apareceu apenas uma vez no *corpus* na fala do informante jovem. Segundo Braga e Silva (2011), a pouca frequência da variante ocorre por essa ser a mais recente na escala da gramaticalização. A esse respeito, eles dizem: “Talvez isso ocorra por causa da difícil assimilação do ponto de vista cognitivo, pois a sequência enunciativa se desenvolve num ritmo de afirmação quando é interrompida pelo não final.” (BRAGA; SILVA, 2011,p.75). Os pesquisadores verificaram, ainda, que não só a faixa etária influencia na utilização das novas estratégias de negação, como também o grau de formalidade e intimidade entre os falantes.

Nunes (2014), Reimann e Yacovenco (2014) e Braga e Silva (2011) abordaram os três tipos de estratégias negativas simultaneamente, considerando fatores linguísticos diferentes a fim de consolidar o ambiente linguístico em que as variantes emergem, sem esquecer, dos fatores sociais que têm condicionado a mudança linguística. Essas visões demonstram, assim, que a negação é altamente produtiva e possibilita novas perspectivas de estudo. Por isso, continuaremos mostrando nas próximas subseções estudos linguísticos específicos para cada variante. Primeiro, daremos a vez para os estudiosos da negação pós-verbal, e, em seguida, aos pesquisadores da dupla negação.

3.2 Com a palavra os estudiosos da variante: [V Não]

A posição pós-verbal é a mais recente na escala da gramaticalização, por essa razão, os primeiros apontamentos descritos nesta subseção ajuda-nos a delimitar os contextos de ocorrências e postular novas inquietações sobre o escopo da negação pós-verbal. Passamos a palavra para os estudiosos.

O artigo “*A negação no Português falado*” de Roncarati (1996) é a compilação dos comentários acerca do teste de atitude linguística aplicado aos universitários cearenses a fim de medir o julgamento dos alunos em relação à percepção das variantes negativas. O teste aplicado demonstra que o grupo de universitários avalia ora de forma inconsciente, ora de forma sugestivas o uso da negação.

Em decorrência da avaliação atribuída à negação, Roncarati (1996) aponta que a negação pré-verbal, [Não V] tem caráter pressuposicional neutro, factual, diferentemente da dupla negação, [Não V Não], que se caracteriza por carregar a convicção do falante sobre aquilo que se nega, funcionando como uma marca enfática. Ademais, a negação pós-verbal, [V Não] exerce a função de “condição de referência pontual” (RONCARATI, 1996,p.98), já que as informações pragmáticas devem ser o foco imediato do discurso. Por isso, os contextos imperativos ou respostas diretas favorecem a presença da negação pós-verbal. Após fazer esse cenário das negativas do português brasileiro, Roncarati (1996) atem-se à análise da negação pós-verbal.

Na análise dos fatores linguísticos, Roncarati (1996) afirma que os contextos que favorecem a emergência da negação pós-verbal estão vinculados a cláusulas independentes e absolutas com verbos epistêmicos, copulativos e atitudinais, em detrimento as outras variantes. Quanto ao sujeito, esse tende a ser existencial ou cancelado e os argumentos que seguem a negação pós-verbal estão sujeitos ao apagamento. Segundo a autora, essas propriedades da estrutura [V Não] a caracterizam como construção elíptica que elimina informações redundantes, além de ser mais informal e mais econômica. Portanto, há um consenso entre Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996), por admitirem que essa variante é utilizada, predominantemente, em respostas a perguntas diretas com o intuito de interromper a expectativa do seu interlocutor.

Roncarati (1996) constatou, ainda, o princípio do paralelismo funcional na variante pós-verbal, isto é, formas mencionadas pelo interlocutor tendem a ser repetidas pelo falante que integra a situação comunicativa. Nos dados, o fator “repetição do verbo do entrevistador” apresentou maior evidência na negação pós-verbal (.74) do que nas outras variantes. Atestando, assim, o favorecimento ao princípio do paralelismo e do caráter elíptico e informal da negação.

No entanto, o princípio do paralelismo não se aplicou à construção *Sei não*. Gonçalves (1988) interpreta *Sei não* como marcador conversacional e a considera como forma lexicalizada pelo discurso. Outra interpretação possível para esse dado, conforme Roncarati *et al.*(1988,p.171), é a possibilidade de haver informações após *Sei não*, por exemplo, “Sei não,

mas talvez o diretor saiba”¹⁵. No *corpus* utilizado em nossa pesquisa, ora dissertação, verificamos, de forma preliminar, que a ocorrência de *Sei não* é predominantemente em contextos de respostas diretas, conforme postularam Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996). Como podemos observar no turno (08):

(08)DOC: Ela faz de que?

INF: *Sei não* (risos) (A.R.A. Fem. Faixa III PPVC)

A respeito de “*Sei não*” consideramos que a expressão, embora recorrente na língua e, muitas vezes, permeada com a função de marcador, traz a possibilidade de a ela serem acrescentadas informações. Portanto, adotamos o posicionamento de Roncarati *et al* (1988) acerca da expressão, bem a exemplos de outras expressões que já se cristalizaram na língua, como, por exemplo, “*Pois não*”.

Retomando aos estudos de Roncarati (1996), a pesquisadora atribui à existência da variante pós-verbal ao declínio do primeiro *não* átono da dupla negação. Esse consistiria, então, no processo em que o enfraquecimento do primeiro *não* teria atingido um estágio final e, conseqüentemente, a queda; esmaecendo, assim, o segundo *não* que contém a carga semântica da negação. As etapas do processo seriam a seguinte:

[[[Não +SV] não] > [não +SV + não] > não [SV + não] > [SV + não]
(01) (02) (03) (04)

[[[num lembro] não] > [num lembro não] > num [lembro não] > [lembro não]
(01) (02) (03) (04)

No primeiro momento do processo, é ilustrada a manifestação ainda “tímida” da dupla negação em coexistência com a negação canônica. Embora as variantes convivam harmonicamente, a frequência de uso da dupla negação torna-se mais realizada na oralidade. No segundo momento, a dupla negação emerge no inventário linguístico, devido à necessidade comunicativa do falante em ser mais expressivo (RONCARATI, 1996). No terceiro momento, o primeiro *não* passa a ser mais fraco e opcional, isto é, quando ocorre do primeiro *não* ser tônico este é passivo do desgaste fonológico passando para átono. No quarto momento, ocorre a queda efetiva do primeiro *não* já que o falante avaliaria a dupla negação como uma redundância, conforme Roncarati(1996).

¹⁵ Exemplo elaborado pela pesquisadora.

Diante do que expusemos, acreditamos que as formas negativas estão em variação linguística, visto que há três formas sintáticas e fonológicas coexistindo, e que estão sujeitas às variações sociocultural, sintática e morfofonológica, dentre outras, devido aos fatores pragmáticos e discursivos da língua.

Levando em consideração os estudos abordados até o momento, nós não podemos afirmar que a negação possa ser caracterizada como um processo de mudança linguística, haja vista que o ensino normativo da negação reforça a variante canônica e desconsidera as variantes inovadoras tanto na modalidade oral quanto na escrita. Além disso, observamos, preliminarmente, a alta frequência da negação pré-verbal pelos informantes culto e popular, dos *corpora* Português Culto e Popular de Vitória da Conquista conservando, assim, a negação canônica no vernáculo e apresentando outras funções pragmáticas inovadoras, como discutiremos melhor ao tratar dos dados na seção *Metodologia*.

Sobre a variante [V Não], é interessante ressaltar que, apesar de ter poucos estudos e ocorrências relevantes no Português brasileiro, sobretudo, no nordeste, essa variante requer um estudo detalhado e aprofundado dos contextos linguísticos, sociais, cognitivos e pragmáticos que o fazem emergir no sistema.

Vimos, nessa subseção, em suma, que a negação pós-verbal apresenta um caráter informal e elíptico, elimina informações redundantes e associa-se ao ambiente de cláusulas absolutas com os argumentos do verbo apagado. A descrição do estudo de Roncarati (1996) é indispensável para a construção identitária da negação pós-verbal. Por isso, passaremos, agora, a palavra aos estudiosos da dupla negação, para traçarmos o perfil dessa variante.

3.3 Com a palavra os estudiosos da variante: [Não V Não]

Interessada pela origem da variante [Não V Não], Alkim (2002) investiga, à luz da teoria variacionista, os motivos pelos quais a construção negativa está inserida no dialeto mineiro, no texto *Negativa pré- e pós-verbal: implementação e transição*. Para isso, estabelece duas hipóteses: com relação à primeira, afirma que a origem dá-se pela implementação através do contato com línguas africanas; e, com relação à segunda, afirma que as variantes seriam o resultado da mudança linguística das línguas românicas.

Alkim (2002) defende que o surgimento da negação simultânea antes e depois do verbo deve-se ao processo de reanálise, isto é, a criação de novas formas gramaticais no eixo sintagmático. Então, a negação inicialmente aparece como enunciado completo e, posteriormente, é reanalisada como constituinte da sentença.

Em relação à implementação da dupla negação no Português Brasileiro, Alkim (2002) considera o fator etnia para escolher os falantes da comunidade de Pombal (MG) e Mariana (MG), ambas constituídas na maioria por negros e descendentes de escravos e, assim, compor os *corpora* da pesquisa. As variáveis sociais – faixa etária, etnia e escolaridade- analisadas estatisticamente anularam a hipótese de implementação da variante inovadora, [Não V Não], pelos afro-brasileiros, visto que os pesos relativos no que se refere a idosos afrodescendentes analfabetos (.58) apresentaram uma frequência insignificante àqueles não-afro (.63)

Para constatar a origem da mudança no tempo, isto é, a transição, Alkim (2002) recorre às peças de teatros escrita nos séculos XIX e XX por autores mineiros, tais como S. Resend, Helena Morley, Paiva entre outros. Com as amostras dos dados escritos, observa que a variante [Não V Não] passa a ser utilizada na primeira metade do século XIX, a partir do momento em que a negação canônica cai em desuso.

Conforme Alkim (2002), o fator linguístico indicador da mudança foi à presença da expressão *não senhor* (“Depois não, é *não senhor*” 1ª metade do XIX – exemplo da autora). A princípio, segundo a linguista, essa expressão era utilizada em sinal de respeito e, talvez, submissão; contudo, na 2ª metade do século XX, houve uma diminuição do uso de *senhor* e, no século XX, o item *não* passa a ser mais utilizado e, conseqüentemente, o *não* permaneceu, na estrutura frasal. Em decorrência desse percurso histórico da mudança, Alkim (2002) interpreta esse processo como gramaticalização, através das quatro etapas:

- 1ª etapa: a expressão **não senhor** ocorre separada por vírgulas da oração, contendo também uma vírgula entre o item **não** e a palavra **senhor**. O **não** constitui um enunciado completo, seguido do vocativo:
 - a) “Não, senhor” (Said Ali, 1976:98)
 - b) Não quis matar ele, **não, senhora**. (2ª metade XX)
 - 2ª etapa: a resposta é longa e a sequência [não + vocativo] se une à sentença, ainda mantendo a vírgula.
 - a) “*Não, senhor*” (Said Ali, 1976:98)
 - b) Pois não é, **não senhor**. (1ª metade XIX)
 - 3ª etapa: cai o sufixo de polidez, ficando apenas o não.
 - a) Num vou, **não** (1ª metade XX)
 - 4ª etapa: ao perder o sufixo de polidez, que segundo Said Ali, era “a sua parte tônica”, o **não** torna-se mais leve, não podendo mais ser um enunciado isolado. Ele, então, se incorpora à sentença, passando a funcionar como um caso de concordância negativa.
 - b) **Não** foi revoltoso **não** (2ª metade XX)
- (ALKIM, 2002, p. 179)

Esse percurso diacrônico proposto por Alkim (2002), a nosso ver, agrega uma relevante discussão ao processo sincrônico demonstrado por Roncarati (1996) sobre a negação, pois juntos atestam o princípio da unidirecionalidade da gramaticalização.

Com o estudo variacionista, Alkim (2002) constatou, com base no tempo aparente, que a mudança linguística ocorreu nos analfabetos e atingiu o grupo com segundo grau completo e que a etnia (ser afrodescendente ou não) não favoreceu a hipótese de contato. Ademais, ao analisar textos escritos, no tempo real, foi confirmado o surgimento da variante inovadora [Não V Não] na 1ª metade do século XIX.

Após esse percurso histórico proposto por Alkim (2002), que descreve o aparecimento da dupla negação e, conseqüentemente, da negação pós-verbal, cabe-nos, então, ater na descrição de outros trabalhos que abrangem aspectos linguísticos, tais como contexto de uso, questões fonológicas e gramaticais da negação. Para isso, utilizaremos Furtado da Cunha (1996), Roncarati (1996), Ramos (2002) Sousa e Vitral (2010) para referenciar o assunto.

Furtado da Cunha (1996), no texto *Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal*, corrobora com Roncarati (1996) acerca da carga enfática da dupla negação, pois considera o segundo *não* como reforço do primeiro e, portanto, explicita a posição do falante em relação à pressuposição, quebrando, assim, a expectativa do interlocutor.

Tendo isso em vista, Furtado da Cunha (1996) analisa e interpreta as variantes negativas sob o princípio funcionalista da gramaticalização e da iconicidade, postulados por Givón (1979; 1984; 1990; 1991; 1995). O *corpus* que compõe essa pesquisa foi retirado do Projeto *Discurso & Gramática de Natal* e compreende textos escritos e textos falados (narrativa de experiência pessoal, relato de opinião, entre outros), produzidos por 12 (doze) informantes, estratificados em sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Ao analisar textos escritos produzidos por informantes da 8ª série, da 3ª série do 2º grau e universitários, Furtado da Cunha (1996) observou que os mecanismos de negação comportaram-se de maneira diferente. No texto oral, a autora verificou que as três variantes ocorrem com maior frequência (total de 1505 orações), enquanto que, nos textos escritos, apenas a estrutura canônica está presente (total de 183 orações). A ausência das variantes inovadoras em textos escritos é, segundo Furtado da Cunha (1996), decorrência do ensino normativo do Português que exclui as variantes inovadoras da modalidade escrita formal. Conclui, então, a linguista que a fala é o canal que favorece a ocorrência das variantes, atestando o paradigma da gramaticalização, que, a rigor, inicia primeiro na oralidade e, em seguida, passa para textos escritos.

Sobre a motivação discursiva em que as variantes negativas aparecem, Furtado da Cunha (1996) afirma que “[...]a negativa não é usada para introduzir informação proposicional nova, mas para negar informação já presente no discurso ou ao menos compartilhada por falante e ouvinte pelo conhecimento de mundo.” (FURTADO DA CUNHA, 1996,p.173). Acreditamos que a motivação discursiva da negação é, também, resultado do princípio da marcação, visto que a negação canônica em relação à afirmação é mais marcada, estruturalmente maior e mais complexa, já as variantes inovadoras são mais marcadas do que a negação canônica, principalmente, em textos escritos.

Considerando o princípio da iconicidade, Furtado da Cunha (1996) analisou que, na fala, a dupla negação ocorre em função do enfraquecimento fonético do primeiro *não*, que passa de tônico para átono e do esvaziamento semântico. Por isso, o princípio icônico da quantidade aplica-se à variante pela quantidade de material acrescentado a estrutura, decorrente da perda fônica e semântica da negação. Por causa da necessidade do falante em ser mais expressivo, a negação tornou-se opaca.

Por isso, Furtado da Cunha (1996) observou, através dos dados, que a dupla negação ocorre em contextos em que o falante interrompe momentaneamente o tema ou o tópico do discurso e faz, então, uma digressão, que para Givón corresponde a uma pausa temática¹⁶, isto é, trechos que há uma suspensão ou interrupção da cadeia tópica principal, conforme o exemplo apresentado pela autora:

[os meninos] ficaram muito assustado e voltaram pra casa ... conseguiram sair de lá e voltaram pra casa num sei como ... como ... num sei como foi ... meu irmão disse que também **num entendeu não** como ... eles conseguiram voltar em casa e contaram lá ao pai dela né ... (FURTADO DA CUNHA, 2001, p. 176,)

Com relação ao desgaste fonético, Furtado da Cunha (1996) atribui dois motivos: o primeiro é que o “subprincípio icônico da quantidade reduz o material usado para codificar a forma gramaticalizada” (FURTADO DA CUNHA, 2001,p.180); e o segundo é “a frequência do uso da forma gramaticalizada favorece o desgaste de sua substância fonética”. (FURTADO DA CUNHA, 2001,p.180)

Em suma, os resultados obtidos dessa pesquisa por Furtado da Cunha (1996) foram que (i) o nível de escolaridade e tipo de texto interferem na realização dos mecanismos de negação; (ii) a negação pós-verbal é usada, frequentemente, em contextos de resposta e perguntas diretas, (iii) a dupla negação representa uma pausa temática e (iv) a negação

¹⁶ Corresponde a uma digressão do tópico central no turno do informante.

canônica é menos marcada do que as outras variantes e pode ocorrer em contextos que favorecem tanto a negação pré- e pós-verbal.

Em oposição a Furtado da Cunha (1996), Ramos (2002), que estuda a variação fônica do *não*, no texto *A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística*, entende que o aparecimento da alternância do *não/num* é devido o processo de cliticização, isto é, a negação canônica, pré-verbal, bem como a dupla negação são caracterizadas como construções quase-clíticas que antecedem o verbo principal e passivo à duplicação. Contudo, essa propriedade clítica não se aplica às negativas pós-verbal.

O estatuto de clítico da negação é favorecido pela presença dos constituintes no enunciado e pela realização fonológica do *não*. Para exemplificar a variação fonológica, tem-se: “*cê num* podia nem subí ‘’”(D.A.O. Masc. Faixa III, PCVC). Portanto, para explicar a alternância fônica da negação, Ramos (2002), à luz da teoria variacionista, define as variáveis (extra) linguísticas e o *corpus* em 9 (nove) entrevistas de falantes da cidade de Belo Horizonte (MG) distribuídos em três faixas etárias e três níveis de escolaridade.

Quanto às predições que podem favorecer o *num*, Ramos (2002) elenca as variantes linguísticas: posição final da sentença do *não*; presença da variante plena *não* na mesma sentença; a posição pré-verbal; a presença de quantificadores e a contiguidade com o verbo. Essas predições, segundo a pesquisadora, têm como base as propriedades dos clíticos que, em geral, apresentam restrições, com, i) não podem ser modificados nem coordenados; ii) a ordem é fixa, e; iii) não pode ocorrer sem verbo. Além disso, os clíticos caracterizam-se por não ter independência fonológica e por precisar de um hospedeiro, à direita, a qual se liga.

Ramos (2002) hipotetizou que orações subordinadas desfavorecem a ocorrência do *num*, pois acredita que variantes inovadoras são mais comuns em orações principais e absolutas. Já os fatores sociais, como nível de escolaridade e a faixa etária, são quantitativamente relevantes para a produção do *num*.

Com as análises dos dados, Ramos (2002) chegou à conclusão de que elementos à esquerda do item negativo, por exemplo, sujeito, pausa e advérbio não foram estatisticamente significativos para a realização do *num*. Portanto, a autora, em função dessa análise e dos resultados, constatou que a partícula reduzida é condicionada pelo elemento à direita. Por meio dessa constatação, o segundo fator testado foi o tipo de elemento que aparece à direita da negação. A possibilidade de *num* ocorrer com formas perifrásticas é de (.76) e (.75) com formas verbais não perifrástica; antes de pausa é desfavorecida (.03). A ausência de pausa evidência a autonomia fonológica do *num*, confirmando a hipótese de cliticização à direita.

O próximo fator investigado por Ramos (2002) foi se orações subordinadas favorecem a ocorrência *num* em posição pré-verbal. A maior frequência do *num* foi em oração matriz (57%), o que constitui uma evidência a favor da hipótese de mudança.

Para verificar se o *num* é uma forma inovadora, a variante deve apresentar o perfil de mudança em progresso¹⁷, sendo assim, Ramos (2002) verifica a faixa etária dos informantes. Os percentuais obtidos (.70) indicaram a implementação do *num* pelos jovens, enquanto que os medianos apresentaram peso relativo de (.48) e os idosos de (.32). Por fim, foi considerado o fator que avalia se a presença de quantificadores do tipo *nada* e *ninguém* favorecem a ocorrência de *num*. Com (64%) de frequência, os quantificadores condicionam a presença do *num* à direita.

Ramos (2002) questiona até que ponto a presença do segundo *não* favorece a variante pré-verbal. Ao considerar o fator faixa etária dos informantes e a variante *num* em negativas duplas, a autora conclui que:

A distribuição da variante *num* em negativas simples parece favorecer a existência de uma relação de causalidade entre a cliticização e a frequência de [Não V Não]. Entretanto, a presença não categórica de *num* nas negativas duplas enfraquecem sobremaneira uma hipótese que assuma tal correlação. (RAMOS, 2002, p. 163)

Embora estudos apontem que a dupla negação e a negação pós-verbal façam parte de um mesmo processo de mudança do ciclo de Jespersen (1917), porém em etapas diferentes, Ramos (2002) defende que a variante [Não V Não] não apresenta um perfil ascendente, isso enfraquece a hipótese de que essa variante esteja concorrendo com as negativas simples, a saber, pós e pré-verbal.

Ainda sobre o estatuto de clítico das variantes, os pesquisadores Sousa e Vitral (2010) fazem um estudo descritivo, *Formas reduzidas do item “não” no Português Brasileiro*, das formas reduzidas da negação apoiados nas bases teóricas do Funcionalismo, mais especificamente, da gramaticalização e em duas metodologias. A primeira, que consiste na análise fonológico-acústica dos segmentos, para comprovar o estatuto reduzido da negação; e a segunda, que consiste na análise quantitativa apoiada na metodologia da Teoria Variacionista.

O *corpus* da pesquisa é constituído por 20 (vinte) entrevistas informais gravadas, nas quais os informantes estão divididos em cinco grupos: o primeiro grupo é o de crianças; o

¹⁷ A mudança em progresso, segundo Lucchesi e Araújo (2014) (acessado em set./ 2017), implica o processo em que a variação tende a definir uma das variantes, que se generaliza, tornando-se categórica na comunidade de fala. Com isso, as outras variantes caem em desuso.

segundo é composto por adolescentes; o terceiro grupo, por sua vez, por informantes de 20 a 30 anos; o quarto grupo composto por informantes com 40 a 55 anos; e o quinto e último grupo por informantes com mais de 60 anos.

Para explicar as reduções fonológicas do *não*, Sousa e Vitral (2010) apoiaram-se no processo de gramaticalização proposto por Hopper e Traugott (2003). Através da análise acústica, os autores constataram as ocorrências de [não]; [num]; [nu] e [ũ]. Eles comprovaram, assim, que as expressões negativas evoluem no sentido de reduzir suas formas, o que atesta a hipótese de gramaticalização.

O item *não* é categorizado pela gramática gerativa como uma palavra funcional, que ocupa a projeção máxima¹⁸, porém as variantes [num] e [nu], por não ocuparem essa projeção, são tidas como clíticos, por Ramos (2002) e Sousa e Vitral (2010), pelo fato de serem partículas átonas e agregarem a um hospedeiro. Já a variante [n'] apresenta características muito próximas de um afixo (SOUSA e VITRAL, 2010), por se incorporar ao lexema ainda no léxico e pelo processo fonológico de sândi externo¹⁹.

Porém, Sousa e Vitral (2010) enfatizam que, devido à complexidade nos critérios de distinção dos afixo e clítico, preferem não afirmar categoricamente o caráter afixal no Português Brasileiro, embora reconheçam a importância em considerá-lo.

[...] Em casos como “n’adanta fazer greve”, não parece se tratar de um afixo derivacional, como formação no léxico. Parece razoável considerar nesses casos a existência de um tipo de afixo sintático como uma etapa intermediária entre o clítico e o afixo lexical num processo de gramaticalização. Entretanto, em casos como “né?” seja possível considerar que se trata de um item formado no léxico, o que sugere que a etapa afixo do processo de gramaticalização da negação já começou a se deixar perceber em alguns contextos. (SOUSA e VITRAL, 2010, p. 240)

Depois de estabelecer as variáveis linguísticas, os autores passam a analisar as variáveis sociais, que foram submetidas à análise variacionista e quantitativa para verificar se a negação do Português Brasileiro caracteriza-se como uma mudança em progresso, constituindo, assim uma etapa do processo de gramaticalização. Após a computação dos dados, Sousa e Vitral (2010) perceberam que houve maior incidência da forma plena nos jovens, seguido por adolescente, crianças e, por último, os idosos. Por esse ser um caso

¹⁸Mioto (1991) conclui que, no Português, é a interação entre o *não* e o verbo que determina o movimento do verbo, sendo assim, o advérbio não ocupa o núcleo funcional. O *não* e o verbo formam um complexo que não pode ser separado por nenhum outro constituinte. Esse complexo pode ser explicado pela relação de dominância que Neg tem sob IP.

¹⁹O processo de sândi externo refere-se a um processo de ressilabação que envolve duas palavras sobre o mesmo domínio do enunciado. Ocorre apenas em fronteira com palavras que apresentem duas vogais átonas. Exemplo: “n’adanta greve” (E18) (SOUSA E VITRAL, p. 239)

excepcional e por não caracterizar a mudança em progresso, Sousa e Vitral (2010) recorreram à variante nível de escolaridade e perceberam que os jovens realizam mais a forma plena (0.71) por apresentarem maior grau de escolaridade do que os idosos (0.27). Em decorrência disso, as variantes inovadoras tiveram peso relativo maior nos informantes com menor grau de escolaridade.

O fator sexo é, muitas vezes, importante para uma análise variacionista, porque esse sinaliza, também, se as variantes estudadas estão em processo de mudança linguística ou não. Sendo assim, Sousa e Vitral (2010) analisaram os dados e perceberam que as mulheres estão levando à frente as variantes reduzidas em detrimento aos homens, por isso as variantes inovadoras podem ser consideradas como não estigmatizadas socialmente, conforme havia postulado Neves (2014). Além do mais, com o cruzamento dos dados, os pesquisadores inferiram que há um quadro de variação estável para as variantes negativas envolvendo a forma plena e a forma reduzida.

Até agora, abordamos estudos da negação sentencial realizados predominante nas regiões Sudeste e Nordeste, ressaltamos que a negação pós-verbal é tida como uma marca de nordestinismo. Por causa dessa carência dos estudos linguísticos em outras regiões, os pesquisadores Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012) investigaram a negação sentencial no Sul do Brasil, mais especificamente nas capitais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Esse estudo resultou no artigo *Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL*. O principal objetivo dos pesquisadores, nesse estudo, foi verificar as ocorrências das variantes não canônicas no Sul do país e os fatores linguísticos e sociais que os condicionam.

Para contextualizar o processo de mudança linguística da negação, Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012) apresentam as noções do Ciclo de Jespersen como um processo diacrônico no qual o operador negativo muda de posição dentro da estrutura sintática. Porém, no Português, há algumas ressalvas ao atestar a aplicabilidade do Ciclo à negação, pois, diferentemente do Francês, no Português ocorre a duplicação idêntica de um mesmo constituinte, que pode ocorrer no final de sentenças e há três formas sintáticas de negação que variam sincronicamente na oralidade.

Esses fatos nos convencem de que, o Ciclo de Jespersen é uma via de estudos linguístico altamente pertinente para a análise sintática da negação, no entanto, não o utilizaremos para analisar os dados já que partimos do processo de gramaticalização para explicar as novas posições sintáticas e funções semânticas da negação. Mesmo, assim,

consideramos pertinente descrever esse estudo, pois amplia nosso olhar sobre a negação por estabelecer diálogos com outras linhas de investigação e, principalmente, por evidenciar o caráter dinâmico do objeto.

Retomando ao artigo de Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012), os autores estabeleceram a hipótese fundamentada em Schwenter (2005,2006) de que as formas não canônicas de negação estão restritas às expressões de conteúdos ativados no discurso, exercendo, portanto, função pragmática. As formas inovadoras das quais os autores referem-se são a dupla negação e a negação pós-verbal, porém, os dados analisados demonstraram que a região Sul apresenta caráter conservador em relação à negação, já que houve maior incidência na produção da negação canônica²⁰, seguida pela dupla negação e desfavorecida na posição pós-verbal.

A metodologia sociolinguística deu suporte teórico para o tratamento dos dados de nove entrevistas, da capital Florianópolis, as quais estão catalogadas por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. O objetivo específico da pesquisa era investigar as duas negações não canônicas (dupla negação e negação pós-verbal), porém, como não houve nenhuma ocorrência da negação pós-verbal, os pesquisadores excluíram essa variante e estudaram a negação canônica e a dupla negação. Após esse recorte, estabeleceram os grupos de fatores para primeira análise.

As variantes linguísticas escolhidas pelos estudiosos tiveram motivações exclusivamente pragmáticas. A primeira variável é *tipo de enunciado*. Conforme Schwegler (1991), enunciados interrogativos e respostas a perguntas favorecem as estratégias não canônicas de negação. Essa hipótese foi atestada para a dupla negação em contextos de respostas a perguntas *qu* (9.2%) e a perguntas sim/não (9.2%), bem como nas assertivas (3.2%). Assim, como já havia sido comprovado por Furtado da Cunha (1996).

A segunda variante linguística foi a *posição da frase no turno* com o intuito de observar se há relação entre o uso das negativas não canônicas com aspectos interacionais. Nos resultados obtidos, houve favorecimento da dupla negação em posição inicial do turno (7.1%), enquanto que na posição medial (1.1%) e no final da sentença (2.4%) o aparecimento é desfavorecido.

A terceira variante é *tipos de orações*. Embora partam de uma classificação sintática, os autores acreditam que há motivação pragmática para o uso da dupla negação, por isso definem nove estruturas: absoluta, principal, coordenada, relativa explicativa, relativa

²⁰Negação canônica: Porto Alegre 99,4%; Curitiba 97,4% e Florianópolis 956%. Dupla negação: Porto Alegre: 0,6%; Curitiba 2,6% e Florianópolis 4,4%. Negação pós-verbal: Porto Alegre 0 ; Curitiba 0 e Florianópolis 0

restritiva, substantiva objetiva e completiva, e adverbial. Porém a dupla negação só foi encontrada nas orações absoluta (11.3%), nas principais (3.0%), nas coordenadas (1.8%) e nas substantivas objetivas (1,4%).

O *tipo de sujeito* é a quarta variante. Acreditavam que enunciados negativos não canônicos com sujeitos realizados são sentidos como menos naturais, porém essa suposição foi contrária aos dados estatísticos. Para o tipo de sujeito realizado, a dupla negação apresentou valor de (4.8%), para sujeito não realizado (4%) e para inexistente (4.4%).

A variante, *status informacional do conteúdo negado*, foi incluída para verificar a hipótese de Schwenter- de que “[...] em seu estágio inicial de implementação, a dupla negação restringe-se a veiculação de conteúdo discursivamente ativo” (GOLDNADEL; LIMA, BREUNING; ESQUIVIEL; LUZ, 2012, p. 57). Os *status informacionais* com seus respectivos valores estatísticos foram: não ativo no discurso (1.1%), ativado por uso literal em oração anterior na mesma frase (4.3%), ativado por inferência em oração anterior na mesma frase (1.7%), ativado por uso literal na frase imediata anterior (10.6%), ativado por inferência a partir da frase imediata anterior (10.7%), ativado por uso literal em frase não imediata anterior (0.0%) e ativado por inferência a partir da frase não imediata anterior (6.7%).

Depois de expor as variáveis linguísticas, os pesquisadores passaram, então, para as variáveis sociais. Os dados parecem não indicar favorecimento do uso da dupla negação condicionado pelos fatores sexo, resultado em 3.5% para os homens e 4.8% para as mulheres, e faixa etária, 4.9% para os informantes com idade de 25 a 49 anos e 4.0% mais de 50 anos. Apenas a variável nível de instrução apresentou valores com diferenças significativas (primário: 6.6%; ginásio: 4.3% e secundário: 3%). Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012) chegaram à conclusão de que os dados sociais revelam uma curva ascendente na direção da baixa escolaridade, o que pode indicar que pessoas com baixo nível de instrução impulsionam a variação.

Esses valores iniciais foram processados para obter valores preliminares de todos os fatores, com isso, verificaram-se quais deles tinham a maior relevância e, em seguida, os pesquisadores realizaram amálgamas dos fatores menos relevantes a fim de obter o peso relativo da dupla negação. Desse segundo processo, apenas quatro variáveis foram selecionadas como significativas estatisticamente na seguinte ordem de importância: *status informacional do conteúdo negado*, *tipo de oração*, *escolaridade* e *tipo de enunciado*.

A variante *status informacional do conteúdo negado* foi modificada e apresentou os seguintes itens, com seus valores: não ativo no discurso (0.21), ativado no discurso de forma literal ou inferências na mesma sentença ou em frase anterior (0.78) e ativado no discurso de

forma literal ou inferencial em frase ou oração não anterior (0.64) A interpretação de Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012) é de que haja um favorecimento da dupla negação em sentenças cujo conteúdo esteja previamente ativado no discurso, colaborando, assim, para a possibilidade da hipótese de Schwentes esteja correta.

A dupla negação, para o fator *tipo de oração*, apresentou resultado de (0.67) para orações absolutas e principais e (0.31) para orações coordenadas e substantivas e objetivas. Evidenciando, assim, o caráter categórico da dupla negação em ambiente de oração principal e impedida em ambientes de orações subordinadas. A variável *nível de instrução*, por sua vez, mostra o aumento do favorecimento do uso da dupla negação à medida que diminui o nível de instrução do informante (primário 0.69; ginásio 0.49; segundo grau 0.23).

A última variante analisada, e menos significativa dentre as outras três, foi o tipo de enunciado, com valores de 0.45 para as assertivas, 0.72 para as respostas e 0.58 para as perguntas. Com todos os dados estatísticos, Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012) chegam a seguinte conclusão

[...] os dados de Florianópolis caracterizam um momento inicial de utilização da variável inovadora. Além disso, esses dados [...] confirmaram a variável *status informacional do conteúdo negado* como a mais relevante para aplicação da regra de duplicação da negação. Tudo isso para indicar que Schwenter está correto em afirmar que a dupla negação surge como recurso pragmático de marcação de ativação discursiva. (GOLDNADEL, LIMA, BREUNING, ESQUIVIEL E LUZ, 2012, p. 67)

Após concluirmos a descrição de alguns trabalhos linguísticos, dos quais optamos por descrever minuciosamente as hipóteses, variáveis e resultados para que o diálogo, no momento oportuno, fosse realizado, atestamos que a negação e suas variantes são fenômenos muito produtivos na língua e que proporcionam estudos linguísticos a partir de vários vieses, por meio de teorias variadas e a partir de análise de elementos linguísticos e extralinguísticos como apresentamos.

Feito esse percurso, concluímos que, nesta seção, os trabalhos de cunho funcionalista e variacionista foram fundamentais para alicerçar a teoria e a metodologia para o tratamento com os dados das seções seguintes.

3.4 Visão geral da seção

Nessa seção, apresentamos trabalhos nos quais os pesquisadores propuseram a descrever a negação do sistema brasileiro, com base na teoria Funcionalista e Variacionista.

Em suma, temos que as principais características das variantes inovadoras nos estudos analisados:

[V Não]:

- Exerce a função de “condição referência pontual”; (RONCARATI, 1996)
- Emerge em cláusulas independentes e absolutas com verbos epistêmicos, copulativos e atitudinais; (RONCARATI, 1996)
- Atesta o caráter elíptico e informal da variante. (RONCARATI, 1996)

[Não V Não]:

- Surge na primeira década do século XIX (ALKIM, 2002);
- Aparece em discursos enfáticos (RONCARATI, 1996);
- Ocorre o enfraquecimento fonético do primeiro *não* por causa do princípio da iconicidade; (FURTADO DA CUNHA, 1996);
- Caracteriza como quase-clítico (MIOTO, 1992; RAMOS, 2002; SOUSA; VITRAL, 2010);
- Ocorre em ambiente de oração principal e em sentenças cujo conteúdo esteja previamente ativado. (GOLDNADEL, LIMA, BREUNING, ESQUIVIEL; LUZ, 2012)

4 METODOLOGIA

Nas seções anteriores, apresentamos os principais conceitos da i) teoria Funcionalista Norte Americana, focalizando, principalmente, o paradigma da gramaticalização, com o propósito maior de compreender o fenômeno da negação com a partícula *não*; e os da ii) Sociolinguística, que são as bases dessa pesquisa, sobretudo, para fins da análise que ora empreendemos e iii) do Sociofuncionalismo. Na seção *Dos dicionários às gramáticas: as definições de negação*, demonstramos como a definição da classe dos advérbios foi (re)construída, ao longo do tempo, nas gramáticas históricas, prescritivas e linguísticas e, em especial, relatamos sobre o item negativo *não* nos dicionários, a fim de verificar a origem latina da partícula. Para completar a complexa descrição do item negativo, vimos, na seção *Os estudos linguísticos sobre a negação: um diálogo entre teóricos*, alguns trabalhos de cunho funcionalista e sociolinguístico que analisam as variantes negativas e seus fatores condicionantes e, a partir das principais ponderações apresentadas por esses, elegemos as categorias que serão utilizadas para analisar o objeto de estudo.

Dito isso e contextualizado o nosso percurso até aqui, passaremos, neste momento, a apresentar os procedimentos metodológicos adotados para o tratamento dos dados.

4.1 Métodos e Procedimentos

Reconhecendo o quanto os procedimentos metodológicos são determinantes para uma pesquisa que tenha por finalidade, em particular, o estudo da língua em uso, apoiamo-nos nos procedimentos, para a parte metodológica da pesquisa, dos postulados da Sociolinguística Laboviana e, para a parte analítica dos dados, na teoria Funcionalista. No diálogo entre essas teorias, realizarmos um estudo no tempo aparente, isto é, em um recorte temporal em que se possa aferir o estágio da mudança da negação em uma perspectiva sincrônica.

Descreveremos, a seguir, os *corpora* e métodos utilizados para a pesquisa.

4.2 Corpora

Os dados analisados foram retirados dos *corpora* Português Popular²¹ e do Português Culto de Vitória da Conquista, organizados e desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em

²¹Referenciaremos o corpus Português Popular de Vitória da Conquista como PPVC e o corpus do Português Culto de Vitória da Conquista como PCVC.

Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo- CNPq (Grupo Janus), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa e do Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva. Os *corpora* fazem parte do Projeto de Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista, que tem pressupostos teóricos e metodológicos do Funcionalismo Norte-Americano e da Sociolinguística Variacionista. Esses *corpora* foram cadastrados pela Apreciação Ética (CAAE) com o número 34221214.9.0000.00552.

Os *corpora* são formados por 48 (quarenta e oito) entrevistas, sendo 24 (vinte e quatro) do *Corpus* PCVC, composto por informantes com mais de 11 (onze) anos de escolaridade e 24 (vinte e quatro) do *Corpus* PPVC, constituído por informantes com até 5 (anos) de escolaridade ou sem escolaridade. Para compor o banco de dados, o Grupo Janus deu preferência a informantes que fossem naturais da cidade Vitória da Conquista e que tivessem permanecido nessa cidade a maior parte das suas vidas, objetivando, assim, excluir possíveis interferências de outros dialetos.

4.3 Entrevistas

Nas entrevistas, buscamos, na condição de pesquisadores orientados pela Sociolinguística Laboviana, criar um ambiente tranquilo para que fosse viável captar o vernáculo do conquistense da forma mais natural possível, evitando, ao máximo, o paradoxo do observador²². Para isso, foi elaborado um roteiro com perguntas centrais que giram entorno das memórias de infância, religião, lazer, entre outras, a fim de suscitar respostas subjetivas dos informantes (Cf. Anexo 1). É válido ressaltar que esse roteiro foi “atualizado” para cada informante a partir do preenchimento da Ficha Social (Cf. Anexo 2). Com o auxílio de um gravador, as entrevistas duraram em média 60 (sessenta) minutos.

Após terem sido realizadas as entrevistas, passamos para a fase das transcrições, com o propósito de torná-las, assim, um documento na versão escrita da língua falada para que fossem viabilizadas de forma mais adequada às pesquisas com esse material linguístico. Para a realização dessa etapa, adotamos a chave de transcrição elaborada pelo professor Dr. Dante Lucchesi para o Projeto Vertentes²³.

²² O intuito do pesquisador sociolinguístico é captar o vernáculo de uma determinada comunidade de fala, porém é preciso criar um ambiente natural, apesar da presença do pesquisador, bem como do aparelho do gravador, para obter o discurso menos monitorado possível. (LABOV, 2008[1972])

²³ Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/> . Acesso em 06/09/2017

As entrevistas, que compõem os *corpora* desta dissertação, foram retiradas dos *corpora* PPVC e PCVC e selecionadas aleatoriamente²⁴. Utilizamos 12 (doze) entrevistas de cada *corpus* totalizando de 24 (vinte e quatro) entrevistas. As amostras foram organizadas de acordo com sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I: de 15 a 25 anos; faixa II: de 26 a 50 anos e faixa III mais de 50 anos) e nível de escolaridade (com até cinco anos de escolaridade – *Corpus* PPVC e mais de onze anos de escolaridade- *Corpus* PCVC).

Nos quadros (1) e (2), apresentamos a estratificação dos informantes por *corpus*:

QUADRO 1: Informantes do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
A.F.S.F.	Masculino	I
F.S.L.B.	Masculino	I
M.M.F.	Feminino	I
L.C.S.	Feminino	I
D.F.P.	Feminino	II
C.S.M.N.	Masculino	II
R.F.V.	Masculino	II
A.S.A.	Feminino	II
D.A.O.	Masculino	III
J.V.B.	Feminino	III
K.A.C.	Feminino	III
J.B.D.M.	Masculino	III

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

²⁴ Oliveira e Silva (2008) descreve dois tipos de seleção de entrevistas. A primeira é o método aleatório simples em que se coloca em um recipiente uma identificação para cada informante e retirar-se as identificações uma por uma até obter a quantidade necessário para compor o *corpus* da pesquisa. Esse método permite igualdade de chance pra todos os indivíduos. O segundo método é a aleatória estratificada consiste em dividir a comunidade de fala em células, nas quais os informantes são classificados com as mesmas características sociais. É recomendável que cada célula contenham 5 (cinco) informantes de cada variável social. Nossos *corpora* enquadram-se no segundo método.

QUADRO 2: Informantes do Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
L.B.R.	Masculino	I
E.P.S.	Masculino	I
G.N.B.	Feminino	I
S.S.C.	Feminino	I
C.D.S.	Feminino	II
J.C.S.	Masculino	II
R.T.N.	Masculino	II
E.S.B.	Feminino	II
A.R.A.	Masculino	III
E.L.C.	Feminino	III
J.P.R.B.	Feminino	III
E.J.R.	Masculino	III

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

4.4 Coleta de Dados

Selecionados os informantes nos dois *corpora*, o próximo passo foi *garimpar* as ocorrências em que os itens linguísticos *não* e *num* apareciam. Em seguida, categorizamos e organizamos os dados em tabelas, em Word, para que pudesse facilitar o acesso aos excertos, assim como ao contexto em que o objeto de estudo encontrava-se.

Ressaltamos que houve momentos em que foi necessário extrair todo o turno conversacional do informante para contextualizar a presença da negação nas funções inovadoras. Em outras situações, retiramos apenas o fragmento que continha a ocorrência; e, ainda, em outras situações, selecionamos o diálogo entre o documentador e o entrevistador, já que a pergunta era determinante para a ocorrência do *não* e do *num*.

Computando o total de ocorrências, temos 2.518 de estruturas negativas, sendo que 1.501 dados de negação plena, *não*, e 1.017 para a negação reduzida, *num*.

A seleção das entrevistas, as coletas e categorização dos dados foram realizadas tendo como principal objetivo a análise quantitativa. Assim, foram adotados alguns procedimentos metodológicos com o objetivo de quantificá-los.

4.5 Análise Quantitativa

Os dados selecionados foram submetidos à análise quantitativa, utilizando o programa *GoldVarb X*, programa estatístico que lida com regras variáveis.

Através dessas regras variáveis estabelecidas por cálculos estatísticos, são extraídas, por meio desse programa, as regularidades e tendências dos dados. Os valores gerados pelo programa são apresentados por peso relativo entre os números de 0 a 1, isso significa que, em cada rodada de dados, é fornecida também uma numeração negativa que indica sua insignificância, quanto mais próximo de zero, maior o grau de efeito da variável. (SOUSA, 2007)

Nesse programa estatístico, são utilizadas, a rigor, variáveis binárias²⁵ na variável dependente para obter o peso relativo. Assim sendo, estabelecemos os itens *não* e *num* como as variáveis que serão rodadas e cruzadas com outros fatores.

Compreenderemos melhor essas variantes na próxima subseção.

4.6 Variável Dependente

A variação, conforme a Sociolinguística, é a ocorrência de duas ou mais variantes coexistindo no sistema linguístico. O conjunto de variantes de um determinado fenômeno constitui-se a variante dependente do estudo linguístico. (MOLLICA, 2004). No estudo empreendido, ora dissertação, as variantes dependentes analisadas são os itens *não* e *num*²⁶ na oralidade conquistense. A escolha dessas variantes é resultado da observação diária das diversas formas de produção da negação e, principalmente, pelo caráter funcional que esses itens linguísticos têm exercido na língua. São elas:

a) *Não*:

(09)INF: Eu gosto daqui de tudo, eu *não* tenho o que falá. (E.S.B. Faixa II Masc. PPVC)

b) *Num*²⁷:

(10) INF: é mais diferente porque eles *num*... eles brinca *até* briga também junt' aí antigament' *num* existia briga (E.P.S. Masc. Faixa I PPVC)

²⁵Em casos de variáveis enébricas, ocorre uma incompatibilidade para rodar os dados. A fim de solucionar essa divergência, trabalhos de cunho Sociolinguístico realizaram uma primeira rodada com todas as variantes, para obter apenas os índices percentuais da frequência e relevância dessas nos *corpora*. Em seguida, propusemos dois grupos de variantes: o primeiro refere-se às variantes negativas sintáticas e, o segundo, as variantes negativas inovadoras.

²⁶Vale ressaltar que a variante dependente *num* será analisada apenas sob a ótica da posição sintática e o valor semântico do item. Devido essa escolha metodológica, optamos por não considerar o fator fonológico da negação, por envolver análise acústica e o ambiente fonológico da ocorrência da *num* e, nesse momento, esse não é o nosso propósito na nessa pesquisa. No entanto, trabalhos como de Ferreira (2014), Sousa (2007) e Cavalcante (2007) tratam das formas reduzidas da negação no Português falado.

²⁷Em relação à seleção do *num* nos *corpora*, fomos cuidadosos para extrair o exceto que exprimisse negação, pois já encontramos *num* referindo-se a *em um*.

A seguir, descreveremos os grupos de fatores condicionantes

4.7 Variáveis Independentes

As variáveis independentes são grupos de fatores – linguísticos e sociais- que influenciam a realização do fenômeno estudado, contribuem para a escolha de uma variante em detrimento da outra e podem “[...]exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo a frequência de suas ocorrências.” (MOLLICA, 2008, p.11). Nesta dissertação, os fatores são de níveis sintáticos e semânticos-pragmáticos, além dos fatores sociais que perpassam a língua(gem).

Apresentamos, a seguir, as variantes independentes linguísticas e, na sequência, as variantes independentes extralinguísticas.

4.7.1 Grupo 1: Estrutura da negação

Estudos variacionistas constataram que, no Português do Brasil (RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 1996; 2001; ALKMIM, 2002; RAMOS, 2002), há três estratégias negativas, que diferem pela quantidade e a posição da partícula negativa *não* na estrutura oracional.

A negação *pré-verbal* é estabelecida pelas gramáticas prescritivas (CUNHA; CINTRA, 1985; 2001) como canônica na língua, a qual exerce a função de modificador do verbo e, por isso, é classificada como advérbio negativo:

- (11) INF: Que *não* tinha esse negócio aí, *não* tinha computadô [eh] *não* tinha celulá, *não* tinha eh... eh... eh... televisão também *não* tinha (D.A.O. Masc. Faixa III PCVC)

A *dupla negação*, por sua vez, é definida como a ocorrência simultânea de dois itens negativos na posição pré- e pós-verbal. Devido à necessidade do falante em ser mais expressivo, duplicou-se o primeiro *não*. (FURTADO DA CUNHA, 2000; NUNES, 2014.). Além da necessidade de duplicação da negativa, o primeiro item de negação é passivo ao desgaste fonológico, passando, a rigor, de tônico para átono. Eis um exemplo:

- (12) INF: [Num] conheço ninguém não, mas... assim eu *num* vejo problema em... em criança trabalha não, (F.S.L.B. Masc. Faixa I PCVC)

A terceira variante negativa é a negação *pós-verbal*. Recente na oralidade, a negação pós-verbal não é reconhecida pelas normas prescritas gramaticalmente. A ocorrência do *não* em posição pós-verbal, a nosso ver, reflete a trajetória do processo de gramaticalização que o item tem passado até adquirir novas funções, como as que postularemos adiante. Segue um exemplo de negação pós-verbal

(13)INF: sô muito de sair *não* (C.S.M.N. Masc. Faixa II PCVC)

Elegemos, também, como variante sintática para a negação a ocorrência *isolada* do *não* (NUNES, 2000). Ao definir essa variante, tomamos como parâmetro a posição do item negativo em relação ao verbo principal do enunciado, por isso compreendemos a negação *isolada* em respostas que apresentem apenas o *não isolado* ou no início de um turno que não corresponde à pergunta fechada. Observemos o exemplo (14) e o exemplo (15):

(14)DOC: Você conhece Betel?
INF: *Não*. (A.S.A. Fem. Faixa II PCVC)

Esse é um exemplo da negação isolada a uma pergunta fechada. O próximo exemplo, realizado pelo mesmo informante A.S.A., demonstra a ocorrência do *não* no início do turno, porém acompanhado de outros elementos linguísticos.

(15)DOC: Eh... e... e... essa questão de locomoção pra você, fica como?
INF: *Não*, eu *não* tenho problema, porque eh... normalmente eu vô direto do trabalho. E sempre volto de táxi pra casa. (A.S.A. Fem. Faixa II PCVC)

Durante a coleta dos dados, verificamos que o *não* ocorreu antes ou depois de um substantivo, de advérbios e de adjetivos, como Sacconi (1982) e Viela e Koch (2001) haviam descrito. Devido à recorrência dessa posição, que não se limitava apenas ao verbo, concluímos que seria pertinente categorizar essas ocorrências em pós-constituente e pré-constituente. Vejamos os excertos que nos conduziram às novas categorias:

(16)INF: Muita coisa que antes tinha nas escolas, hoje *NÃO* tem mais por acharem desnecessários (L.C.S. Fem. Faixa I PCVC)

(17)INF: assim que eu *num*... disponibilidade... de viagem... de distanciar da família (J.B.D.F. Masc. Faixa III PPCV)

Portanto, postulamos que as variantes *não* e *num* ocorrem com maior frequência nas posições pré- verbal e na dupla negação no dialeto conquistense. No entanto, ressaltamos que apenas o *não* é favorecido em contextos de negação pós-verbal, negação isolada e nas posições pré- e pós- constituinte.

4.7.2 Grupo 2: Semântico-Pragmático

Nos *corpora* analisados, foram encontradas duas funções semântico-discursivas da negação, que ainda não foram descritas pelas pesquisas linguísticas localizadas por nós. Caracterizamos, a primeira, com a função de *introdutor discursivo*, o item negativo aparece inicialmente no turno conversacional, estabelecendo, assim, um elo entre o que foi mencionado pelo interlocutor e introduzindo uma nova informação. O excerto, a seguir, exemplifica a negação como *introdutor discursivo*:

- (18) DOC: Cê gosta de morar aqui?
 INF: Gosto + Gosto muito não
 DOC: Hum:: Por quê?
 INF: *Não*, que:: mataram meu primo.. (L.B.R. Masc. Faixa I PPCV)

A outra variante negativa está presente em turnos em que há correções conscientes e pontuais pelo informante, por isso nomeamos como *manobra discursiva*. Para que haja, de fato, uma *manobra discursiva* é fundamental que o falante realize um elemento linguístico e, depois, corrija o excerto utilizando o *não* como a função semelhante a de uma conjunção adversativa.

- (19) INF: eu senti que o agí de Deus foi diferente na minha vida, parecendo que... parece que eu botei minha fé em ação... parece *não* com certeza [pus] minha fé em ação e tudo mudô na minha vida... aí pra mim meu interesse totalmente é mais voltado pra evangélica neste momento (G.N.B. Fem. Faixa I PPVC)

A negação na posição de *resposta* é uma função recorrente na língua, diferentemente das variantes inovadoras, tais como, *manobra discursiva* e *introdutor discursivo*, já que a utilizamos para responder às perguntas fechadas. Percebendo essa alta frequência, buscamos verificar as ocorrências em que houvesse alternância entre *não* e *num*.

- (20) DOC: Cê tinha vontade de morá em outro lugar?
 INF: *NÃO* (E.P.S. Masc. Faixa I PPVC)

Assumimos a hipótese de que apenas o item *não* é produtivo nas novas funções de *manobra discursiva* e *introdutor discursivo*, porém, na posição de *resposta*, há predominância do *não* quando esse ocorre isolado e a alternância do *não* e *num* caso estejam acompanhados de algum verbo.

4.7.3 Grupo 3: Estrutura do Verbo

Em uma oração negativa, a presença do *não* antes do verbo é fundamental para inverter o valor de verdade da sentença. Pesquisas linguísticas (SOUSA, 2007; FERREIRA, 2014) constataram que os verbos interferem na realização fonológica da negação. Por isso, estabelecemos a *estrutura verbal* como terceira variável linguística. São elas:

Verbo pleno

(21)INF: ele *não* ficou com a gente nessa época (D.F.P. Fem. Faixa II PCVC)

Locução verbal

(22)INF: eu relaxei assim porque eu *num* quis vim mais, *num* quis vim mais (E.S.B. Masc. Faixa II PPVC)

Esse fator é relevante para averiguar se há uma relação entre a ocorrência do *não* e *num* em relação com o elemento à direita, nesse caso, o verbo. Postulamos, então, que há a predominância do *num* com as formas perifrásticas, enquanto que o *não* tenderia a conservar a sua forma em construções plenas.

4.7.4 Grupo 4: Escopo da negação

Em conformidade com as novas funções semântico-pragmáticas que a negação tem adquirido, interessa-nos, então, saber qual é o escopo da negação, isto é, qual elemento linguístico é negado na sentença. As gramáticas prescritivas, descritas na seção anterior, prescrevem que o valor negativo do *não* recai sobre verbos, adjetivos e outros advérbios. No entanto, estamos nos deslocando de exemplos literários, apresentados nas gramáticas prescritivas, e propondo, para a nossa análise, excertos de fala retirados do vernáculo, em termos labovianos, considerando que os advérbios modificam adjetivos, substantivos e frases totais, como Vilella e Koch (2001) descreveram.

Verbos

(23)INF: porque *não* tinha televisão, *ess negóc* assim, *não* tinha essas coisa que tem *hoj*, *não* tem... *não* tinha *desenh*. (C.D.S. Fem. Faixa II PPVC)

Orações

(24)INF: a gente *num* briga por causa disso *não* (F.S.L.B. Masc. Faixa I PCVC)

Substantivos

(25) DOC: Costuma ir a estádios?
INF: *Não*, estádios *não*. (A.F.S.F. Masc. Faixa II PCVC)

Adjetivos

(26)Antigo sim, Velho *não*²⁸.
(27)Tem nada engraçado *NÃO*. [J.C.S. Masc. Faixa II PPVC]

Advérbio

(28)INF: pra comprar o sal ia pra comprar Incruziada ia pra comprar Incruziada>
hoje *não* agente tá dentro de casa, (E. J.R. Masc. Faixa III PPVC)
(29)INF: agora *não* que Deus ajudou que as coisa melhorou e saiu a aposentadoria
agente encosta aí e agente tá vivo (E. J.R. Masc. Faixa III PPVC)

4.7.5 Grupo 5: Elipse do sintagma verbal

Com base na análise linguística de Castilho (2010), os advérbios podem ser classificados em três grandes classes: os predicativos, os de verificação e os dêiticos. No que se refere à negação, o gramático aponta que o *não* pertence à classe dos dêiticos por negar tanto o constituinte quanto o conteúdo. Apropriando-nos do que foi exposto pelo pesquisador e fazendo novas análises, verificamos que o item tem adquirido valor dêitico e elíptico em relação ao conteúdo e o constituinte negado, assim como foi atestado por Roncarati (1996).

Por isso, estabelecemos como fator condicionante o a *elipse do sintagma verbal*, haja vista que a realização ou não do objeto pode determinar essa nova função. Observemos:

Realizado

(30)INF: eu volto eu *não* sei voltar, entendeu? Eu *não* fico triste ao voltar, e quando eu me imagino eu outro lugar eu *num* consigo me imaginar (D.F.P. Fem. Faixa II PCVC)

²⁸ Esse dado foi retirado de um *slogan* de uma feria de carros antigos.

(31)INF: pra mim é tranquilo porque e *não* é tranquilo porque hoje (E.J.R. Masc. Faixa III PPVC)

Não realizado

(32)INF: eu brincava mas ele ainda brinca, o mais velho *não* (D.F.P. Fem. Faixa II PCVC)

Neste trabalho, a partir dos estudos de Castilho (2010) e Roncarati (1996), segue a hipótese de que o *sintagma verbal não realizado* favorece a propriedade dêitica e elíptica da negação.

4.8 Variáveis Extralinguísticas

Tomando como base a Teoria da Variação Linguística de Labov (2006 [1968]) de que não se pode entender a mudança linguística sem considerar os aspectos sociais que circuncidam a sociedade e que interferem diretamente no inventário linguístico, estabelecemos três variáveis extralinguísticas: (i) a escolaridade; (ii) o sexo; e (iii) nível de escolaridade. Esses são os principais fatores que condicionam a mudança linguística, portanto, passaremos a descrever as hipóteses que constituem cada variante.

4.8.1 Grupo 6: Escolaridade

A escola é um dos principais meios sociais que gera mudanças no indivíduo e na sociedade, conseqüentemente, ela contribui para a perpetuação da variante padrão. Por isso, o controle dessa variável está presente nos estudos Sociolinguísticos para constatar a influência do nível de escolaridade da variação e/ou mudança linguística. Para este estudo, estabelecemos dois níveis de escolarização:

- a) Popular: sem escolarização ou com até 5 (cinco) anos de escolarização;
- b) Culto: com mais de 11 (onze) anos de escolaridade.

Como hipótese, estabelecemos que os informantes do Português Culto realizam mais a variante de prestígio *não*, ao passo que informantes do Português Popular produzem mais a variante fônica *num*.

4.8.2 Grupo 7: Sexo

As diferenças linguísticas que são decorrentes da variável sexo estão intimamente ligadas à posição social que homens e mulheres têm exercido na sociedade como já foi atestada por Paiva (2008). Como resultado do papel social que a mulher exerce, espera-se que a mulher perpetue as formas de prestígio e que os homens sejam mais inovadores na língua. Por outro lado, curiosamente, é a mulher que lidera a inovação quando a forma inovadora não traz características de estereótipo²⁹. No entanto, os papéis feminino e masculino já não estão tão fixos e estão a todo o momento sofrendo transformações dentro da sociedade, sobretudo relacionando aos papéis exercidos por esses informantes na sociedade em que vivem/atuam. Nessa perspectiva, foi nossa pretensão verificar esse postulado nos *corpora* em relação à negação a fim de averiguar se o sexo tem sido uma variável que favoreça a forma plena ou reduzida da negação.

Em decorrência dessa fluidez social, Paiva (2008) sugere que, nos estudos sociolinguísticos, essa variante extralinguística deva ser analisada em correlação com a faixa etária, para que as diferenças sociais sejam levadas em conta.

A nossa hipótese para esse fator considera que as mulheres são mais conservadoras na manutenção da forma negativa padrão, enquanto que os homens propagam mais a variante *num*.

4.8.3 Grupo 8: Faixa Etária

A faixa etária nos estudos da variação linguística tem revelado a estabilidade de uma variante, isto é, quando não há correlação entre o fenômeno e a faixa etária. Por outro lado, a mudança em progresso, quando a variante é mais recorrente nos jovens e decresce na faixa etária mais avançada ou, ainda, ao contrário disso, quando a variante é menos recorrente na camada da faixa etária I e mais presente na faixa etária III. Nos *corpora* analisados, os informantes estão estratificados segundo três faixas etárias:

a) Faixa I: de 15 a 26 anos

²⁹ Labov (2006 [1968]) reconhece que há julgamentos conscientes e inconscientes sobre a língua. O estereótipo, por sua vez, é o julgamento consciente de formas linguísticas socialmente marcadas. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente e levar a mudança linguística das formas, enquanto que outras podem ter prestígio social e perpetuarem no vernáculo.

- b) Faixa II: de 26 a 50 anos
- c) Faixa III: mais de 50 anos

Acreditando na tendência da variação estável, a hipótese principal da nossa discussão é a de que não haverá frequências discrepantes entre os informantes da faixa I e III.

Passaremos, agora, para o tratamento dos dados.

5 A NEGAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONQUISTENSE: ANÁLISE DE DADOS

Na presente seção, apresentaremos os resultados percentuais das variantes negativas *não* e *num* nos *corpora* Português Culto e Popular da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, obtidos através do programa estatístico *GoldVarb X*. Os dados coletados foram analisados segundo as hipóteses elencadas na seção anterior, *Metodologia*, com a finalidade de sistematizar a variação do fenômeno.

A partir de agora, as variantes dependentes negativas entram em cena, juntamente com as variantes independentes linguísticas e extralinguísticas, para apresentar os resultados da seção “A negação do Português Brasileiro Conquistense: análise de dados”.

5.1 Variáveis Dependentes Linguísticas

5.1.1 Valores totais das variantes

Nos *corpora* investigados, encontramos o total de 2.518 construções negativas, entre o item *não* e a variante fônica *num*, como mostra, detalhadamente, o quadro 3:

QUADRO 3: Distribuição do quadro de variantes negativas

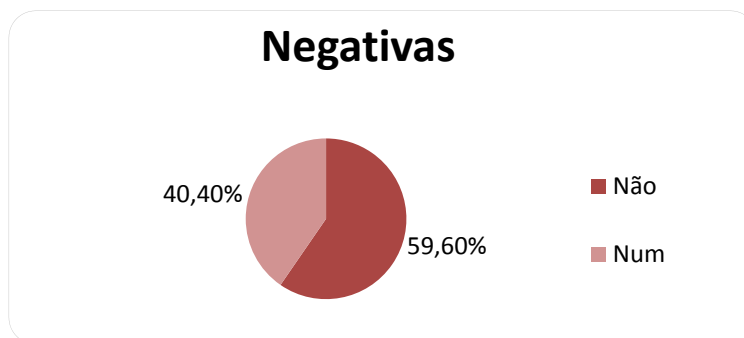
Variantes	Nº de Ocor.	%
<i>Não</i>	1501	59,6%
<i>Num</i>	1017	40,4%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Observando o quadro 3, notamos a distribuição individual de cada variante, considerando que a partícula negativa *não* apresentou maior número de ocorrências, 1.501, em relação à variante *num* com 1017 realizações, equivalente a (59,6%) e (40,4%) respectivamente. Tais dados confirmam a alta produtividade da negação e da sua variante no vernáculo conquistense, possibilitando, assim, analisar os contextos sintáticos e pragmáticos os quais favorecem a negação e, então, chegar a possíveis conclusões sobre o estado da variação linguística.

Através do Gráfico 1, podemos observar melhor a distribuição das variantes analisadas.

GRÁFICO 01: Distribuição das variantes negativas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Aplicando o princípio Sociofuncionalista da marcação nos resultados obtidos, até o presente momento, verificamos que, em relação à frequência, a negação com o item *não* é mais recorrente na fala dos informantes e, por isso, menos percebida, do que a negação com a variante fonológica *num*, ao que tudo indica mais recente no vernáculo, em relação ao *não*, na função de variante.

No que tange à complexidade da forma da partícula, a variante *num* é menos complexa, haja vista que houve o processo fonológico de monotongação e desnasalização³⁰, de tônico para átono, em relação ao *não*. Entretanto, Givón (1995) ressalta que o princípio da marcação caracteriza-se por se um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicado com base em fatores comunicativos, linguísticos e sociais, já que uma variante pode ser marcada em um contexto e ser desfavorecida em outro.

5.1.2 Grupo 1: Estrutura da negação

Esse grupo de fatores teve por finalidade verificar quais são as possíveis posições sintáticas do item negativo na sentença, tomando como parâmetro o verbo ou o constituinte lexical sobre o escopo da negação, com o item *não*, e se, caso não houvesse nenhum constituinte, verificamos a estrutura que condicionava a ocorrência das variantes, por exemplo, perguntas. No quadro 4, apresentamos os valores percentuais de todas as estruturas negativas para cada variante.

³⁰ A monotongação é um processo fonológico em que o ditongo [au] realiza-se como uma vogal simples e oral [u], resultando assim na desnasalização.

QUADRO 4: Estrutura da negação

Estrutura da Negação	Não		Num	
	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%
Pré-verbal	681/1411	48.3%	730/1411	51.7%
Pré-constituente	46/47	97.9%	1/47	2.1%
Pós-constituente	256/256	100%	0/256	0.0%
Dupla Negação	92/378	24.3%	286/378	75.7%
Isolado	426/426	100%	0/426	0.0%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese que norteia esse grupo de fatores é de que as variantes *não* e *num* são mais frequentes na posição *pré-verbal* e no início da *dupla negação*, ao passo que apenas o *não* é favorecido nas posições pós-constituintes e isolado.

Ao analisar os dados estatísticos, verificamos que, na posição *pré-verbal*, o *não* apresentou (48.3%) e o *num* (51.7%) das ocorrências, confirmando, assim, a hipótese inicial. A alta frequência da variante *num* na posição *pré-verbal* condiciona-nos a inferir que há uma significativa aceitabilidade da variante reduzida pelos falantes, por isso ocorre a aproximação dos valores percentuais entre as variantes negativas.

A *dupla negação*, por sua vez, é constituída pela realização simultânea de dois itens negativos *não/num* na sentença, sendo um à esquerda do verbo e o outro à direita ou no final da sentença. Como mostra os excertos a seguir:

(33)INF: todas *num* trabalha *não*, as... as criança que conheço, tudo normal, *num* trabalha *não* [G.N.B. Fem. Faixa I PPVC]

(34)INF: mas eu *não* gosto de jogar esse jogo *não* quem joga é meu irmão. Jogo p0a mim parece que é infantil. [L B.R. Masc. Faixa II PPVC]

Sobre a *dupla negação*, Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996) compreendem que a duplicação do item negativo é decorrente do desgaste do valor semântico do primeiro *não* e caberia, então, ao segundo *não* a carga enfática da negação. Roncarati (1996) acrescenta, ainda, que a *dupla negação* compõe uma das etapas do processo de gramaticalização da negação, na qual ocorre o enfraquecimento do primeiro *não* tônico para átono até atingir a queda do primeiro elemento, permanecendo o segundo *não* e, consecutivamente, emerge outra posição sintática na língua, a *pós-verbal*.

Acrescentando os apontamentos das referidas autoras às nossas observações, estabelecemos como critério de classificação, para a nossa análise, a primeira realização

negativa do *não*, pois constatamos que, somente na posição *pré-verbal*, ocorre variação entre *não* e *num*. Sendo assim, esse é um ambiente categórico para ocorrer à alternância entre as variantes.

Ao considerar a categoria *dupla negação*, os valores encontrados foram os de (75.7%) com construções com *num* e (24.3%) para estrutura com *não*. Podemos afirmar que, dentre os fatores que condicionam o *num*, a repetição do mesmo elemento negativo é determinante para a realização dessa variante na língua falada.

Por outro lado, não foi encontrada nenhuma ocorrência do *num* nas posições *pós-constituente e isolado*, como era de se esperar. Esses, portanto, não são ambientes favoráveis para a produção da variante reduzida *num*, confirmando, assim, a hipótese inicial de que a posição *pré-verbal* e *dupla negação* são contextos altamente produtivos para as realizações da variante fônica *num*.

Curiosamente, ocorreu um dado inesperado: a ocorrência do *num* na posição *pré-constituente*. Vejamos:

(35)INF: assim que eu *num*... disponibilidade... de viagem... de distanciar da família
[J.B.D.F. Masc. Faixa III]

Acreditamos que a ocorrência da variante reduzida na posição *pré-constituente* deu-se pela supressão do verbo, sendo, então, uma negação *pré-verbal* já que apenas o verbo pode condicionar a redução fônica de tônico para átono do item linguístico *não*. Como esse processo cognitivo é impossível de captar na transcrição das entrevistas, cabe-nos, então, interpretar o contexto de ocorrência e perceber que o escopo de negação recai sobre toda oração, mas, principalmente, no substantivo, que é o elemento mais próximo da negação.

Para as negativas com *não* nas posições *isolada* e *pós-constituente*, tivemos o valor categórico de (100%). Para entender melhor a classificação da posição *isolada*, é necessário explicar quais foram os dados encontramos nos *corpora*. Nos *corpora* analisados, o *não*, *a priori*, é regularmente utilizado pelos informantes para responder perguntas fechadas, para as quais, na maioria das vezes, não havia complementos. Outra situação do uso isolado do *não* é como *introdutor discursivo*, ou seja, sem valor negativo. O valor total das ocorrências negativas apenas com o item *não* havia sido prevista, devido aos argumentos apresentados por Furtado da Cunha (1996).

Apoiados em Braga e Silva (2011), que supõem a assimilação do ponto de vista cognitivo a enunciados que seguem no ritmo de afirmação, mas é interrompido por um

elemento negativo, justificamos a frequência total do *não* na posição *pós-constituente*. Além disso, a dependência fônica do *num* é outro motivo que inibe a presença desse na posição *pós-constituente*.

Fatores que apresentam (100%) das ocorrências, como as posições *pós-constituente* e isolada para a variante *não*, são interpretadas pelo programa estatístico *GoldVarb X* como *Knockout*, isto é, uma variante é categórica em relação a outra considerando algum fator. Para solucionar essa questão, os *Knockouts* devem ser retirados das rodadas posteriores, como será realizado nos passos seguintes em nossa análise. No entanto, é preciso ressaltar, como afirma Oliveira (2016), que esses dados já fornecem informações imprescindíveis para a compreensão do fenômeno.

5.1.3 Grupo 2: Estrutura do verbo

Como hospedeiro do item negativo, o verbo, elemento à direita do item negativo adquiriu o maior percentual de ocorrências tanto para a negativa *não* (48.3%) quanto para a variante *num* (51.7%), comparado com os outros fatores do Quadro 4. Resta-nos, portanto, questionar o estatuto do verbo que precede a negação. Com base na pesquisa de Ferreira (2014), pretendemos averiguar qual variante negativa (*não/num*) é favorecida em contextos de verbo pleno e locução verbal.

QUADRO 5: Estrutura do verbo

Estrutura do Verbo	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%
Verbo Pleno	822/1741	47.2%	919/1741	52.8%
Locução Verbal	92/188	48.9%	96/188	51.1%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Analisando o Quadro 5, é possível concluir que ambas as estruturas do verbo – pleno e locução verbal- apresentaram um percentual elevado e muito similares de realização da variante reduzida (52.8%) e (51.1%) e para a variante *não* (47.2%) e (48.9%), nessa ordem.

Ferreira (2014), que também analisou esse fator, encontrou valores percentuais semelhantes da redução do *não* para verbo pleno (73.7%) e para locução verbal (73.6%). Segundo a autora, os dados encontrados não foram considerados significativamente relevantes pelo programa estatístico *GolbVarb X*, por isso essa variante linguística foi excluída das rodadas seguintes. Ramos (2002), que também analisou elementos à direita da negação, obteve valores similares entre a forma perifrástica (.76) e não perifrástica (.75). Ao traçar um

paralelo com os resultados de Ferreira (2014) e de Ramos (2002), chegamos à conclusão de que o grupo *estrutura do verbo* deverá ser eliminado nas próximas análises.

5.1.4 Grupo 3: Semântico- Pragmática

Ao observar o comportamento da negação na modalidade oral da Língua Portuguesa, mais especificamente, na região do Sudoeste da Bahia, e nos *Corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista- BA, verificamos que o ato de negar não contempla apenas os constituintes sintáticos, a fim de mudar o valor de verdade, mas o *não*, também, tem adquirido novos valores semânticos e pragmáticos nos discursos.

Para isso elegemos as funções inovadoras de *introdutor discursivo* e a *manobra discursiva* e a função *resposta* do item *não*, como constituintes do grupo de fatores Semântico-Pragmático. A seguir, no Quadro 06, os valores percentuais são apresentados para cada variável. Observemos:

QUADRO 06: Semântico-Pragmático

Semântico-Pragmático	Não		Num	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Manobra Discursiva	34/36	94.4%	2/36	5.6%
Introdutor Discursivo	45/45	100%	0/45	0.0%
Resposta	447/462	96.8%	15/462	3.2%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme é apresentado no Quadro 06, o item *não* é predominante nas ocorrências de *manobra discursiva* (94.4%) e de *introdutor discursivo* (100%), enquanto que o *num* ocorreu apenas 02 (duas) vezes como *manobra discursiva*, equivalente a (5.6%) e nenhuma vez como *introdutor discursivo*. É possível lançar mão de duas explicações para justificar as ocorrências. Primeiro, com o estatuto de quase-clítico, passivo à duplicação, a variante *num*, conforme afirmado por Furtado da Cunha (1996), não é favorecida por contexto em que não há hospedeiro fonológico para a sua ocorrência, isto é, o verbo. Por isso que, apenas, a variante *não* ocorre na função de *introdutor discursivo* para iniciar o turno conversacional. Para exemplificar, observemos os excertos abaixo:

(36) DOC: E na sua infância? Você não estudou, assim, por quê?

INF: Não. Eu num sei. Num lembro direito, assim, por quê. Eu num lembro não. Num sei. Isso eu num sei te dizer. [S.S.C. Fem. Faixa I PPCV]

(37) DOC: E na viagem assim qual foi o momento que mais marcô?

INF: {risos}{ININT} não o momento que mais marcô foi {risos} que a gente... a gente chegô de madrugada... morrendo de fome [quatro horas]{risos} quatro horas da madrugada [e] teve que fazê seis miojo [da] mesma panela *pa* {risos} *pa* não sei quantas pessoa comê {risos} o que marcô foi isso {risos}

Em todas as ocorrências analisadas em que a negação exercia a função de *introdutor discursivo*, foram percebidos alguns padrões de realizações, tais como: a preferência do *não* em comparação ao *num*; o item negativo posicionado no início do turno conversacional; e, por fim, o *não* sem equivalência à resposta negativa a uma pergunta fechada, mas comportando-se como um introdutor, prova disso é que não se pode trocar *não* por “sim” nessas sentenças. É possível observar esses três padrões de ocorrência nos excertos (36) e (37).

Além do estatuto de quase-clítico e dos critérios de produção do *introdutor discursivo*, a segunda explicação para a ocorrência total do *não* na função *manobra discursiva* é que o elemento *não* posiciona-se, predominantemente, na posição *pós-constituente*, o que para o *num* é impossível como podemos constatar no Quadro 4. Para reforçar, vejamos o excerto (38):

(38)INF: Eu acredito que hoje educação, é muito impirtant’.. hoje *não*, sempre.
[L.C.S. Fem. Faixa I PCVC]

Como a principal função do *não* nessa categoria é a correção pontual do conteúdo, o item negativo realiza-se apenas na forma plena e na posição *pós-constituente*. Fiquemos atentos aos exemplos (39) e (40):

(39)Mas aqui do... aqui dos meus conhecido aqui é tud’ assim um... conversa diferente um do também assim *um não* todos conversa [por] iguais [E.P.S. Masc. Faixa I PPVC]

(40)DOC: Cê foi segurança também?

INF: É já... *não*. Comecei assim trabalhano cum faxinêro depois eu passei pra... pra segurança [E.P.S. Masc. Faixa I PPVC]

No exemplo (39), o informante utiliza o item *não* como *manobra discursiva* para corrigir a concepção de que cada membro da família fala diferente para a informação que todos falam iguais. Já no excerto (40) o *não* foi utilizado para interromper e corrigir um possível relato que não se aplicaria à realidade dos fatos e, então, utiliza a negação para reorganizar o discurso. No exemplo (38), percebemos o uso da *manobra discursiva* para corrigir o advérbio de tempo *hoje* para o advérbio *sempre*.

A terceira função é a *resposta* e essa caracteriza-se pela realização do *não* como resposta a uma pergunta fechada, ora com a presença do verbo principal ora sem. O *não* teve a predominância de ocorrências com (96.8%) e o *num* apresenta apenas (3.2%), quando acompanhado do verbo.

Se adotássemos os mesmos fatores do grupo semântico-pragmático para avaliar o *não* e o *num* no quesito *isolado* em relação ao verbo, seria inviável, pois o *num* não apresentaria qualquer valor percentual no grupo em análise. Porém, a presença da variante reduzida justifica, porque todas as variantes fonológicas selecionadas estavam acompanhadas por verbos em contexto de perguntas fechadas, sendo possível, assim, a alternância entre *não* e *num*. Os fragmentos (41) e (42), a seguir, descrevem a função *resposta*.

(41)DOC: Cê tinha vontade de morá em outro lugar?
INF: *Não* [E.P.S. Masc. Faixa I PPVC]

(42)DOC: Não? Num gosta não?
INF: *Num* costume ir, [S.S.C. Fem. Faixa I PPCV]

O alto índice de realizações do item negativo *não* nas funções de *manobra discursiva* e de *introdutor discursivo* evidencia o caráter emergente da gramática da língua, pois uma mesma forma passa a assumir funções sintáticas, semânticas e pragmáticas diferentes daquelas prescritas pelas gramáticas normativas. Essa variação linguística atesta o princípio funcionalista da gramaticalização.

O princípio da gramaticalização, descrito na seção *Fundamentação Teórica*, é caracterizado como um processo gradual e cíclico de mudança linguística que parte do discurso para a gramática (GIVÓN, 1979) e pode acontecer tanto no plano sincrônico quando no diacrônico (TRAUGOTT E HEINE, 1991). Em linhas gerais, percebemos que a negação tem passado por esse processo devido às novas funções abstratas adquiridas e consolidadas no vernáculo. Para isso, recorreremos aos cinco parâmetros estabelecidos por Hopper (1991) a fim de aferir o grau de gramaticalização da negação.

O primeiro princípio, a *estratificação*, refere-se à convivência simultânea de várias camadas (ou variantes) linguísticas de um mesmo objeto. Aplicando o princípio da estratificação à negação, nos *corpora* analisados, verificamos a variação fonológica da negação, uma tônica (*não*) e outra átona (*num*) na oralidade conquistense. Além dessas, Ferreira (2014) constatou quatro realizações fonológicas diferentes da negação no Português

Falado da cidade de Salvador, são elas: [ˈnãw], [ˈnũ], [ˈnu] e [nˈ]. A variante mais produtiva, conforme Ferreira (2014) foi a variante [ˈnu].

A *divergência* é o segundo parâmetro proposto por Hopper (1991) e aplica-se quando um item lexical, por exemplo, o *não*, desempenha funções distintas embora tenha sido originado de uma mesma raiz, tal como as funções de *manobra discursiva* e de *introdutor discursivo*. Essas são, portanto, mais gramaticais do que a função prototípica desempenhada pelo item, a de negar verbos e, conseqüentemente, de trocar o valor de verdade da sentença. Apesar dos dados de *manobra discursiva* e *introdutor discursivo* serem, aparentemente, menos frequente (Cf. Quadro 6) em relação à frequência de outras construções negativas (Cf. Quadro 4), as novas funções semânticas e discursivas são recentes na escala da gramaticalização, confirmando, assim o princípio da divergência. Em suma, temos, então, um *não*, prototipicamente expressão de negação, conforme apresentamos na Seção1, que é instanciado na língua em uso para outros sentidos e funções, dos quais enfatizamos a *manobra discursiva* e o *introdutor discursivo*.

A principal característica da *especialização*, o terceiro parâmetro, é que o item linguístico especializa-se em um determinado contexto pela regularidade e frequência de uso. Percebemos a aplicabilidade desse princípio nas realizações categóricas do *não* nas posições sintáticas pós-constituintes, isolado e nas funções semânticas como *introdutor discursivo* em comparação com o *num*.

O quarto princípio é a *persistência*, isto é, a preservação dos traços semânticos do elemento lexical. No que tange a negação na função de *manobra discursiva* e na função *resposta*, esses mantêm o traço negativo do elemento categórico, porém, na função de *introdutor discursivo*, ocorre desgaste do valor semântico negativo categórico e passa a exprimir uma negação que pode ser considerada com uma negação pragmática.

O último princípio é a *decategorização*, que concerne ao fato de que formas gramaticalizadas tendem a perder marcas morfológicas e sintáticas, resultando na passagem das formas plenas a categorias secundárias, por exemplo, de afixo, clíticos, até chegar ao ponto zero. Estudiosos da área têm descrito que o *não* tem adquirido a propriedade de quase clítico pelas posições sintáticas que ocupa e pela facilidade em duplicar, gerando, assim, alterações fonéticas (VITRAL,1991; MIOTO,1992; FURTADO DA CUNHA, 1999; RAMOS, 2002; CAVALCANTE, 2007; CAMPOS, 2009).

Diante dessa discussão sobre as peculiaridades de cada função negativa e da aplicação dos princípios da gramaticalização, cabe-nos, então, retomar a hipótese desse grupo estabelecida anteriormente. Postulamos que as funções inovadoras do item *não* só podem

ocorrer com a forma padrão da variante e correção momentânea do turno conversacional, já na função *resposta* as variantes são intercambiáveis, atestando, assim, o princípio da gramaticalização, mais especificamente, dos cinco parâmetros de Hopper (1991).

5.1.5 Grupo 4: Escopo da Negação

As gramáticas prescritivas defendem que o escopo da negação recai sobre o verbo, em outro advérbio e, às vezes, em adjetivos. Tomando os conceitos de advérbio negativo e seu escopo, a pergunta que norteia esse grupo de fator é: Qual elemento linguístico é negado na oralidade dos conquistenses? Assumimos, portanto, a hipótese de que na oralidade o escopo negativo recai sobre verbos, orações, adjetivos, advérbios e, também, em substantivos, conforme prescreveram os dicionaristas Carvalho (1968) e Lisa (1970) e os gramáticos Sacconi (1982) Viela e Koch (2001). Vejamos os valores preliminares no Quadro 7, a seguir:

QUADRO 7: Escopo da negação

Escopo da Negação	Não		Num	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Verbo	847/1738	48.7%	891/1738	51.3%
Advérbio	61/62	98.4%	1/62	1.6%
Substantivos	87/87	100%	0/87	0.0%
Oração	454/578	78.5%	124/578	21.5%
Adjetivos	7/8	87.5%	1/8	12.5%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Observando o desempenho das duas variantes negativas, dentre os elementos negados, a categoria verbo apresentou maior valor para a forma *num* (51.3%) e (48.7) para o *não*. Já nas orações, o percentual mais relevante ocorreu com a variante *não* (78.5%) e com a reduzida apenas (21.5%). Porém, os fatores advérbios, adjetivos e substantivos foram menos propícios para a realização no *num*, enquanto que, nesses mesmos ambientes, o *não* apresentou uma frequência significativa de (98.4%), (87.5%) e (100%) respectivamente. O que nos permite afirmar, recorrendo ao Problema da Restrição, que advérbios, substantivos e adjetivos favorecem a realização do *não* e desfavorecem a realização do *num*.

A alta produtividade da variante reduzida com verbos deve-se ao que Ramos (2002) definiu como propriedades do *num*: (i) não pode ser modificado, (ii) apresenta um ordem fixa e, por fim, (iii) não pode ocorrer sem verbo.

No entanto, para obter valores mais precisos sobre o escopo da negação, é preciso cruzar esse grupo com o Grupo 2, estrutura da negação, a fim de identificar quais as posições

sintáticas que o item negativo tem assumido ao negar o constituinte. Veremos isso mais adiante.

5.1.6 Grupo 5: Elipse do sintagma verbal

Castilho (2010) classifica o item negativo *não* na classe dos dêiticos por negar tanto o conteúdo quanto o constituinte. Roncarati (2002) acrescenta, ainda, que a negação na posição pós-verbal adquire propriedade de função elíptica a fim de evitar repetições, tornando-a mais informal e econômica.

Tomando como base o gramático, a linguista e as nossas observações do fenômeno, estabelecemos o complemento verbal como grupo de fator independente linguístico para atestar as propriedades pragmáticas. Vejamos o exemplo, a seguir:

(43)INF: eu brincava mas ele ainda brinca, o mais velho *não* [D.F.P. Fem. Faixa II PCVC]

O uso da partícula negativa *não* no excerto (43) possibilitou o apagamento de todo o conteúdo sintático sem que houvesse comprometimento do conteúdo informacional. No entanto, o mesmo não ocorreria se a variante *num* estivesse nesse contexto, pois a presença do verbo pleno é indispensável para ocorrência da variante reduzida. Depois dessas verificações, assumimos a hipótese de que o *complemento verbal não-realizado* reafirma a função dêitica e favorece a função elíptica do advérbio negativo. Os dados são apresentados no Quadro 8.

QUADRO 8: Elipse do sintagma verbal

<i>Sintagma Verbal</i>	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Realizado	648/1388	46.7%	740/1388	53.3%
Não-realizado	190/408	46.6%	218/408	53.4%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O fato de o complemento verbal ser *realizado* ou *não ser realizado* não foi determinante para nenhuma variante linguística. Esperávamos que houvesse o maior índice percentual do *complemento verbal não-realizado* para a partícula *não*. Porém, os dados apresentaram apenas (0,1%) de diferença entre eles, o que é insignificante.

Ferreira (2014), na sua dissertação, analisou o tipo de complemento verbal em relação à redução da negação, hipotetizando que complementos verbais não realizados favoreceriam a

ocorrência da redução do *não*. Todavia, ao interpretar os dados, a pesquisadora constatou que, para o complemento verbal, quando realizado, favoreceu a redução do *não* (.51) contra (.43) do não realizado.

Vale salientar que o alto índice de ocorrências, descrito no Quadro 8, da variante reduzida aconteceu, porque essa se encontrava em contexto em que o verbo principal é (in)transitivo e seu complemento era realizado. Por outro lado, a ocorrência do *num* com complemento verbal não-realizado ocorreu prioritariamente nas posições pré-verbal ou com a dupla negação e não na posição final do enunciado, como foi apresentado no excerto (39).

5.2 Grupo de fatores sociais

5.2.1 Escolaridade

O fator nível de escolaridade, geralmente, é decisivo para casos de variação linguística, isso acontece porque as instituições formais de ensino propagam a utilização da variante padrão em detrimento das outras não-padrões, que, geralmente, são estigmatizadas.

Para esse grupo, assumimos a hipótese de que informantes do Português Culto realizam mais a variante de prestígio *não*, ao passo que informantes do Português Popular produzem mais a variante fônica *num*. Apresentamos, então, os dados gerais para esse fator, no Quadro 9:

QUADRO 9: Nível de escolaridade

Escolaridade	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Popular	714/1396	51.1%	682/1396	48.9%
Culto	787/1122	70.1%	335/1122	29.9%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Através dos dados distribuídos no Quadro 9, é possível averiguar que os falantes do Português Popular apresentaram menor frequência na produção da variante *não* (51.1%) e maior frequência na variante reduzida *num* (48.9%) em relação aos informantes cultos, que realizaram o *não* em (70,1%) e o *num* em (29.9%) das ocorrências, conforme havíamos hipotetizado.

Esses resultados confirmam a hipótese inicial de que informantes do *Português Culto* realizam mais a variante padrão do que os informantes do *Português Popular* que, por sua vez, realizariam mais a variante fônica.

5.2.2 Faixa etária

Através da *faixa etária* dos informantes podemos realizar um estudo de tempo aparente para verificar se o objeto de estudo encontra-se em processo de mudança linguística ou para atestar a variação estável do fenômeno na comunidade (NARO, 2008). Isso posto, examinamos quais os valores percentuais para cada variante conforme a estratificação dos informantes que compõem os *corpora* investigados.

QUADRO 10: Faixa Etária

Faixa etária	Não		Num	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Faixa I	553/856	64.6%	303/856	35.4%
Faixa II	596/1013	58.8%	417/1013	41.2%
Faixa III	352/649	54.2%	297/649	45.8%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao examinar o Quadro 10, notamos que a maior frequência da negação com *não* ocorre com informantes da faixa I e a maior ocorrência da variante *num* encontra-se com os informantes da faixa III. A hipótese para esse grupo é parcialmente confirmada, pois não há uma discrepância relevante entre as faixas etárias evidenciando, então, a variação estável, o que pode ser facilmente constatado pelos pequenos percentuais de diferença entre as três faixas etárias para realização de ocorrências tanto do *não* quanto do *num*. Para uma visão mais detalhada sobre esse grupo de fator, faremos, posteriormente, o cruzamento das variáveis faixa etária e sexo.

5.2.3 Sexo

Pesquisas sociolinguísticas, normalmente, correlacionam as escolhas linguísticas dos informantes ao sexo e, nessa correlação, a rigor, as mulheres são mais conservadoras em relação às escolhas lexicais do que os homens. Pelo papel social que as mulheres exercem na sociedade, apresentam a tendência a utilizarem mais o dialeto de prestígio, sobretudo, nas áreas urbanas. Geralmente, as mulheres tendem a preferir a variante de prestígio e, não raro,

lideram o processo de mudança linguística, principalmente quando a forma inovadora não sofre estigma. No entanto, Lucchesi (2004) ressalta que deve ser levado em consideração o perfil masculino e feminino dentro do contexto em que estão inseridos. Considerando tais apontamentos, conforme mencionamos anteriormente nesta dissertação, passemos a analisar a variável sexo. A seguir, o Quadro 11 com os valores percentuais para cada faixa:

QUADRO 11: Sexo

Sexo	<i>Não</i>		<i>Num</i>	
	Nº de Ocor.	%	Nº de Ocor.	%
Masculino	657/985	66.7%	303/985	35.4%
Feminino	844/1533	55.1%	689/1533	44.9%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Surpreendentemente, os valores percentuais dos dados não atestaram a hipótese de que mulheres realizam mais a variante de prestígio. Ocorreu, no entanto, o maior índice da variante *não* pelos homens (66.7%) e a maior porcentagem da variante *num* pelas mulheres (44.9%). Esse, porém, não é um caso isolado, Sousa e Vitral (2010) também encontraram valores mais significativos de ocorrência da variante inovadora em mulheres do que em homens. Por outro lado, Nunes (2014) contatou, em seus estudos, resultados inversos, as mulheres foram mais conservadoras em comparação aos homens. Já Braga e Silva (2011) não consideraram o fator sexo como uma variável determinante para a produção da variante negativa e, por isso, optaram por utilizar apenas a fala de informantes do sexo masculino.

Após análise dos dados, podemos afirmar que o sexo feminino está liderando a propagação da variante linguística inovadora e, com isso, a variante *num* não constitui uma variante estigmatizada.

Em suma, essa constitui a primeira parte da análise de dados, a qual ajudou-nos a compreender o funcionamento das variantes *não* e *num* no vernáculo conquistense, considerando fatores linguísticos e sociais determinantes para a produção da negação. No entanto, ao menos tempo que as hipóteses, estabelecidas no início da dissertação, eram confirmadas ou refutadas, novos questionamentos surgiram, tais como: que relação há entre a estrutura da negação e a posição sintática que o mesmo ocupa na sentença, ou como os fatores sociais estão interligados para atestar a variação linguística da negação. Com isso posto, propusemos novas rodas estatísticas, porém estabelecendo cruzamento de fatores. A seguir, na subseção *Uma análise cruzada de dados*, discorreremos melhor sobre os novos valores probabilísticos.

5.3 Uma análise cruzada de dados

O segundo passo para obter dados mais complexos constituiu-se na eliminação dos *Knockouts*, bem como na exclusão do grupo de fator *tipo verbal*. Feito isso, passamos a estabelecer cruzamento ou amálgamas de dados. Lembrando que o cruzamento de dados consiste na combinação de dois grupos de fatores a fim de verificar como as variantes independentes comportam-se nos diversos contextos, porém de maneira mais específica. Para essa análise, estabelecemos, primeiramente, os amálgamas de fatores linguísticos e, posteriormente, os fatores sociais. Passaremos, então, a descrever os valores percentuais obtidos a partir dos cruzamentos.

5.3.1 Cruzamento 1: Estrutura da negação *versus* escopo da negação

Pretendemos observar, nesse cruzamento, a relação entre a posição sintática da negação e o elemento negado no enunciado, já que a posição sintática é determinante para alterar o valor de verdade do constituinte. Com esse propósito, verificamos, inicialmente, na primeira análise, que elementos à direita da negação não são significativamente relevantes para análise quantitativa, no entanto, essa posição dá indícios de que apenas uma variante negativa, no caso o *não*, ocorre nesse ambiente.

No Quadro 12, a seguir, apresentamos os valores probabilísticos do cruzamento entre *estrutura da negação* e *escopo da negação*.

QUADRO 12: Estrutura da negação e escopo da negação

Estrutura da negação e escopo da negação	Pré-verbal		Dupla negação		Pré-Constituinte	
	Não	Num	Não	Num	Não	Num
Verbo	673/1401 48%	728/1401 52%	35/198 18%	163/198 82%	3/3 100%	0/3 0%
Advérbio	0/0 0%	0/0 0%	1/1 100%	0/1 0%	13/14 93%	1/14 7%
Oração	6/7 86%	1/7 14%	55/178 31%	123/178 69%	4/4 100%	0/4 0%
Adjetivo	0/1 0%	1/1 100%	0/0 0%	0/0 0%	1/1 100%	0/1 0%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O *escopo da negação* é uma questão semântica, por isso requer uma interpretação cuidadosa dos contextos de ocorrências, pois, em algumas circunstâncias, o ato de negar recai em apenas um constituinte, como é o caso dos advérbios, em outros casos, em toda a oração. Ao analisar os dados, observamos a frequência relativamente pareada da variante padrão (48%) e da reduzida (52%) na posição *pré-verbal*, com escopo sobre o *verbo*, confirmando, assim, a variação linguística da negação na língua e ratifica, também, os postulados das gramáticas prescritivas, as quais consideram o *não* como um modificador do verbo.

Dentre os fatores observados nesse cruzamento, a posição *pré-verbal* com o escopo sobre a *oração* teve maior índice de ocorrências com a variante *não* (86%), porém com a reduzida, *num*, apenas (14%). Encontramos uma ocorrência com o *num* na posição *pré-verbal* com o escopo no adjetivo. Observemos o excerto (44):

(44) INF: *ele num responsável* pelo aquilo que ele fez [D.A.O. Masc. Faixa III PPVC]

É necessário ressaltar que estabelecemos dois critérios para classificamos a negação na posição sintática *pré-verbal* com o escopo sobre outro constituinte; primeiro, na maioria dos excertos encontrados, o item negativo (*não* e *num*) posicionava-se antes do *verbo*, contudo o escopo na negação recaia sobre outro elemento do enunciado. Segundo, as ocorrências de negação (*não* e *num*) na posição *pré-verbal* com o escopo sobre *adjetivos* e *advérbios*, porém com supressão do verbo pleno. Veja outro exemplo (45):

(45)INF: assim que eu *num...* disponibilidade... de viagem... de distanciar da família [J.B.D.F. Masc. Faixa III PCVC]

Diferentemente da posição *pré-verbal*, a *dupla negação* apresentou maior índice de relevância com o item *num* em *verbos* e *orações*. Quando o escopo da negação recai sobre os *verbos*, fica evidente, através dos dados, a produtividade do *num* (82%) em relação ao *não*, com apenas (18%) das realizações nesse ambiente. Por outro lado, nos turnos oracionais, houve uma considerável elevação na produção de negação *não* (31%) em contrapartida um decréscimo com o *num* (69%).

O fenômeno da *dupla negação* deve-se, a nosso ver, à necessidade interativa do falante em ser mais expressivo, mais enfático e, principalmente, para reforçar o valor semântico do primeiro *não*. Por isso, acreditamos que os elementos que intercalam a *dupla negação* são fatores determinantes para a produção ora da forma padrão *não* ora da reduzida *num*. Observamos que, diante de *verbos*, intercalados pela *dupla negação*, há propensão à variante *num* e, quando o escopo da negação é uma oração, inferimos que o item *não* ocorre com mais frequência em relação aos verbos por consequência da quantidade de elementos que intercalam a *dupla negação*, por isso duplica-se o mesmo elemento. Conformes os excertos (46) e (47) esboçam

(46)INF: nem dez eu *num* tinha *não* [D.F.P. Fem. Faixa II PPVC]

(47)INF: *não* podia falá assim *não* com os pai *não* [E.L.C. Fem. Faixa III PPVC]

A produtividade da negação em enunciados com *verbos* foi predominante nos dados, tal fato é respaldado por não haver nenhum excerto nos *corpora* em que a *dupla negação* intercalasse adjetivos e, apenas em um turno, encontramos o advérbio *agora* entre duas negações, sendo que o item negativo à esquerda do advérbio foi a variante padrão, *não*.

Na posição *pré-constituente*, verificamos ocorrências em que a negação, tanto com *não* como com *num*, posicionou-se antes de pronomes, de formas nominais dos verbos, de substantivos ou de outro elemento. Conforme os exemplos a seguir.

(48)cê acaba de forma ou *não*.. querendo ou *não* aceitando. [M.M.M. Fem. Faixa I PCVC]

(49)*não* física, então diariamente eu falo com ele, eu... tenho uma conversa, tipo um amigo imaginário sabe? [M.M.M. Fem. Faixa I PCVC]

Os exemplos (48) e (49) ilustram algumas ocorrências encontradas para esse grupo, mas vale salientar que a negação à direita do advérbio foi encontrada apenas com a negação padrão, *não*. Conforme o exemplo:

(50) “Hoje *não*”

Dentre os elementos negados na posição *pré-constituente*, apenas o grupo dos advérbios apresentou uma ocorrência com a variante fônica reduzida, com os valores de (93%) e (7%) correspondendo respectivamente aos itens *não* e *num*. Com orações, verbos e adjetivos, obtivemos o total de (100%) das ocorrências com a forma plena *não*, significando que, em nossos *corpora*, esse uso é categórico.

5.3.2 Cruzamento 2: Semântico-Pragmática e Escopo da Negação

A função de *manobra discursiva* é inovadora no vernáculo conquistense, e, como consequência disso, foram encontradas poucas ocorrências. Entretanto, essas são suficientes para identificar as primeiras características de função inovadora, por isso estabelecemos o cruzamento entre o grupo semântico-pragmático com o escopo da negação a fim de verificar qual o escopo das funções de *manobra discursiva* e da negação como *resposta*.

Observamos, no Quadro 13, o desempenho das novas funções da negação e o escopo da negação sobre os elementos.

QUADRO 13: Semântica Pragmática e Escopo da Negação

Semântica Pragmática e Escopo da Negação	Manobra Discursiva		Resposta	
	Não	Num	Não	Num
Verbo	2/4 50%	2/4 50%	82/96 85%	14/96 15%
Advérbio	4/4 100%	0/4 0%	20/20 100%	0/20 0%
Oração	2/2 100%	0/2 0%	343/345 99%	2/345 1%
Adjetivo	2/2 100%	0/2 0%	1/1 100%	0/1 0%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Chegamos à conclusão de que em contextos de *advérbios*, *orações* e *adjetivos*, o *não* é categórico na função de *manobra discursiva* e, apenas com verbos, é possível a alternância entre as variantes *não* e *num*. Já com a função *resposta*, o *não* apresentou (100%) dos dados

para o escopo da negação em advérbios e adjetivos, porém, na presença de verbos e orações, o *não* apresentou valor percentual de (85%) e (99%) respectivamente, com o *num* ocorreu apenas (15%) com verbos e (1%) com orações.

5.3.3 Cruzamento 3: Estrutura da Negação e Semântica Pragmática

Ao coletar os dados nos quais encontramos ocorrências das variantes *não* e *num* exercendo a função de *manobra discursiva* e *resposta*, nos ativemos ao fato de que a posição sintática do item negativo *não/num* possa variar a depender do elemento negado, em consonância com nossas observações preliminares, estabelecemos o cruzamento entre a *estrutura da negação* e a *semântica pragmática da negação*. Vejamos os resultados obtidos no Quadro 14.

QUADRO 14: Estrutura da negação e Semântica Pragmática

Estrutura Da Negação e Semântica Pragmática	Pré-verbal		Dupla negação		Pré-Constituinte	
	Não	Num	Não	Num	Não	Num
Manobra Discursiva	0/ 0%	2/ 100%	0/ 0%	0/ 0%	10/ 100%	0/ 0%
Resposta	3/ 75%	1/ 25%	3/ 18%	14/ 82%	0/ 0%	0/ 0%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao examinar os dados, constatamos que, nas posições pré-verbal e dupla negação, a negação com *não* teve (0%) de ocorrências enquanto que, na posição *pós-constituente*, encontramos 10 dados que totalizam (100%) de frequência para essa posição. Por outro lado, na função *resposta*, não encontramos nenhum dado para a posição *pré-constituente*, já para a posição pré-verbal (75%) para o *não* e (25%) para a variante *num* e, por fim, a posição *dupla negação* apresentou o maior índice, considerando a função *resposta*, o total de (82%), para a variante *num* e (18%) para o *num*. Acreditamos que esse percentual da variante *num* para a função *resposta* na posição *dupla negação* é decorrente da interpolação do *verbo* ou da *oração*.

5.3.2 Cruzamento 2: Estrutura da Negação e Elipse do Sintagma Verbal

A realização ou não do *complemento verbal* é imprescindível para atestar o caráter elíptico da negação, portanto, estabelecemos como fatores a estrutura da negação e o complemento verbal.

QUADRO 13: Estrutura da Negação e Elipse do Complemento Verbal

Estrutura da Negação e Elipse do Complemento Verbal	Pré-verbal		Dupla negação		Pré-Constituinte	
	Não	Num	Não	Num	Não	Num
Realizado	550/1121 49%	571/1121 51%	62/231 27%	169/231 73%	1/1 100%	0/1 0%
Não-realizado	84/203 41%	119/203 59%	17/116 15%	99/116 85%	2/2 100%	0/2 0%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na posição *pré-verbal* com o complemento realizado, as duas variantes apresentaram uma diferença pouco significativa de apenas (2%), isto é, o *não* com (49%) e o *num* com (51%). No que se refere ao *complemento verbal não-realizado* na posição *pré-verbal*, o *num* obteve maior significância do que o *não*, (59%) e (41%) respectivamente, sendo, portanto, metade das ocorrências.

Ao observar a posição *dupla negação* em relação ao complemento verbal, percebemos que o nível de significância é maior com a variante reduzida, totalizando, com relação à negativa *não* (73%) para o *complemento realizado* em oposição ao item *não* com (27%), o mesmo se deu com *complemento verbal não-realizado* (85%) das ocorrências foram com o item *num* enquanto que com a variante *não* apenas (15%).

Já na posição *pré-constituente*, os dados foram categóricos para a produção do *não*. Essa estrutura não é essencial para atestar a propriedade elíptica da negação, embora tivessem sido encontrados excertos em que a negação tenha essa função. Não nos ateremos porém, a esses, visto que foram poucos os dados com constituintes nominais. Optamos, assim, por focalizar as posições em que o verbo é o elemento principal.

5.3.4 Cruzamento 4: Faixa Etária e Nível de Escolaridade

Compreendemos que o comportamento da variante através dos fatores sociais, grau de *escolaridade* e *faixa etária*, auxiliam na constatação da variação ou da mudança em processo do fenômeno linguístico. Dada essa importância, realizamos cruzamentos para observar como a negação tem sido propagada pelos informantes, conforme esses condicionantes.

O nível de *escolaridade* é determinante para a manutenção e preservação da variante padrão devido o ensino formal, bem como os meios de comunicação. Consideraremos, portanto, no Quadro 15, a relação entre a faixa etária dos informantes e o seu nível de escolaridade.

QUADRO 15: Faixa Etária e Nível de Escolaridade

Faixa Etária e Nível de Escolaridade	Faixa I		Faixa II		Faixa III	
	Não	Num	Não	Num	Não	Num
Popular	215/416 52%	201/416 48%	283/642 44%	359/642 56%	216/338 64%	122/338 36%
Culto	338/440 77%	102/440 23%	313/371 84%	58/371 16%	136/311 44%	175/311 56%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Informantes populares que integram a Faixa I realizaram menos ocorrências negativas com o *não* (52%), do que informantes cultos, da mesma faixa etária, (77%). Ao lado desses resultados com o item *não*, os dados da variante reduzida foram de (48%) para informantes populares e (23%) para informantes cultos. De modo geral, os informantes cultos, isto é, com mais de onze anos de escolaridade, realizaram mais estratégias negativas com *não* do que informantes populares que intercalam entre as duas variantes. Embora, saibamos que os contextos discursivos podem influenciar na produção linguística, julgamos que a predominância da variante *não* na Faixa I com informantes cultos resulta da inserção dos mesmos em instituições formais de ensino e no consequente contato com outros gêneros textuais de diversas modalidades.

Na Faixa II, a maior frequência da variante *não* ocorreu com os informantes cultos (84%) ao passo que o inverso ocorreu com os informantes populares da Faixa II (44%). Sobre o *num* obtivemos maior frequência (56%) com os informantes populares da Faixa II do que com informantes cultos (16%). Comparando as Faixas I e II, percebemos um aumento das variantes reduzidas de (8%) nos informantes populares e um declínio de (7%) das variantes

reduzidas nos informantes cultos, ratificando, assim, a hipótese inicial de que informantes populares privilegiam a variante inovadora, *num*, na oralidade.

Na Faixa III, curiosamente, aconteceu algo inesperado: os informantes populares realizaram mais a variante padrão (64%) do que os informantes cultos (44%) e a variante reduzida foi mais produzida pelos informantes cultos (56%) do que pelos os informantes populares (44%). Presumimos que o fenômeno da variante *não* ser mais frequente tanto em informantes cultos quanto populares está ligado ao acesso imediato às mídias e outros meios sociais que propagam a variante padrão. Por outro lado, é provável que os informantes cultos apresentem uma consciência da forma das duas variantes e, por isso, realizam a alternância entre elas. Nesse sentido, possivelmente, as formas *não* e *num* são consideradas socialmente como marcadores e não como estereótipos, na perspectiva laboviana, por esse grupo de informantes.

Desse modo, constatamos que a variante padrão, *não*, foi mais frequente com informantes cultos da Faixa etária II, com (84%), ao passo que a forma reduzida *num* teve, curiosamente, valores iguais de (56%) para informantes populares da Faixa II e cultos da Faixa III.

5.3.5 Cruzamento 5: Faixa Etária e Sexo

Segundo os postulados variacionistas, as mulheres são responsáveis em propagar a variação linguística caso essa não seja estigmatizada. Veremos, então, a partir do amálgama sexo e faixa etária, se as mulheres são as precursoras da variante reduzida *num*, no próximo quadro.

QUADRO 16: Faixa Etária e Sexo

Faixa Etária e Sexo	Faixa I		Faixa II		Faixa III	
	Não	Num	Não	Num	Não	Num
Homem	250/359 70%	109/359 30%	207/294 70%	87/ 294 30%	200/332 60%	132/332 40%
Mulher	303/497 61%	194/497 39%	389/719 54%	330/719 46%	152/317 48%	165/317 52%

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Ao analisar o Quadro 16, verificamos que os homens da Faixa I realizaram mais a variante *não* (70%) do que as mulheres da mesma faixa etária (61%). Sobre a variante

reduzida, ocorreu a maior produção com as mulheres (39%) do que com os homens (30%). Na Faixa II, houve similaridade nos valores numéricos com a Faixa I, os homens produziram (70%) de negação com *não* e (30%) com a reduzida, *num*. As mulheres, no entanto, aumentaram na produção das variantes reduzidas (54%) e diminuíram na forma plena, *não*, (54%), mas mantiveram a diferença entre as faixas. Na Faixa III, os homens lideraram a produção do *não* (60%) em relação às mulheres (48%), porém as mulheres foram mais inovadoras ao produzir a variante reduzida (52%) em comparação aos que os homens (40%).

Constatamos, através dos dados percentuais, que os homens mantiveram uma frequência regular de ocorrências nas duas variantes negativas de (70%) para o *não* e (30%) para o *num* nas Faixas I e II, e apresentou um declínio na produção da variante padrão *não* na Faixa III e um aumento de (10%) na variante *num* na mesma faixa. O que significar dizer, em termos labovianos, que o fenômeno da negação está em processo de variação estável e, além disso, os resultados encontrados nesse cruzamento refuta a hipótese inicial de que as mulheres são mais conservadoras na manutenção da forma padrão e confirma a ideia de que a variante *num*, como mencionada anteriormente, não sofre estigma analisando os *corpora* analisados e o gênero entrevista.

5.3.6 Visão geral da seção

Ao findar essa análise de dados, podemos sintetizar nossos resultados em:

- A negação com o *não* é categórica nas estruturas *isolado* e *pré-* e *pós-constituente*, enquanto que o *num* é favorecido nos ambientes de *dupla negação* e *pré-verbal*;
- A *estrutura do verbo* não foi relevante significativamente para a produção dos elementos negativos;
- O valor semântico-pragmático da negação apresentou maior frequência da variável negativa *não* nas três funções: *manobra discursiva*, *introdutor discursivo* e *resposta*;
- O escopo da negação apresentou maior índice nos *advérbios*, *substantivos*, *oração* e *adjetivos* com a variante *não*, já com a variante *num* apenas o verbo obteve maior percentual em relação ao *não*;
- O *complemento verbal* realizado e não-realizado não foi determinante para análise;
- Os fatores sociais constitui-se de maior produção da variante padrão por informantes cultos, maior frequência da negação do *não* por informantes da Faixa I e maior realização da variante reduzida por informantes do sexo feminino.

Sobre os cruzamentos de fatores, obtivemos os seguintes resultados:

- No cruzamento *estrutura da negação* e o *escopo da negação*, encontramos o maior valor estatístico para a variante *num* na posição *pré-verbal* em relação ao *não*. Em contrapartida, o *não* foi categórico nas posições *dupla negação* com escopo sobre *advérbios* e na posição *pré-constituente* com escopo sobre *verbos* e *orações*;
- No cruzamento *estrutura da negação* e *elipse do complemento*, obtivemos uma diferença mínima de 2% entre as duas variantes na posição *pré-verbal*, no entanto, no complemento verbal não-realizado, o *num* teve maior percentual em relação ao *não*;
- No cruzamento semântico-pragmático e escopo da negação, o *não* foi categórico na função de *manobra discursiva* sobre o escopo em *advérbios*, *orações* e *adjetivos*;
- No cruzamento *estrutura da negação* e semântica-pragmático, o *não* foi categórico na posição *pré-constituente* e o *num* na posição *pré-verbal*, na função de *manobra*

discursiva. Já na função *resposta*, o *não* apresentou maior índice de frequência na posição pré-verbal, enquanto que o *num* maior produção na posição *dupla negação*;

- No cruzamento faixa etária e nível de escolaridade, verificamos a maior produção do item *não* na Faixa I e III do Português Culto enquanto que o *num* foi predominante na Faixa II do Português Popular e na Faixa III do Português Culto;
- No cruzamento *faixa etária* e *sexo*, constatamos maior produção da variante reduzida *num* por informantes do sexo feminino na Faixa I, II e II em comparação aos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou as variantes *não* e *num* no vernáculo dos falantes de Vitória da Conquista- BA, visando responder questões: (i) as variantes negativas, *não* e *num*, estão em variação estável ou em mudança em progresso? (ii) Quais são as novas funções semânticas da negação? Com as questões norteadoras bem definidas passamos, então, as considerações teóricas, metodológicas e análise de dados.

Iniciamos com a seção *Fundamentação Teórica*, na qual apresentamos as teorias que estruturaram esse estudo. Da *Sociolinguística*, exploramos os principais conceitos sobre variação e mudança linguísticas e a relação entre os fatores internos e externos à língua que interferem no sistema, bem como o conceito de sincronia e diacronia. Da teoria *Funcionalista Norte-Americana*, apropriamo-nos da concepção de que a língua é dinâmica e fluida e de que a gramática emerge do discurso. Tratamos, também, do princípio da *gramaticalização* por duas correntes, a de Lehman (1995 [1982]) e de Hopper (1991), e adotamos, por questões metodológicas, a concepção de Hopper (1991), já que acreditamos que a negação está em processo inicial de gramaticalização. Por fim, nessa seção, apresentamos a união de duas teorias que resultou no que conhecemos como o *Sociofuncionalismo*, base do estudo empreendido.

Na segunda seção, *Dos dicionários às gramáticas: as definições de negação*, fizemos um percurso dos dicionários às gramáticas históricas, prescritivas e descritivas a fim de verificar as definições atribuídas à partícula negativa. Nos dicionários, encontramos as primeiras prescrições do *não* acoplado ao verbo e exercendo a função de prefixo. Nas gramáticas históricas e prescritivas, por sua vez, verificamos que o *não* está classificado como advérbio negativo que modifica o valor de verdade da sentença e, por isso, deve-se posicionar à esquerda do verbo. Por último, nessa seção, trouxemos as gramáticas descritivas, que, por sua vez, apresentaram as funções sintáticas, semânticas e pragmáticas do *não*, explorando mais a complexidade desse item, ampliando as possibilidades da sua relação sintática e as suas funções semântico-pragmáticas na língua em uso.

Na terceira seção, *Os estudos linguísticos sobre a negação e suas variantes*, destinamos à descrição de estudos de cunho Sociolinguísticos, Funcionalistas e Sociofuncionalistas que verificaram, com base na língua em uso, as ocorrências do *não*, considerando fatores de ordem linguística e extralinguística. Apresentamos pesquisas de Nunes (2014), Reimann e Yacovenco (2014) e Braga e Silva (2011), que estudaram as três variantes [Não V], [Não V Não] e [V Não]; de Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996)

sobre a variante [V Não]; e, por fim, de Alkim (2002), Furtado da Cunha (1996), Ramos (2002), Sousa e Lorenzo Vitral (2010) e Goldnadel, Lima, Breuning, Esquiviel e Luz (2012), que descreveram as principais características da dupla negação, [Não V Não]. Essa seção foi de fundamental importância para fundamentar a nossa discussão, por ter contribuído para elaborar as hipóteses investigadas nas análises dos dados.

Na quarta seção, *Metodologia*, discorremos sobre os *corpora* investigados, o programa estatístico utilizado para o tratamento dos dados e os fatores sociais e linguísticos e suas respectivas hipóteses. Culminamos com a seção *A negação do Português Brasileiro Conquistense: Análise dos dados*, na qual expusemos as constatações estatísticas das variantes negativas, *não* e *num*, através de rodadas e cruzamentos estatísticos.

Por meio de quadros e gráficos, nessa seção, apresentamos os valores percentuais das variantes negativas *não* e *num* e verificamos a alta produtividade do fenômeno no vernáculo conquistense. O primeiro grupo de fator linguístico analisado foi a *estrutura da negação*, a qual teve por finalidade verificar as posições sintáticas da negação. A hipótese inicial é de que as variantes *não* e *num* eram favorecidas nas posições pré-verbal e na dupla negação, e apenas o *não* era favorecido na posição pós-constituente. Tal hipótese foi confirmada pelos dados.

A *estrutura do verbo* foi a segunda variável independente investigada. Nela, procurávamos observar se o fator verbo pleno ou locução verbal condicionava a ocorrência das variantes negativas. Porém, os dados obtidos nesse grupo não foram relevantes para chegar a uma conclusão específica já que a diferença percentual entre o verbo pleno e locução verbal foi irrelevante.

Visto que observávamos que a negação tinha ampliado seu leque de funções, estabelecemos o terceiro grupo linguístico: o valor *semântico-pragmático da negação*. Nesse, agrupamos a função de *introdutor discursivo*, *manobra discursiva* e *resposta*, todas atribuídas ao *não*. Estávamos cientes de que a variante reduzida *num* não seria favorecida na função de *introdutor discursivo*, pois a literatura o descreve com o estatuto de quase-clítico. Depois dessa ressalva, aplicamos o princípio da gramaticalização desenvolvido por Hopper (1991) e percebemos que as novas funções da negação indica que o valor semântico da negação está em processo de gramaticalização.

Na seção *Dos dicionários às gramáticas: as definições de negação*, vimos que as gramáticas prescritivas atribuem ao *não* a função de modificador de verbos e de outros advérbios. Porém, durante a coleta dos dados observamos que, embora essa particularidade do *não* seja predominante, outros elementos também estavam sobre o escopo da negação, por

exemplo, adjetivos, orações e substantivos. Por isso, elaboramos um grupo que pudesse abranger tanto itens prescritos pelas gramáticas (verbos e advérbios) como as nossas primeiras observações (adjetivos, orações e substantivos) e, então, verificar a frequência de ocorrência para cada elemento em relação à negação. Consolidando, assim, o quarto grupo: o *escopo da negação*. Nos resultados obtidos, o verbo apresentou o maior percentual, seguida pelas orações, tanto para o *não* como para o *num*. Os advérbios, adjetivos e substantivos, no entanto, foram menos propícios para a ocorrência do *num*, mas favorável para o *não*.

Outro grupo linguístico elaborado foi o *complemento verbal* a fim de atestar a função elíptica do *não* e confirmar a função dêitica e elíptica do *não*. Os valores percentuais entre as variantes *não* e *num*, em nossos *corpora*, no entanto, não foram significativos a ponto de atestar esse postulado. Concluimos, então, que seria necessária, em outro momento mais oportuno, uma nova análise.

Com relação às variáveis sociais, elegemos o nível de escolaridade, a faixa etária e o sexo para a análise dos dados.

O nível de *escolaridade* sempre foi um fator determinante para a manutenção ou a exclusão de uma variante no sistema linguístico, com a negação não é diferente. Investigamos a relação entre o nível de escolaridade e a produção da variante *não* e a variante reduzida *num*. Elegemos como hipótese que informantes do Português Popular realizam mais a variante *num*. Os dados confirmaram essa hipótese.

A variável *faixa etária*, também, foi analisada e os valores encontrados confirmaram parcialmente a hipótese de que valores não são discrepantes entre os informantes das Faixas II e III, o que nos sinaliza uma variação estável.

Por fim, o último grupo foi o *sexo* (masculino e feminino). Acreditávamos que as mulheres eram mais conservadoras em relação à forma da variante negativa do que os homens, mas os dados não confirmaram essa hipótese. O *num* foi predominante na fala de informantes do sexo feminino. Resultado que nos permitiu inferir que a variante *num* não é estigmatizada.

Alguns fatores, quando combinados entre si, podem apresentar novos valores e, conseqüentemente, novos apontamentos para compreender a variação linguística. Por isso, realizamos cruzamentos de fatores e obtivemos os seguintes resultados: (i) no grupo *estrutura da negação* e *escopo da negação*, a negação com *num* apresentou maior valor percentual em comparação ao *não*, nessa posição. Já nas posições dupla negação, pré-verbal e pós-constituente, o *não* foi categórico; (ii) no grupo *semântico-pragmático* e *escopo da negação*, o *não* foi categórico nas funções *manobra discursiva* e *introdutor discursivo*; (iii) no

cruzamento *estrutura da negação* e *semântico-pragmático*, o *não* teve maior frequência na posição verbal e o *num* maior ocorrência na posição *dupla negação*; (iv) os cruzamentos das variáveis sociais demonstraram que informantes do sexo feminino e faixa I,II e III realizam mais a variante reduzida.

Diante do que foi exposto, constatamos que negar é uma atividade cognitiva que expande os limites das gramáticas e, por isso, tem adquirido novas propriedades linguísticas. Prova disso são as variantes sintáticas e semânticas apresentadas nesse estudo.

Realizado esse estudo, esperamos contribuir com pesquisas na área e com o registro de fenômenos no vernáculo conquistense.

REFERÊNCIAS

- ALKIM, M.G.R. *Negativa pré- e pós- verbal: implementação e trasição* In: COHEN, M.A. RAMOS, J.M. (Orgs.) *Dialeto Mineiro e outras formas de falar: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG, 2002. p. 169
- ALKMIM, T. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínio e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-27
- ALMEIDA, N.M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 2. ed., volume iv, 5. ed. copyright by editora delta s.a, 1964
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa* .37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004
- BENNER, T. M. *Modelo de Klima e a dupla negação em Português*. Porto Alegre: EDURGS, 1981.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- BRAGA, L.; SILVA, J.F.T. Análise funcionalista das estratégias de negação do português oral culto de Fortaleza: um estudo de caso. *Entrepalavras*, Fortaleza – ano 1, v. 1, n.1 p. 69-84, ago/dez 2011
- BUENO, F.S. *Grande Dicionário Etimológico – Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Brasília Limitada, 1968. 6 v
- CAMPOS, L. O desenvolvimento do prefixo não. In: OLIVERIA, K, CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J. orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 247-271. ISBN 978-85-232-1183-7. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>
- CARVALHO, J. M. *Dicionário Prático da Língua Nacional* . v.3 Editôra Egéria S.A 1968
- CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010
- CASTILHO, A. Undirectionality or multidirectionality? *Revista GEL*, São Paulo, vol.1, n.1, p.35-48, 2004
- CAVALCANTE, R. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais e afro-descendentes*. Dissertação de Mestrado. UFBA, Salvador, 2007.

CEZARIO, M. M. MARQUES, P.M. ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M.C. JÚNIOR, C.F. (Orgs.) *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.224

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. p.357.

CRUZ, A. *Prontuário de Análise Gramatical e Lógica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1948.

CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009

FERREIRA, A. B. H. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 8. ed., 2010

FERREIRA, N.S. *O fenômeno de redução da partícula não no Português falado na cidade de Salvador*. Dissertação de Mestrado. UNEB. Salvador, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M.A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M.M. (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.167-189.

FURTADO DA CUNHA, M.A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *Delta*. Vol.17. nº 1, São Paulo, 2001

GONÇALVES, S.C. CARVALHO, C.S. Critérios de Gramaticalização. In: GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C. CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S.C.L. LIMA-HERNANDES, M.C. CASSEB-GALVÃO, V.C. CARVALHO, C.S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C. CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D. *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004.

HOUAISS, A. VILLAR, S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* ônio Houaiss e Mouro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INTERNACIONAL, M. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 2. ed., 1977.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, G. C. B. DE *MEYO A MEIO QUE: USOS E GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM LINGUÍSTICO MEIO NO VERNÁCULO CONQUISTENSE*. Dissertação de Mestrado. UESB. Vitória a Conquista, 2016.

LIMA-HERNANDES, M. C. A evolução da gramática e o aporte funcionalista bases teóricas. In.: LIMA-HERNANDES, M. C. *Indivíduo, Sociedade e Língua: cara, tipo assim, fala sério!*- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC 1987. 267 p.

MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. 1967

MARTELOTTA, M. E.; WILSON, V. Arbitrariedade e iconicidade. In.: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCCHESI, D; ARAÚJO S. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>>. Acesso em 19/07/2017

MARTELOTTA, M.E. KENEDY, E. A visão funionalista da linguagem no século XX. In.: FURTADO DA CUNHA, M.A. OLIVEIRA, M.R. MARTELOTTA, M.E. (Orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MIOTO, C. F. S. *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*, 1992. 246 f. Tese de Doutorado em Ciência. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas. 1992

MIOTO, C. NAMIUTE, C. Clíticos e negação em português: elementos para uma descrição gramatical. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v.16, n.spe, p. 95-123 , 3 dez 2014

MATEUS, M.H.M.et. al. *Gramática da língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho- Colecção Universitária, 2003

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, M.C. BRAGA, M.L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2 ed.São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-81

NARO, A. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, C., BRAGA, M.L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p.43-50.

NASCENTES, A. *Dicionário da Língua Portuguesa* .Departamento de imprensa nacional, 1966

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000

NUNES, E. S. O. A negação do Português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em corpus. 2014. *Revista do SELL*. v. 4, n° 1, p.1-19

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: fonética e morfologia*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975

OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2006. p.44-51)

PAIVA, M. C. *A variável gênero/sexo*. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERINI, M.A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2004.

PINTO, L. M.S. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

RAMOS, J.A. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: uma caso de mudança linguística. In: COHEN, M. e RAMOS, J. (Orgs.). *Dialeto Mineiro e outras formas de falar: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG, 2002. p. 172

REIMANN, C.A.; YACONVENO, L.C. A negação no português falado em Vitória/ES: atuação de fatores discursivos e pragmáticos. *Anais do II CONEL- Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*. 2014. 35-37 p.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramatica normativa da língua portuguesa*.43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A.T., RONCARATI, C. e MOLLICA, M.C. (Orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996

SACCONI, L.A. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1982

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1966/ 2001.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964

SCHERRE, M.M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G.M.O.; SCHERRE, M.M.P. (Orgs.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. 39-50

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado*, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, G.M.O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVEIRA BUENO, F. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1944.

SOUSA, L. VITRAL, L. Formas reduzidas do item “não” no Português Brasileiro. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologia e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010

SOUSA, V. V. *OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

TARALO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, M.A. Sociofuncionalismo: Um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Itabaiana/ SE, *Edição especial ABRALIN/ SE*, Ano VIII, v. 17, jan./jun.2013

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese de Doutorado – UFSC, Florianópolis, 2003

VILELA, M. KOCH. I.V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Livraria Almedina. Coimbra, 2001.

ANEXOS

Anexo 1



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL
Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo
&
Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Aplicada

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

Abaixo, seguem sugestões de perguntas, topicalizadas por tema, que podem ser feitas na entrevista com o informante selecionado previamente através do Perfil Social.

Infância:

1. Como foi a sua infância?
2. Você se lembra de alguma história interessante que tenha acontecido com você na sua infância? Ou você se lembra de alguma história interessante na sua infância com você, com sua família ou com alguém conhecido?
3. Como eram as brincadeiras na sua infância?
4. O que você acha das brincadeiras de sua época em relação às brincadeiras de hoje?
5. Na sua opinião, as crianças sempre se divertem independentemente do tipo de brinquedo, sempre se adaptam? Ou as crianças eram mais felizes antes que hoje ou o contrário disso são mais felizes hoje, porque têm mais recursos, do que antes?
6. No Brasil e na própria região onde moramos, há crianças que trabalham desde cedo. Você conhece alguém nessa situação?
7. O que você acha disso?

Localidade - bairro/ rua

1. Você sempre morou nesse bairro?
2. Você acha bom morar aqui? Por quê?
3. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
4. Como é que é morar nesse bairro? É movimentado ou tranquilo? Você preferiria que fosse como?
5. E a vizinhança? Como ela é?

Localidade – cidade

1. O que você acha de morar em Vitória da Conquista? Por quê?
2. Você falou que gosta (ou que não gosta) de Micareta/ Carnaval. O que você costuma fazer nesse período?
3. Você falou que gosta (ou que não gosta) de São João. O que você costuma fazer nesse período?
4. Você tem vontade de morar em outro lugar? Qual? Por quê?
5. O que você acha do clima daqui? Você gosta ou não? Por quê?
6. E os conquistenses? O que você acha das pessoas que moram aqui?
7. Quando você viaja e passa um tempo fora, quando volta tem saudades de quê? Por quê?

Profissão:

1. Você trabalha em quê?
2. O que você faz no seu trabalho? Conte a sua rotina, um dia de trabalho.
3. É essa sua profissão?
4. Você tem vontade de trabalhar em outra coisa ou em outro lugar? Por quê?
5. Como foi a experiência para você do primeiro emprego?
6. Se fosse para você escolher hoje uma profissão, qual você escolheria ? Por quê?
7. Você se lembra de algum fato interessante ocorrido no seu trabalho?

Escola:

1. Onde você estuda? Tem quanto tempo que estuda lá?
2. Quais foram os motivos que impediram/ que dificultaram que você estudasse?
3. Você gosta da escola? Por quê?
4. Você teve vontade de estudar?
5. Você acha o estudo interessante e importante? Por quê?
6. O que você acha da educação em Conquista?
7. Você vê diferença na educação de hoje e na educação de antes? Em que são diferentes?
8. Você se lembra de alguma história interessante que aconteceu na escola?
9. Qual é a disciplina que você mais gosta? Por quê?
10. Se você pudesse retirar uma disciplina da escola, qual você retiraria? Por quê?
11. Você pensa em fazer vestibular? Para quê?
12. Quais os motivos que contribuíram para você escolher esse curso?
13. O que você mais gosta (ou mais gostava) na escola?

Família:

1. Como é a sua família? Você tem quantos irmãos?
2. Como é que são seus pais? Fale um pouco sobre eles.
3. Como é que são seus irmãos? Onde moram? O que fazem?
4. Vocês passavam muito tempo juntos na infância? O que vocês faziam juntos?
5. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família na infância?
6. Lembra de alguma história interessante vivida com a sua família?
7. Lembra de alguma viagem? Conte.
8. Você tem filhos? Como é o seu relacionamento com eles?
9. O que você acha que faz por eles que seus pais não fizeram com você?
10. Você é casado (a), tem namorado (a)? Como vocês se conheceram?

Lazer:

1. O que você costuma fazer em Conquista nos finais de semana? Você costuma sair? Para onde?
2. O que costuma fazer nesse lugar?
3. Você disse que gosta de cinema/ novela. Tem algum (a) filme/novela em especial que tenha marcado você? Que você goste mais? Qual?
4. Conte um pouco a história dele (a).
5. O que você acha das opções de lazer em Conquista?
6. O que você acha que poderia melhorar?
7. Qual é a sua diversão preferida?
8. Qual é o estilo de música que você mais gosta? Por quê?
9. O que você acha dessas músicas atuais?
10. Qual é a sua religião? Fale um pouco a respeito dela.
11. Com relação à religiosidade, a sua família também pensa como você?
12. Costuma ler livros? Lembra de algum que tenha lido? Conte a história.

Pessoais:

1. Estudar e trabalhar para você são difíceis de conciliar? Por quê?
2. O que você acha da sua forma de falar? Por quê?
3. Você mudaria alguma coisa no seu jeito de falar?
4. Você acha que todos os brasileiros falam da mesma forma? Por quê?
5. Você conhece alguém que fala diferente de você? Como é essa diferença?
6. Você já teve alguma doença mais séria? Qual foi?
7. Você já esteve diante de um evento de morte de uma pessoa querida? Como foi?
8. Como você se sentiu?
9. Você já fez algo que se arrependeu depois? Conte.
10. O que mais magoa você?
11. Você tem algum sonho? Conte.
12. Se tivesse um cargo tipo presidente da república o que faria de imediato? Por quê?
13. O que você gostaria de ver publicado na manchete de um jornal?
14. Você gosta de novelas? Quantas costuma assistir diariamente? Qual é a que mais gosta na atualidade ? Por quê?
15. Ao ler revistas, o que procura nas mesmas? Qual é o seu maior interesse nas revistas?
16. E futebol? Qual é o seu time? Gosta de assistir aos jogos pela televisão ou rádios? Por quê?
17. Costuma ir a estádios?
18. Como é assistir a um jogo em um estádio?
19. Costuma viajar nas férias?
20. Há algum lugar específico que sempre vai ou escolhe lugares diferentes?
21. O que você procura fazer quando viaja? Geralmente, qual é o motivo que o faz viajar: férias, ver amigos, visitar parentes, trabalhar, participar de eventos?
22. E esse São João? O que você fez nesse São João?
23. Tem planos para as próximas férias? Quais?

Anexo 2



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL
Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo
&
Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Número: _____ Data : ____/____/20____
Entrevistador: _____ Local / Bairro : _____

1. Nome: _____

2. Endereço: _____

3. Telefone(s) para contato: _____

4. Data de nascimento: _____

5. Naturalidade: _____

6. Oriundo da : () Zona urbana () Zona rural

7. Há quanto tempo você mora nesse bairro?

8. Qual é a naturalidade dos seus pais?

PAI : _____

MÃE: _____

9. Há quanto tempo seus pais moram em Vitória da Conquista?

10. Você estuda?

() sim

() não

() nunca estudou

11. Qual a série? _____

12. Até que série estudou? _____

13. Por que não continuou os estudos? _____

14. Você trabalha? () sim () não

15. Em quê? _____

16. É essa a sua profissão? () sim () não

17. Você tem uma outra profissão? () sim () não

18. Qual é a sua profissão? _____

16. Você se sustenta sozinho(a)? () sim () não

17. Você recebe ajuda financeira de quem?

() família

() outros (quem? _____)

18. Qual a sua renda mensal aproximada (ou renda familiar)

Renda individual : _____

Renda familiar : _____

19. Além de você, quantas pessoas moram em casa?

20. Qual é a relação de parentesco que há entre vocês?

() parente (s) (indicar) : _____

() não parente (indicar): _____

21. Você costuma ver TV? () sim () não

22. Qual (is) programa(s) assistidos por você?

() novela Quais ? _____

- () notícias Quais? _____
 () esportes Quais? _____
 () outros Quais? _____

23. Você acompanha alguma novela ? Qual (quais)? _____

23.Você costuma ouvir rádio? () sim () não

24.Em que horário você ouve? _____

25.Qual(is) é/são o(s) programa(s) ouvido(s) por você? _____

26. Em média , quanto tempo do se dia você passa:

a) assistindo TV _____

b) ouvindo rádio _____

26.Você lê jornal?

() sim, diariamente () não () de vez em quando

27.Qual (is) jornal (is)? _____

28.Quais são as partes do jornal que você mais tem interesse?

29.Você gosta de ler revistas? () sim () não

30.Qual (is) revista (s)? _____

31. Você costuma usar internet? () sim () não

32. Onde? _____

33. Quanto tempo você costuma usar? _____

34. O que você costuma acessar (ver) na internet?

31.Você costuma ir ao cinema?

() sempre

() não

() de vez em quando

32.Qual tipo de filme você prefere?

- ☐ romance
- ☐ comédia
- ☐ drama
- ☐ suspense
- ☐ ação
- ☐ outros

33.Você se lembra de algum filme em especial?

33.Qual a sua diversão favorita? _____

34.Você gosta de micareta/carnaval? ☐ sim ☐ não

35.Você gosta de São João? ☐ sim ☐ não

36. Você gosta do Natal ☐ sim ☐ não

37.Você gosta de futebol? ☐ sim ☐ não

38.Qual time? _____

39.Você tem alguma religião? ☐ sim ☐ não

40.Qual é a sua religião? _____

41.Você é uma pessoa que

- ☐ nunca sai de Vitória da Conquista
- ☐ só sai a negócio
- ☐ sempre sai para passear

42.Passa muito tempo fora da cidade?

- ☐ menos de um mês
- ☐ mais de um mês (especificar)

Atitude: Receptivo/Extrovertido ☐

Refratário/Introvertido ☐

A IMPORTÂNCIA DESSA FICHA É:

- CONTRIBUIR PARA A SELEÇÃO DOS INFORMANTES DESEJADOS NA PESQUISA;
- CONTRIBUIR PARA A ELABORAÇÃO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA.